UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

MÁRCIO LUIS ALVES PAIVA

A PAISAGEM URBANA NUMA ABORDAGEM CULTURAL DA GEOGRAFIA: PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS NA CIDADE DE SOBRAL - CE

FORTALEZA – CEARÁ
2009

MÁRCIO LUIS ALVES PAIVA

A PAISAGEM URBANA NUMA ABORDAGEM CULTURAL DA GEOGRAFIA: PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS NA CIDADE DE SOBRAL - CE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC) como requisito para a obtenção do grau de Mestre.
Orientadora: Profª. Drª. Fátima Maria Soares Kelting

FORTALEZA - CEARÁ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P169p Paiva, Márcio Luis Alves.
A paisagem urbana numa abordagem cultural da geografia : percepções e vivências na cidade de Sobral-CE / Márcio Luis Alves Paiva. – 2009.
127 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2009.
Orientação: Profa. Dra. Fátima Maria Soares Kelting.

1. Paisagem urbana. 2. Sobral (CE). I. Título.

CDD 910

2009

MÁRCIO LUÍS ALVES PAIVA

A PAISAGEM URBANA NUMA ABORDAGEM CULTURAL DA GEOGRAFIA: PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS NA CIDADE DE SOBRAL - CE

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Aprovada em ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Drª. Fátima Maria Soares Kelting (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará-UFC

_____

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira
Universidade Federal do Ceará-UFC

_____

Profª. Drª. Zenilde Baima Amora
Universidade Estadual do Ceará-UECE

À Ana, Max e Bárbara e a meus pais
Maria e Francisco.

AGRADECIMENTOS

Embora seja uma dissertação, pela sua finalidade acadêmica, um trabalho de natureza individual, as contribuições de várias ordens, dentre elas, a afetiva se postam como colunas-mestres à sua realização. E, neste momento, o ato de agradecer é imensamente difícil, por estarmos sempre receosos de termos a memória como inimiga nessa hora, olvidando alguém. Mas temos que começar! Desejo assim, expressar os meus mais profundos agradecimentos:

À energia cósmica superior, pela capacidade de nesta vinda, poder ser aprendiz da ciência do Homem, e por poder mais uma vez respirar a luz dos sons, suporte para os atropelos, próprios de minha condição humana;

Ao Mehi Selmi Laresh, pela "amizade" a qual não mais posso dirigir minhas dúvidas. O saúdo e o faço mensageiro de meus sinceros agradecimentos a todos os amigos do "lado de lá"!

À Professora, Fátima Soares, minha orientadora, agradeço a paciência e a assistência;

Ao Professor José Borzachiello da Silva, ao qual primeiro me dirigi no Departamento de Geografia da UFC e que prontamente me atendeu e em seguida, pude desfrutar de seus ensinamentos como aluno;

Aos demais Professores com os quais participei diretamente como aluno, Eustógio Dantas, Professor Levi, Professor Amaro, nas figuras dos quais estendo meus agradecimentos a todos os professores do Departamento;

Ao Professor Christian Dennys, meu especial agradecimento pelas contribuições tanto em sala de aula, como na participação na banca de qualificação, quanto pelo aceite ao convite para participar da banca final de defesa, o ato de mostrar-se amigo de seus alunos é fundamental e louvável, aprendi isso como você!

À Professora Zenilde Baima Amora, pela gentileza de sempre atender ao convite de participação, tanto na banca de qualificação como na defesa deste trabalho. A exigência de sua participação vai além da necessidade de sua contribuição cientifica ao estudo, mas também pela admiração pessoal e por tê-la como referência profissional para minha carreira!

Ao Professor Márcio Piñon, pela gentileza em discutir comigo sobre "as geografias" que muito me ajudaram nesse trabalho;

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Cientifico e Tecnológico pela concessão de bolsa necessária à realização da pesquisa;
Aos queridos amigos Pedro Henrique, Adriano Melo, Arlete, Alberto e Mário Trévia;
A Professora Sônia Galdino pelo seu empenho na exitosa resolução do angustiante processo de liberação de minhas funções junto à SEDUC, à senhora, minha mais profunda gratidão, por tudo!
Aos amigos de turma, Tiago, Luciana, Glaciane, Sinhá, Fábio, Luiz, Lilian...
Aos amigos-irmãos que ganhei de presente para toda a vida: João e Suellen;
Ao irmão-postiço Arilson, a você não tenho como agradecer!
À Martha Maria Júnior, amiga, comadre, ou na mais perfeita acepção da palavra, Irmã! Obrigado pela força, pelos cuidados e pelo exemplo de profissional e de pessoa;
À Lili, dádiva de amiga!
À Virginia Holanda, exemplo de determinação profissional e de amizade incondicional, não posso agradecê-la só com palavras!
Aos Professores Neide Santana e Lenilton Assis pela força da amizade!
Ao Professor Johnson Nogueira pelas contribuições prestadas;
Ao Floppy, à Sofia, ao Bobby Dilan e ao recente Bartolomeu, pelo bem que fazem sem mesmo saberem!
A meus tios e tias e ao "véim", meu avô materno, para o qual eu já sou Doutor!
À outra mãe-madrinha Zita, sem os seus cuidados, jamais teria chegado onde cheguei!
À minha prima-irmã Ednanda, pelo companheirismo de sempre e pela ajuda na realização do trabalho;
À Tia Fátima e a seus filhos Ana e Paulo, pela acolhida em Fortaleza;
Ao Tio Valdecy, agradeço seu apoio, foi muito importante!
À Bia, pelo seu carinho de mãe constante sempre em mim!
A meu tio-compadre Vicente, uma espécie de irmão mais velho!
A meus alunos, em especial à Maranna, Messias, Cristiane e Marcílio pela importante ajuda nos trabalhos de campo, torço sempre por vocês!
A meus amigos professores da Escola Professor Luis Felipe, agradeço-os nas pessoas da Marly, do Jaido e da Alice, obrigado pela ajuda, segurando "as pontas" nas minhas ausências;
A meus alunos da Banda de Música de Forquilha: os agradeço através do Diego, Saraiva e Tiago, os quais tive que "abandonar" para me fixar em Fortaleza, durante o mestrado;

Aos sobralenses e aos não-sobralenses por me receberem em seus lares durante à pesquisa de campo;
E ao conjunto dos últimos (que são sempre os primeiros!), Ana, minha esposa, pelo amor e dedicação e por garantir solitariamente, durante minhas ausências, a gerência, em todos os aspectos, de nosso maior bem: nossos filhos, Max e Bárbara, razão maior de realização de todos os meus trabalhos; a meus pais Maria e Francisco, os quais apenas posso defini-los como vencedores e, aos meus irmãos César, Gustavo e Auri!

A todos, inclusive os que foram cooptados pelos lapsos de minha memória, meus sinceros agradecimentos!

Vencer não é nada, se não se teve muito trabalho;
Fracassar não é nada, se se fez o melhor possível!
(Nadia Boulanger, pianista)

RESUMO

A cidade revela a presença de uma infinidade de paisagens, percebidas e vividas de modos distintos por seus habitantes. Partindo desse pressuposto, a pesquisa geográfica que se segue visa analisar diferentes formas de representação da paisagem urbana. Como área espacial de investigação, prestamos análises centradas na Cidade de Sobral, localizada na porção Noroeste do Estado do Ceará. Perpassando pelos fatos que levaram a constituição de sua Paisagem (do Século XVIII até o final do Século XX), Sobral é assim analisada inicialmente por uma perspectiva geo-histórica, que assinala o caráter singular de sua formação urbana dentro do contexto espacial sertanejo. Posteriormente discute-se a sua condição de "cidade imaginada", pensada por determinados grupos sociais que oportunizaram a revelação de suas paisagens como suporte a (re)criação e a transmissão de imagens da cidade vinculadas aos aspectos da tradição e de modernidade, simultaneamente. Metodologicamente falando, o trabalho compreende a utilização de uma expressa revisão bibliográfica acerca dos principais temas discutidos, bem como a realização de visitas e observações de campo e, aplicação e análise de entrevistas. No que concerne ao tratamento com as percepções averiguadas, a pesquisa efetiva-se por fundamentos qualitativos, seguindo direções de uma renovada Geografia Cultural, conduzida numa perspectiva humanista. Desta forma, o conhecimento dessas representações faz com que se reconheça a Paisagem Urbana da Cidade de Sobral como um campo simbólico de primeira ordem, influente nas percepções e vivências de seus habitantes.

Palavras-chave: Paisagem Urbana; Cultura; Geografia; Percepção; Vivência.

ABSTRACT

The city reveals the presence of a variety of landscapes, perceived and experienced in different ways by its inhabitants. Based on this assumption, the geographic research below aims to analyze different forms of representation of the urban landscape. As an area of space research, we provide analysis focused on the city of Sobral, located in the northwest of the State of Ceará. By passing the facts which lead to formation of its Scenery (eighteenth century until the end of the twentieth century), Sobral is thus initially analyzed by a geo-historical perspective, portraying the unique character of its urban formation within the spatial context of inlander. Later we discuss their status as "imagined city", thought by some social groups that nurture the development of his landscapes to support the (re) creation and transmission of images of the city linked to aspects of tradition and modernity at the same time. Methodologically speaking, the work includes the use of an explicit literature on the main topics discussed, as well as by means of visits and field observations and analysis of application and interviews. With regard to treatment with perceptions investigated, the research is effective by a qualitative basis, following directions for a renewed Cultural Geography, conducted a humanistic perspective. Thus, knowledge of these representations makes the recognition of the urban landscape of the city of Sobral as a symbolic field of the first order, influential in the perceptions and experiences of its inhabitants.

Keywords: Urban Landscape, Culture, Geography, Perception, Experience

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Mapa de Localização da Cidade de Sobral
Figura 02: Recorte Espacial da Pesquisa: Bairros Centros e Jerônimo de Medeiros Prado
Figura 03: A Inserção de Sobral no Semi-Árido Cearense
Figura 04: Praça do Mercado (Final da década de 1890)
Figura 05: Atual Casa da Cultura de Sobral
Figura 06: Rua da Vitória na Primeira Metade do Século XIX
Figura 07: Planta da Cidade de Sobral por volta de 1878
Figura 08: Fábrica de Tecidos de Sobral
Figura 09: Praça da Coluna da Hora
Figura 10: Rua da Vitória (1920)
Figura 11: Praça do Menino Deus
Figura 12: Acampamento Montado na Praça do Patrocínio (1919)
Figura 13: Museu Dom José
Figura 14: Dom José
Figura 15: Santa Casa de Sobral
Figura 16: Arco do Triunfo
Figura 17: Área Central da Cidade Tombada de IPHAN
Figura 18: Divulgação Impressa do Teatro São João
Figura 19: Largo do Rosário
Figura 20: Vista Aérea de Parque da Cidade
Figura 21: Avenida Pericentral
Figura 22: Vista Aérea da Margem Esquerda Rio Acaraú
Figura 23: Recorte Espacial de Estudo – Bairro Centro
Figura 24: Recorte Espacial de Estudo – Bairro Jerônimo de Medeiros Prado
Figura 25: Praça de Cuba
Figura 26: Museu do Eclipse
Figura 27: Elementos da Paisagem Urbana de Sobral

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 01: Classes de Freqüência por Faixa Etária dos Habitantes Naturais de Sobral dos Bairros: Centro e Jerônimo Prado.

Tabela 02: Classes de Freqüência por Faixa Etária dos Migrantes dos Bairros Centro e Jerônimo de Medeiros Prado.

Tabela 03: Classes de Freqüência por Tempo de Permanência na Cidade.

Gráfico 01: Divisão dos Habitantes por Sexo – Bairro Centro

Gráfico 02: Divisão dos Habitantes por Sexo – Bairro Jerônimo de Medeiros Prado

Gráfico 03: Ocupação dos Habitantes Naturais de Sobral - Bairro Centro

Gráfico 04: Ocupação dos Habitantes Migrantes – Bairro Centro

Gráfico 05: Ocupação dos Habitantes Naturais de Sobral – Bairro Jerônimo de Medeiros Prado

Gráfico 06: Ocupação dos Habitantes Migrantes – Bairro Jerônimo de Medeiros Prado

Gráfico 07: Locais de Origem dos Migrantes – Bairro Centro

Gráfico 08: Locais de Origem dos Migrantes – Jerônimo de Medeiros Prado

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CENTEC – Instituto Centro de Ensino Tecnológico

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INTA – Instituto Superior de Teologia Aplicada

IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PLAMEG – Plano de Metas Governamentais

SUDEC – Superintendência de Desenvolvimento do Ceará

SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

UVA – Universidade Estadual Vale do Acaraú

UFC – Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16

CAPITULO I: ABORDAGENS CULTURAIS NA GEOGRAFIA: PAISAGEM, URBANO E IMAGINAÇÃO 25

1.1. A abordagem cultural na Geografia 25

1.1.1. A relevância do processo de renovação dos estudos culturais de Geografia 27

1.2. A Paisagem sob a perspectiva cultural-humanista 29

1.3. A Abordagem Cultural do Espaço Urbano 32

1.3.1. Visões geográficas a respeito do Urbano e do Imaginário 34

CAPITULO II: A CONSTITUIÇÃO GEO-HISTÓRICA DA PAISAGEM URBANA DA CIDADE DE SOB..... 38

2.1. Notas sobre a formação de cidades no Nordeste e no Ceará 38

2.1.1. O quadro natural e o povoamento do Norte Cearense 39

2.2. Núcleo inicial de Sobral: A Fazenda e o Rio (Meados do século XVIII) 42

2.3. Sobral Vila (Final do Século XVIII) 48

2.4. Sobral Cidade (Meados do Século XIX ao final do Século XX) 51

CAPITULO III: A PAISAGEM URBANA SOBRALENSE COMO CAMPO SIMBÓLICO: ENTRE IMAGENS E IMAGINÁRIOS 63

3.1. A cidade pelas suas paisagens: as formas simbólicas em discussão 63

3.2. Sobral: A Imagem pautada na Tradição 66

3.3. A atual Paisagem de Sobral: a revitalização da Cidade e a imagem da modernização 73

CAPITULO IV: TRATANDO COM PERCEPÇÕES: A(S) VIVÊNCIA(S) DO HABITANTE NA PAISAGEM 85

4.1. Apontamentos sobre “paisagem percebida e vivida” 85

4.1.1. Esclarecendo sobre as Percepções da Paisagem Urbana 88

4.2. Paisagem Urbana: Percepções e Afetividades 98

4.3. Considerando a memória da cidade 103

4.4. Imagens e Vivências 108

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APÊNDICES

INTRODUÇÃO

Associado ao advento da industrialização, a cidade retoma o vigor e torna-se objeto de interesse de várias ciências, dentre essas a Geografia que se reformulava epistemologicamente buscando o status de ciência social, preocupando-se com as diferentes formas com que o homem se relacionava com a natureza, tentando ir além de seus postulados fundantes como ciência do espaço natural.

A cidade como um dado concreto, imediato, vem ao longo do tempo se convergindo na expressão maior da sociabilidade humana, ou seja, num modo de vida urbano, que se constrói e sustenta a partir de relações culturais. Hoje em dia, não se pode negar a relação entre cultura e urbano, tais conceitos estão profundamente relacionados, porém, até o final da década de 1960, a produção da geografia urbana, ainda muito arraigada num vínculo positivista, orientava seus estudos pela análise das formas e funções urbanas, considerando em princípio, as funcionalidades econômicas do espaço, como bem explica Roberto Lobato em suas teses.

A partir das transformações em movimento na sociedade, a partir da década de 1970, que se torna mais urbana e culturalmente diversa, as relações que envolvem as interfaces culturais do urbano passam a incentivar uma produção considerável na geografia, cabendo também a esta, a tarefa no desvelar da problemática urbano-cultural. As relações transcendem os antigos limites. A leitura e análise do espaço geográfico agora carecem de outras formas de referir-se ao mundo do homem espacializado.

Passamos a pensar o espaço da sociedade de acordo com muitas situações que o rigor cientifico de outrora dizia ser inatingíveis. No entanto, isso impõe à Geografia constantes reformulações conceituais e metodológicas, para que antigas categorias não se tornem inábeis diante dos novos contextos. O conceito de paisagem é um deles. Não há como restringir a paisagem a partir de suas dimensões morfológicas de maneira eminente, como propunha a ideologia saueriana. A dimensão simbólica da paisagem urbana é emergente, vistosa.

Embora a paisagem urbana represente o produto material do trabalho social, estando profundamente impregnada de relações sociais e conflitos, ela é constantemente ressignificada, permitindo um caleidoscópio de interpretações e leituras inseridas em variados contextos históricos e culturais. Por este entendimento, a paisagem urbana evidencia um valor simbólico atuante em suas reformulações cotidianas, refletindo e

condicionando sua existência. Vale destacar, contudo, que é este valor simbólico que vai alimentar o imaginário dos seres habitantes da cidade, possibilitando por vez a criação de imagens que incidem direta ou indiretamente nos modos de perceber e viver a cidade.

Partindo desse breve enquadramento conceitual, este trabalho objetiva investigar como o habitante da cidade de Sobral percebe e vive (ou não) a sua paisagem urbana. Para tanto, diante de suas limitações amostrais, devemos esclarecer, desde já, que a análise precedida se desdobra tendo como base as percepções absorvidas de dois recortes espaciais da cidade. A saber: do Bairro Centro e do Bairro Jerônimo de Medeiros Prado.

Caracterização geográfica da cidade de Sobral

A cidade de Sobral compõe uma área urbana de 52km². Sua localização é determinada pelas coordenadas geográficas de 3º 41'10" de latitude sul e 40º20´59" de longitude oeste, com altitude média de 70 m, situada entre as margens do Rio Acaraú em seu baixo curso e os contrafortes da Serra da Meruoca, a Oeste do Estado do Ceará (**Figura 1**).

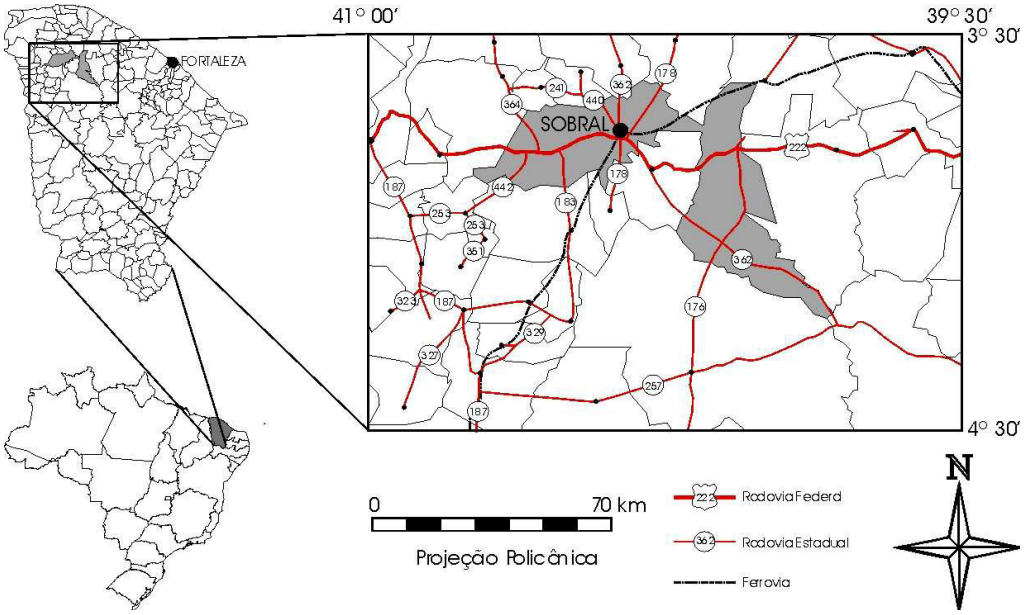


Figura 1: Mapa de localização da cidade de Sobral.
Fonte: HOLANDA, 2007.

Com uma população estimada para ordem de 176.895 habitantes em 2007 (IPECE, 2008), Sobral é uma cidade Média que desempenha na atualidade um papel importante na rede urbana cearense, funcionando como centro regional da Zona Norte

do Estado, tendo sob sua influência direta e indiretamente 39 municípios do interior do Ceará, segundo COELHO, 2007. Inserida no contexto de reordenação do espaço cearense, desenvolvido a partir da década de 1990, Sobral participou incisivamente do processo de atração de investimentos para o Estado na época, passando a figurar como um importante centro de produção e consumo, atraindo grandes firmas industriais, como a Fábrica de Calçados Grendene, entre outras. Essas iniciativas de cunho político propiciaram o reflorescimento e dinamização de suas funções comerciais e a oferta de serviços.

Como centro regional, Sobral através principalmente dos vários cursos oferecidos pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA), Universidade Federal do Ceará (UFC) e faculdades particulares, consegue atrair um público estudantil diversificado, oriundos dos municípios que compõem a sua área de influência, bem como de outros estados e até da capital Fortaleza. Quanto à oferta de serviços ligados ao setor de saúde também é outro filão que proporciona um considerável magnetismo a cidade, principalmente através da Santa Casa de Misericórdia, somado a outros empreendimentos privados, como hospitais e clínicas afins.

A concentração industrial é sem dúvidas um dos principais fatores de atração populacional, visto que no período de instalação destes empreendimentos o crescimento da sua taxa de urbanização apresentou índices acima de 80%, segundo Rocha (2005).

Caminhos metodológicos da pesquisa

A pesquisa científica, por sua natureza, carece realizar e apresentar escolhas metodológicas. Do ponto de vista metodológico, os fenômenos são analisados com base na visão (ou mesmo visões) de mundo que o pesquisador adota como o mais apropriado para o desenvolvimento de suas atividades. Assim, Método e Metodologia aparecem um em função do outro.

> O método não existe como uma entidade simples e desconectada da realidade científica. Ele comporta, ao ser internalizado e utilizado pelo pesquisador, outros elementos. Esses elementos são, sem nenhuma preocupação de comparar suas importâncias, a doutrina, a teoria, as leis, os conceitos e as categorias (Sposito, 2004, p.55). .

No que concerne ao estudo geográfico, que, grosso modo, trata de analisar as formas como o homem age sobre o espaço, a compreensão e interpretação dos fenômenos seguem a modos particulares de se vê o mundo. O conhecimento geográfico segue as suas próprias doutrinas, conceitos e teorias, que são, por vez, diversos. Cabe a cada geógrafo, de acordo com suas escolhas e espaço de análise, o caminho a trilhar.

Como acredita Hissa (2002, p.307), “os tempos contemporâneos reclamam pela interpenetração dos saberes”. Reconhecendo que o mundo de hoje pede uma nova ciência, o nosso estudo, em meio as suas interfaces teóricas e discussões empíricas, se estrutura, principalmente, pelo método hipotético-dedutivo. No entanto, ao se colocar a tarefa de trabalhar com as percepções alheias acerca do espaço estudado, por ora, faz uso do método fenomenológico-hermenêutico, quando se põe a escutar e interpretar os reclames dispensados.

O Método hipotético-dedutivo seria aquele onde o pesquisador constrói uma teoria com base em hipóteses formuladas a partir de deduções (SPOSITO, 2004). Pode-se afirmar que o raciocínio é dedutivo quando enuncia logicamente uma conclusão necessária a partir das proposições dadas.

> E como para a Geografia a abordagem do empírico é fundamental tanto para a produção da informação geográfica quanto para a da análise a partir da observação, acreditamos ser necessário insistir um pouco mais no método hipotético-dedutivo (Sposito, 2004, p.32).

Desta forma, as hipóteses que norteiam esse trabalho podem ser demonstradas através das seguintes proposições:

- O surgimento da paisagem urbana sobralense embora inserida no contexto semi-árido cearense, apresenta características distintas a esse contexto, devido ao estabelecimento de um maior fluxo de relações com espaços longínquos, influenciado em muitos aspectos pelo quadro natural circundante, destacando-se especialmente o papel desempenhado pelo rio Acaraú;

- A cidade de Sobral reflete em muitas de suas paisagens o caráter simbólico de um passado de riquezas, servindo para justificar discursos e imagens na atualidade que visam recompor as relações que tornaram a cidade um espaço privilegiado do sertão cearense preteritamente;

- A expressão concedida à paisagem enquanto aspecto gerador de imaginários sobre a configuração sócio-espacial do lugar, que induzem à sua percepção enquanto “cidade moderna”, a partir do movimento de retomada do dinamismo econômico vivido por esta parcela urbana cearense nas últimas duas décadas;

- A retomada da expansão econômica, a ampliação dos postos de trabalho, a oferta de serviços e a relevância atribuída a algumas funções da cidade, dentre elas a educativa, gerou nas ultimas décadas um acrescimento populacional relevante por intermédio da intensificação dos fluxos migratórios em direção a Sobral, passando o

migrante a figurar como parcela importante de seus habitantes, engendrando novas práticas sociais, tendo também a paisagem urbana em voga, como suporte de vida.

Já o Método fenomenológico-hermenêutico diz respeito a uma linha de estudos que tece considerações interpretativas a partir de reflexões que o homem realiza com base em suas experiências de vida (NOGUEIRA, 2004). Por estes termos, o nosso trabalho, especificamente no capitulo 4, fará uso deste método quando estiver a escutar as vozes dos habitantes da cidade de Sobral, onde esses relatam as suas experiências de vida a partir de como percebem e vivem a Paisagem urbana em pauta.

Na intenção de desenvolvermos um estudo de Geografia centrado numa abordagem cultural, adotamos o conceito de imagem, visto entendermos que a imagem da cidade constrói, pela hierarquia de seus predicativos, um sistema de ordem que comunica um código, um modo de entender, avaliar e valorizar a cidade. (FERRARA, 2008).

Tal conceito se adéqua como intermediário para o estudo da paisagem de uma maneira simbólica, considerando que a paisagem não reside somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa entre os dois (BERQUE apud HOLZER, 1999). Assim, neste estudo a Paisagem se mostra como um conceito capaz de fornecer elementos perceptíveis e, assim, simbólicos, que intervêm na construção de imagens e imaginários do ser humano.

Quanto a Metodologia empregada, que trata dos procedimentos e/ou técnicas que uma pesquisa científica percorre para alcançar seus objetivos na construção do conhecimento (DEMO, 1991), esta pesquisa se desenrola, sumariamente, em quatro etapas. A saber: a) trabalho de levantamento e discussão bibliográfica a respeito dos temas tratados; b) visitas a área de estudo; c) aplicação de questionários dirigidos; e d) produção de figuras ilustrativas do campo estudado.

A escolha da área de estudo se deu em acharmos importante para a pesquisa, considerar as percepções de habitantes do bairro mais antigo e de um dos bairros periféricos em recente processo de expansão, no caso o centro da cidade e o Bairro Jerônimo de Medeiros Prado, respectivamente. Escolhemos não somente escutarmos o habitante sobralense, mas também o migrante que escolheu a cidade para viver, o que nos encaminhou ao mundo das suposições.

Sobre a escala de análise proposta, pontuamos a seguir alguns esclarecimentos sobre os dois bairros pesquisados.

O Centro representa o núcleo primaz do surgimento da cidade. Nele estão contidos os principais elementos que de certa maneira, demarcam o inicio da vida urbana em Sobral, tornando sua paisagem a mais evidenciada na historiografia da cidade. Como resultado desse processo inicial de centralização, essa parcela da cidade concentrou atividades como o uso residencial, comercial, de serviços, bem como as primeiras fábricas, gerando a valorização dos lotes centrais e a conseqüente expulsão da população de baixa renda, que se alocou em áreas menos valorizadas, como as próximas ao rio Acaraú, riacho Mucambinho e para as áreas chamadas por ROCHA (2005) como o "extra-trilhos". Com uma população em 2000 na ordem de 19.542 habitantes, sendo 8.836 homens e 10.706 mulheres (IBGE-2000).

Atualmente, com parte de sua área compondo o conjunto arquitetônico tornado Patrimônio pelo IPHAN, o bairro apresenta-se como a principal parcela urbana de concentração dos setores de serviços e comércio, principalmente no entorno do "Novo" Mercado Central, pondo em segundo plano o seu uso residencial, visto que na atualidade a população de maior poder aquisitivo tende a fixar moradia em bairros mais afastados do Centro, como no Bairro Colina da Boa Vista, por exemplo.

O Bairro Jerônimo de Medeiros Prado, assim denominado pela Lei Municipal Nº 480 de 22 de dezembro de 2003, antes chamado de Bairro Betânia, está situado na porção nordeste da cidade. Era segundo o Censo do IBGE de 2000, um dos bairros de menor densidade populacional de Sobral abrigando apenas 173 habitantes no total, sendo 82 homens e 91 mulheres. De acordo com ROCHA (2005) No bairro em 2000, o rendimento nominal médio mensal dos chefes de família estava em torno de R$300,00 reais.

No entanto, pode-se perceber uma diferenciação para com os números citados pelo Censo de 2000, visto que a partir da instalação das unidades fabris próximas a área, no período decorrido a partir da segunda metade da década de 1990 até o momento, o bairro tem se adensado em população, abrigando em grande parte trabalhadores operários que, com a necessidade de morarem próximo ao local de trabalho – as indústrias Grendene, principalmente, essa classe passou a ocupar o bairro, diminuindo os seus custos em aluguéis e de transportes, indo a pé ou de bicicleta para o trabalho. É notável a rápida urbanização do bairro, com a abertura de ruas, o estabelecimento de serviços de comércio varejista, o que impôs ao poder público a efetivação de políticas mínimas de saneamento, calçamento das vias em grande parte da área do bairro.

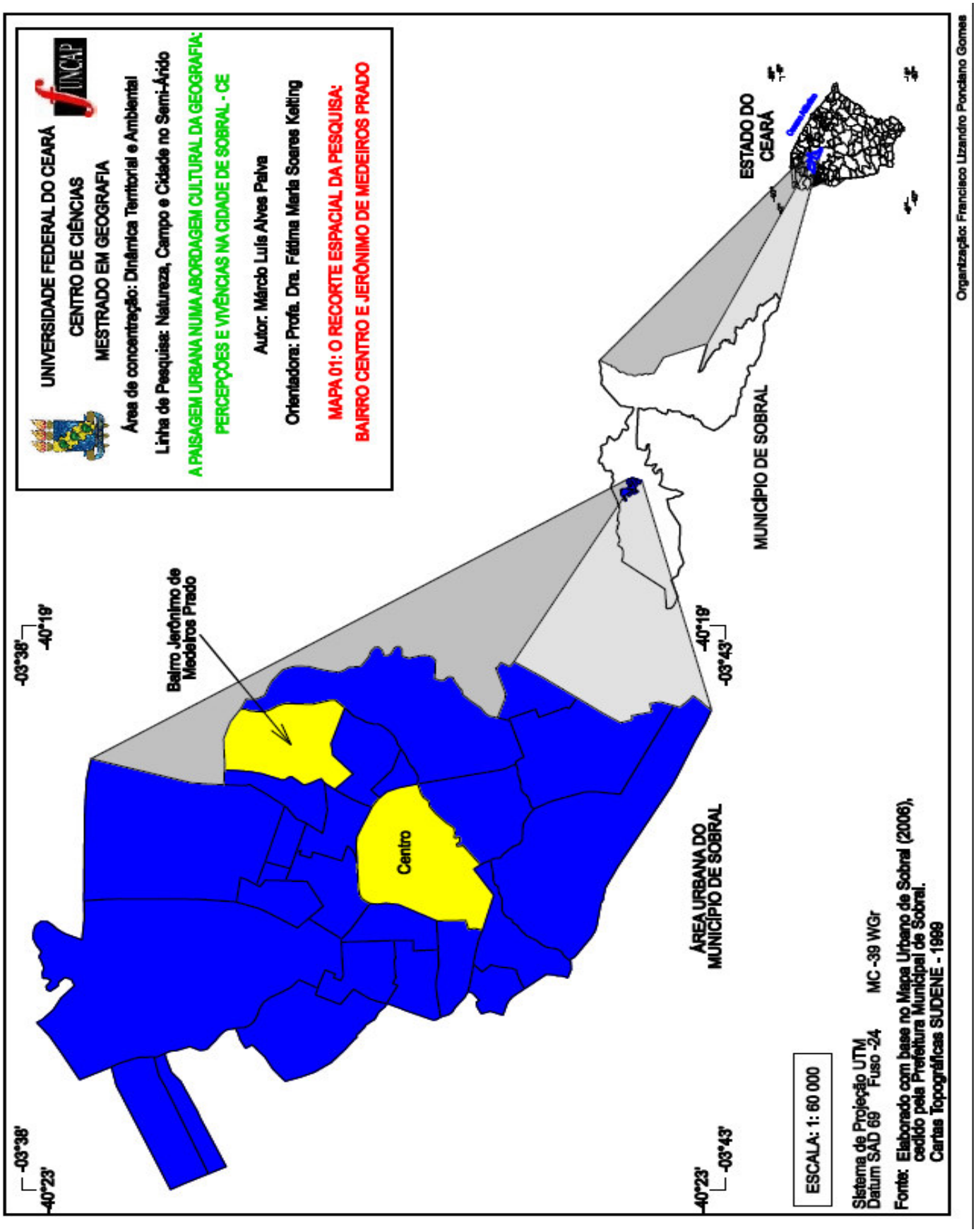


Figura 2: O Recorte Espacial da Pesquisa: Bairros Centro e Jerônimo de Medeiros Prado.

No que se refere às escolhas pela amostragem proposta, a metodologia desenvolvida para colher as percepções da paisagem urbana, foi a aplicação de questionários dirigidos, que acabaram na maioria das vezes em largas e proveitosas conversas entre o pesquisador e o entes inquiridos, o que enriqueceu a possibilidade de "escuta" de várias "falas" sobre a cidade. A realização desta etapa se deu entre os meses de agosto, setembro e outubro de 2008.

Num primeiro momento, optamos em abordar os transeuntes dos dois bairros, o que se mostrou inábil e infrutífero, visto que os "passantes" alegavam muitas vezes não disporem de "tempo" para responderem às questões sugeridas. Optamos num segundo momento em fazermos visitas domiciliares, o que se mostrou mais adequado e produtivo. Dessa maneira, escolhemos ruas e a partir da numeração dos imóveis, estabelecemos intervalos, ora considerando a numeração de ordens pares e em outras ímpares, afim de não privilegiarmos determinados imóveis. No caso de recusa em receber o pesquisador ou de encontrarmos o imóvel fechado, passávamos imediatamente ao próximo estabelecimento, obedecendo a ordem numérica proposta.

Nesse conjunto de proposições, compomos esta pesquisa e a idealizamos em quatro capítulos. O capítulo primeiro compõe-se de uma revisão bibliográfica acerca dos temas e temários utilizados neste estudo.

No segundo capítulo compomos um texto que recompõe a partir da perspectiva geo-histórica, o surgimento da paisagem urbana sobralense, buscando aferir sobre a importância do quadro natural para o estabelecimento de Sobral enquanto espaço privilegiado no interior do Estado do Ceará.

O terceiro capítulo discute a paisagem urbana sobralense como campo simbólico. Para tanto, nos propomos aferir sobre as imagens da cidade, tendo por base a análise dos principais discursos produzidos por dados segmentos sociais que fomentaram a construção de imagens e imaginários da/na cidade.

O quarto e último capítulo compõe-se da interpretação das entrevistas realizadas com os habitantes da cidade, integrantes do universo em estudo composto por sobralenses e migrantes, nos bairros Centro e Jerônimo de Medeiros Prado. A análise feita é o centro desta pesquisa. Buscamos nessa parte investigar a paisagem urbana sobralense sob a perspectiva de paisagem "percebida e vivida" por parte dos inquiridos.

CAPITULO I

ABORDAGENS CULTURAIS NA GEOGRAFIA: PAISAGEM, URBANO E IMAGINAÇÃO

CAPITULO I- ABORDAGENS CULTURAIS NA GEOGRAFIA: PAISAGEM, URBANO E IMAGINAÇÃO

1.4. A abordagem cultural na Geografia

A abordagem cultural na Geografia, ou como nas palavras de CLAVAL (2002), o interesse dos geógrafos pelos problemas culturais surge na mesma época que a Geografia Humana, no final do século XIX. As relações entre sociedade, cultura e natureza assumem um papel central nos estudos de geógrafos europeus como Friedrich Ratzel, Paul Vidal de La Blache, Otto Schuter, Jean Brunhes, entre outros.

Lega-se a Ratzel, expoente da escola alemã de geografia, em sua obra Antropogeografia publicada em 1882, a inserção pioneira do termo cultura nos estudos geográficos. Em seus trabalhos, analisou os fundamentos culturais da diversidade das repartições dos homens e das civilizações, adotando encaminhamento ora etnográfico, ora político (ZANATTA, 2007). Nessa obra, segundo CLAVAL apud ZANATTA (2007), Ratzel analisa a cultura

> [...] sob os seus aspectos materiais, como conjunto de artefatos mobilizados pelo homem na sua relação com o espaço. As idéias que a sustentam e a linguagem que exprimem são quase nada invocadas. [...] A idéia de luta pela vida limita, portanto, o interesse que tem Ratzel pelos fatos da cultura e dá à sua obra uma posição essencialmente política. (2007, p.4).

Ratzel edifica assim as bases conceituais da geografia humana em seu sentido restrito[1], sendo encarado a partir de então como o grande nome do ambientalismo, embora aparentemente, não considerava sua *Antropogeographie* nada mais como um estímulo a uma geografia humana que devia fundamentar-se em um estudo da cultura. Seus estudos e suas análises de difusão da cultura foram amplamente utilizadas pelos antropólogos, enquanto os geógrafos ocidentais viam Ratzel meramente como ambientalista. (SAUER, 2003).

No âmbito da Escola Francesa, a tradição dos estudos culturais se deu como na Alemanha, em processo contemporâneo à sistematização da geografia como ciência acadêmica. Vidal de La Blache, nome principal dos estudos geográficos franceses na época, tinha ponto de vista assemelhado ao de Ratzel no que concerne ao entendimento

[1] SAUER (2003) explica a geografia humana em sentido restrito como: um conjunto de categorias do meio físicos – ordenados a partir de conceitos abstratos de posição e espaço até os de clima e litoral – e sua influência sobre o homem. (2003, p.20)

do papel da cultura[2] que se coloca entre o homem e o meio natural. La Blache elaborou o conceito de gênero de vida[3], este entendido por ele como sendo um conjunto de técnicas, hábitos e costumes próprios de uma sociedade que possibilitam o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis. (ZANATTA, 2007).

Ao passo em que a geografia humana se desenvolvia nas primeiras décadas do século XX, perseverando nas relações entre sociedade, ambiente natural e cultura, o conceito de paisagem humanizada adquire status de objeto investigativo na geografia. Othon Schulter desenvolve na escola alemã este conceito, enfatizando as marcas produzidas pela sociedade na paisagem, tendo-se como objetivo geográfico o estudo da morfologia paisagística, a fim de se apreender sua gênese.

A abordagem da paisagem desenvolvida por alemães e franceses na perspectiva cultural, privilegiando sua análise morfológica, tem como explicação o fato de que, na época, a epistemologia da geografia derivava de uma filiação positivista e naturalista. A apreensão da cultura se dava através da análise das técnicas, dos utensílios e das transformações disseminadas na paisagem, ou seja, de seus aspectos materiais, utilizados pelo homem de maneira a transformar o ambiente natural com vistas a torná-lo mais produtivo. Desta forma, os geógrafos desse período não podiam dar à cultura seu cabível papel na explicação dos fenômenos geográficos.

O debate em torno da paisagem a partir de sua dimensão cultural não se restringiu apenas à Europa. A partir de 1925, Carl O. Sauer (1889-1975) funda a escola norte-americana de geografia cultural, denominada como a Escola de Berkeley. Os postulados desta escola conferem identidade plena à geografia cultural graças aos trabalhos de Sauer e de seus discípulos.

O conceito de paisagem elaborado pela Escola de Berkeley fundamentou-se a partir do artigo "A Morfologia da Paisagem" (The Morfology of Landscape) publicado em 1925 por Sauer. A perspectiva da paisagem presente no referido artigo

---

[2] Sobre este aspecto ZANATTA (2007) explica que, embora haja semelhança entre Ratzel e Vidal de La Blache no que diz respeito a concepção de cultura, é importante registrar que na obra de Ratzel é clara a influência do evolucionismo, do darwinismo e do positivismo, enquanto que Vidal, ao assumir uma posição anti-positivista, fundamenta-se no historicismo e no espiritualismo. [...] Para La Blache, a cultura pertinente deveria ser aquela que se apreende por intermédio dos instrumentos, utensílios, técnicas e maneiras de habitar que as sociedades utilizam para modelar a paisagem. Do seu ponto de vista, a noção de gênero de vida permitia organizar estes elementos de tal forma que explicassem as diferentes paisagens construídas.

[3] CLAVAL (1997, p.90) ressalta ainda que a noção de gênero de vida "[...] tem uma dimensão ecológica, naturalista; ela serve primeiramente para mostrar como os grupos se adaptam ao ambiente. Ela tem também, entretanto, uma dimensão social e cultural. [...] Vidal de La Blache, que faz do gênero de vida um dos eixos da geografia humana que ele elabora, é, desta forma, o primeiro a sugerir que ele pode ter uma dimensão cultural.

estava baseada caracteristicamente na teoria desenvolvida pelos alemães Passarge e Shulter, onde a análise da paisagem deve se restringir aos aspectos visíveis da forma. Segundo FERREIRA e SIMÕES citado por ANDRADE (2004) para o fundador da Escola de Berkeley, a paisagem cultural era o resultado do modelado da paisagem natural por um grupo humano. Por conseguinte, a cultura seria o agente; o espaço natural, o meio; a paisagem cultural o resultado.

Neste entendimento, CLAVAL apud ANDRADE (2004, p. 40) assinala que,

> [...] desde o seu surgimento, a geografia humana ocupa lugar distinto nas realidades culturais, numa ótica reducionista, por enfatizar as técnicas, os utensílios e sobre as transformações da paisagem. Assim, para o autor, a difusão é o único aspecto a ser trabalhado, no tocante à transmissão das culturas.

No entanto, apesar da análise concentrada na forma, havia no trabalho de Sauer, segundo Claval, uma distinta preocupação ecológica avançada para época (década de 1930), o que de certa se faz presente como orientação na geografia cultural atual. Holzer citado por Andrade (2003) substancia essa reflexão ao enunciar que Sauer foi quem delineou o esboço teórico geografia cultural que, mesmo tendo passado por grandes alterações no âmbito do pensamento geográfico acadêmico, chegou à contemporaneidade sem grandes alterações, porém explicita que a mudança ocorrida se deu de forma marcante nas preocupações em torno do conceito de paisagem.

De acordo com ZANATTA (2007), até 1940, que o cerne da abordagem cultural da era analisar as marcas impressas pela cultura na paisagem ou à noção de gênero de vida. Ementa a autora:

> Ainda que sob diferentes formas, ambas abordagens acentuavam a cultura material (artefatos, técnicas, utensílios, *habitat* e instrumentos de trabalho), não acompanhando a evolução dos estudos antropológicos que já davam destaque à cultura mental, aos aspectos psicológicos das sociedades.

Deste modo, a pouca atenção dirigida aos fenômenos que ligam a cultura ao espaço no que concerne em realçar os aspectos de ordem subjetiva, promovem o enfraquecimento dos estudos culturais na geografia nos anos que se seguiram.

1.1.1 A relevância do processo de renovação dos estudos culturais de Geografia

Inserido num contexto pós-positivista, o ressurgimento da abordagem cultural se deu após um relativo período de abrandamento que culminaram em relativa perda entre as décadas de 1940 e 1970. Esse processo de revigoramento advém dentre

outro fatores, da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade das organizações do espaço e suas dinâmicas, ou seja, a cultura torna-se necessária ao entendimento do mundo. (CORRÊA, 1999).

As influências que passam a interferir substancialmente na abordagem geográfico-cultural se movem de várias direções. De um lado, a geografia cultural que a antecedia, de outro, pelo materialismo histórico dialético que considera a cultura simultaneamente como reflexo e uma condição social e, pelos ditames das filosofias do significado através da geografia humanista[4], que traz para o primeiro plano em suas análises a valorização da experiência, a intersubjetividade, os sentimentos, a intuição e a compreensão daquilo que não se repete. (HOLZER apud CORRÊA, 1999).

Ferreira e Simões citados por ANDRADE (2004) explicam que diante do quadro de profundas transformações no cenário mundial na segunda metade do século XX[5], surgem novas correntes filosóficas como a fenomenologia e o existencialismo, que valorizavam a dimensão psicológica na análise social. Na geografia, no final da década de 1950, essas novas perspectivas de analisar as relações sociedade-natureza contribuíram para o surgimento de uma nova corrente de abordagem conhecida como geografia da percepção e do comportamento.

Neste contexto de renovação dos estudos culturais na geografia, os temas antigos passam a incluir novas visões em suas análises, ao passo que novos temas surgem, resultando assim, numa significativa mudança na forma de abordar a paisagem, antes averiguada numa perspectiva morfológica baseada em Sauer (1925) e contemporaneamente vista sob novas perspectivas por Berque (1984, 1990), que enuncia o conceito de paisagem-marca e paisagem-matriz[6] e por Cosgrove (1984, 1989)

---

[4] ZANATTA (op. cit., p.7) cita que, sob a influência do Humanismo, o homem foi recolocado no centro das preocupações dos geógrafos culturais, como produtor e produto de seu próprio mundo. Da mesma forma, foram resgatados da Geografia do século XIX elementos que possibilitaram estabelecer a ligação entre a abordagem cultural clássica da geografia e as atuais perspectivas de análise da cultura. Por um lado, o retorno a essa tradição se traduz na valorização do estudo dos costumes e hábitos marcados no tempo e que sustentam a importância primordial da cultura, freqüentemente esquecida pela ciência em sua versão racionalista.

[5] Explica ANDRADE (2004) que esse período foi permeado por grandes transformações no cenário mundial que promoveram a crise do sistema colonial europeu. No cenário do fim da guerra fria e em frente às danosas conseqüências causadas na natureza pelo sistema capitalista, as ciências sociais questionaram a respeito de seus métodos, carentes de novas perspectivas filosóficas que orientassem a análise dessas novas questões em torno da organização humana em sociedade, uma vez que as que vigoravam até o momento não se mostravam capazes de responder à vasta gama de interrogações que surgiam.

[6] Sucintamente Berque (2004) explica que a paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização e é também matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja, da cultura, que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e,portanto, a paisagem do seu ecúmeno.

que assinala a paisagem como produto da cultura dominante e paisagens residuais, emergentes e excluídas. (CORRÊA, 1999).

Nesse quadro de revigoramento da abordagem cultural na geografia, alguns conceitos geográficos voltam à cena com expressivo destaque, como o conceito de lugar, revivido, por exemplo, nas obras de Relph (1976) e Tuan (1974; 1977). Outras temáticas como a de espaço vivido (Frémont, 1976), criadas na geografia francesa se colocam como importantes eixos de discussão.

1.5. A Paisagem sob a perspectiva cultural-humanista

Desde meados da década de 60, dentro das preocupações que motivavam o quadro de renovação da geografia cultural, as discussões a cerca dos estudos como o de John K. Wright levaram autores como David Lowenthal a afirmar que a geografia deveria abarcar em suas análises os vários modos de observação, o consciente e o inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e o deliberado, o literal e o esquemático. (HOLZER apud ROCHA, 2007).

Tem-se a partir dessas novas orientações, a constituição de uma nova corrente denominada inicialmente como uma nova geografia cultural ou geografia fenomenológica (terminologia indicada por Relph em 1971), chamada depois de geografia humanística, e atualmente reconhecida como humanista. Seu vigor se deu, segundo Oliveira citado por ROCHA (2007), graças à disposição de pesquisadores como Kevin Lynch, que a partir da publicação de sua obra A Imagem da Cidade, na década de 1960, Lowenthal (1968), Yi-Fu Tuan com o livro Topofilia[7], além de Anne Buttimer que teve papel fundamental na constituição da geografia humanística com seus estudos críticos das questões sociológicas nos valores geográficos, desencadeando profundas reflexões acerca do desenvolvimento do existencialismo e do fenomenologismo na geografia.

[7] Inspirado nas obras do filósofo francês Gaston Barchelard, Tuan propõe uma nova forma de se analisar as relações que se estabelecem entre os homens e o meio ambiente no qual vivem. Topofilia é sua obra mais conhecida; foi lançada em 1974 e editada no Brasil em 1980. Segundo MELLO (2001, p.87) Tuan transita da geografia da percepção para o horizonte humanístico e desenvolve como tema central o conceito vivido concernente aos laços topofílicos, ou seja, a todo tipo de ligação afetiva entre os seres humanos e o meio ambiente, vínculos esses que diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. [...] Por topofilia o geógrafo Tuan (1974; 1980) e o Filósofo Bsrchelard (1957; 1959) entendem o sentimento despertado pelo espaço apropriado, da convivência e da felicidade, que se contrapõe ao espaço indiferente, abandonado à medida do geômetra. Os lugares atraentemente vividos e do bem-estar são abrigos, aposentos e refúgios.

O Humanismo na Geografia surge como resposta às inquietações de muitos geógrafos acerca dos trabalhos delineados à luz do positivismo. No entanto, há de salientar segundo MELLO (1990), as devidas diferenças entre as correntes reconhecidas como Geografias da Percepção e do Comportamento e a Geografia Humanística. Para o autor, no Brasil, a corrente humanística continua sendo estranhamente confundida com as tendências positivistas das "geografias" acima mencionadas. O autor explica:

> A maioria dos profissionais e estudantes brasileiros não sabe distinguir, de um lado, as geografias da percepção e do comportamento[8] e, de outro, o antipositivismo da Geografia Humanística. Em outras palavras, confundem a teoria da percepção – que segundo Milton Santos (1978, p.69) é "incompleta, senão inútil" e ainda o behaviorismo ou o neobehaviorismo da Geografia comportamental – com os suportes filosóficos do enfoque humanístico, tais como a fenomenologia, existencialismo, idealismo, hermenêutica, etc. [...] Nos livros estrangeiros, esses equívocos não ocorrem e as geografias marxista e humanística são classificadas como geografias radicais [...] por terem rompido com o positivismo. [...] Mesmo em obras de geógrafos renomados como Manuel Correia de Andrade (1987) o erro persiste. O autor em sua revisão sobre a evolução do pensamento geográfico, mesmo sabendo das criticas dirigidas aos positivistas das geografias da percepção e do comportamento, não difere estas tendências da abordagem humanística, tratando-as como "áreas de trabalho" (p. 114) de uma mesma corrente. (MELLO, 1990, p. 94).

Na perspectiva humanística o conceito-chave passa a ser o espaço vivido definido por Relph apud ROCHA (2007) é um todo composto de ambigüidades, comprometimentos e significados no qual estamos inextricavelmente envolvidos em nossas vidas diárias. A fenomenologia[9] é vista como aporte metodológico. Segundo Anne Buttimer mencionada por ROCHA (2007), a fenomenologia é um modo filosófico de reflexão a respeito da experiência consciente e uma tentativa para explicar isso em termos de significado e significância.

Para CLAVAL (2008), a perspectiva humanista desenvolvida na geografia é uma forma de abordagem baseada na experiência vivida, tendo como característica

---

[8] Essas tendências têm como aporte filosófico o Behaviorismo e o Neobehaviorismo e segundo MELLO (1990, p. 95): geógrafos humanísticos como Buttimer (1985) Seamon (1980) E Ley (1981) atacam os behavioristas por que estes não consideram processos experienciais como emoções, pois são fenômenos imprecisos e só precisos e inerentes ao sujeito. Os behavioristas estudam o que a pessoa faz e não o que ela experiência (Seamon, 1980). Para os behavioristas o corpo é uma coleção de respostas passivas que só pode reagir mediante estímulos. Baseada em explanação naturalista, a consciência é entendida como sendo um produto de fatos externos. Alguns behaviosristas dispensam até mesmo os atributos da mente, tais como escolha, pensamento, emoção. Para esses behavioristas, "as categorias da mente não existem", sublinha o geógrafo humanístico David Ley (1981b, p. 215).

[9] Para TUAN apud ROCHA (2007, p. 22) A fenomenologia tem a ver com os princípios e as origens do significado e da experiência. É concernente a fenômenos tais como ansiedade, comportamento, conduta, religião, lugar e topofilia, que não podem ser compreendidos somente através da observação e medição, mas que devem primeiro ser vividos para serem compreendidos como eles realmente são, como ressalta Tuan (1980).

principal a atenção quase exclusiva dada ao individuo. O que conta doravante é a experiência direta de cada um. Segundo o autor, depois do período na geografia em que prevalecia uma escrita forte e intensa, o surgimento desse novo estilo traz um novo frescor. Torna-se possível compreender uma situação através de um romance o analisar o ambiente de um lugar a partir de um quadro.

Em se tratando da abordagem do conceito de paisagem enquanto espaço vivido na perspectiva cultural-humanista, ANDRADE (2004, p. 49) relata a impressão de vários geógrafos, citando como os de maior relevância Bailly, Raffestin e Reymond (1980), para os quais

> Nossa paisagem é formada pelas relações entre duas e três dimensões (superfície e volume), entre os indivíduos e o ambiente (vivido e não-vivido), relações caracterizadas pelas propriedades geométricas, topológicas, projetivas, temporais e simbólicas.

Para Holzer, que também se interessou pelo estudo da temática, a conceituação de alguns autores também se faz pertinente, dentre elas a de Augustin Berque (1984) apud (HOLZER, 1999, p.163), para o qual

> Como manifestação concreta a paisagem se oferece à objetivação analítica do tipo positivista; mas ela existe incontinenti em sua relação com um sujeito, um sujeito coletivo: a sociedade que a produz, a reproduz e a transforma em função de uma certa lógica.

Seguindo em sua análise, Holzer (1999, p. 164) elabora seu próprio conceito de paisagem e afirma que

> O conceito de paisagem não pode perder seu significado essencial, no sentido fenomenológico, de uma formatação intersubjetiva de determinada porção da Terra delimitada por cultura relativamente homogênea, sendo que tal delimitação reflete o trabalho do homem sobre a Terra. Ela representa o acúmulo, através da memória, e o descarte, pelo esquecimento, das expressões e associações culturais que se definem sobre o espaço geográfico e que são a base do ser social das pessoas.

Diante da síntese exposta, percebem-se os inúmeros caminhos a serem trilhados pelos geógrafos que tratam da abordagem cultural do espaço, visto que a renovação da abordagem cultural na geografia ainda não se esgotou e, nem tão pouco aqui temos a intenção e adequação necessária para aprofundarmos na reflexão, porém, como dito, novos olhares sobre o temário tradicional e a inserção tardia de novos temas, fazem do processo de renovação um contínuo. Nesse processo de inserção e revigoramento de temas, o espaço urbano, por exemplo, antes opaco na geografia cultural tradicional, se reverte como objeto de interesse dos geógrafos culturais na contemporaneidade.

1.3. **A Abordagem Cultural do Espaço Urbano**

É certo que a cidade e o urbano mereceram e ainda merecem uma grande atenção por parte do conhecimento acadêmico, desenvolvendo estudos sob a uma vasta gama de encaminhamentos interdisciplinares e campos teóricos. A ciência geográfica é um dos ramos do conhecimento que possui uma consistente tradição de estudos sobre as duas categorias em discussão.

No entanto, a cidade enquanto materialidade do modo de vida urbano foi tardiamente incorporada pela geografia cultural. Somente na década de 1970, inserida no momento de renovação da geografia cultural, no qual, dentre outros, o próprio conceito de cultura[10] se refedine, promovendo a ampliação do temário. CORRÊA (1999) coloca que o significado passa a ser a palavra-chave dos estudos culturais, possibilitando a discussão do urbano nessa nova perspectiva. Para o autor, trabalhos como o Ley (1996) e Wheeler (1998 e 2002) afirmam o recente interesse dos geógrafos para temas relacionados à cidade e ao urbano.

A cidade passa a ser tema recorrente nas discussões dos diversos contextos culturais, tornando-se foco de estudo inicialmente nos trabalhos desenvolvidos pelos geógrafos humanistas, dentre eles Relph (1987) e pelos geógrafos culturais como Meinig (1979), Cosgrove (1984) e Duncan[11] (1996) entre outros.

Como afirma CORRÊA (2003) cultura e urbano são conceitos imensamente relacionados. A cidade, a rede urbana e o processo de urbanização são ao mesmo passo, expressões e condições culturais. Para o autor, as profundas relações entre a cultura e o urbano manifestam-se de diversas formas. Dentre estas, o autor cita três destas manifestações que não exaurem o vasto de campo dos estudos culturais no urbano, sendo essas aqui relatadas de forma sintética:

a) A toponímia e a identidade, o autor explica que a primeira se converge numa relevante marca cultural, expressando uma efetiva apropriação do espaço ao passo que nomear e renomear cidades, bairros, ruas, constitui-se num significado político e

---

[10] CORRÊA (1999, p. 52) coloca que o conceito de cultura apresentado segundo o editorial do primeiro número da revista Géographie et Cultures (1992, p.4-5) se redefine, sendo posto como: - o "conjunto de técnicas, atitudes, idéias e valores", apresentando assim "componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos"; - "transmitido e inventado"; - não sendo constituído pela justaposição de traços independentes" mas, ao contrário, "seus componentes formam sistemas de relações mais ou menos coerentes"; - não sendo assimilado igualmente pelos membros de uma sociedade; - "vivido individualmente".

[11] Para DUNCAN (1990) apud CORRÊA (2003) a cidade pode ser vista como um texto no qual se lêem a sociedade e suas múltiplas interpretações da paisagem.

cultural, envolvendo grupos culturais diversos e, portanto, exerce um papel de caráter incisivo nas construções de identidades nesses espaços;

b) A cidade e a produção de formas simbólicas: para o autor, a própria cidade revela-se como forma simbólica, tendo sido em certos casos, criada ou transformada visando criar valor, contido nas próprias formas da cidade, sendo por meio das formas simbólicas que a cidade expressa uma dada cultura, realizando o papel na transformação cultural, tanto no passado, no presente e visando o futuro;

c) A paisagem urbana e seus significados: enfatiza o referido autor, que a paisagem urbana permite múltiplas leituras a partir de diversos contextos sócio-culturais, envolvendo diferenças sociais, poder, crenças e valores. Lembrando Daniels e Cosgrove, Corrêa explica que a paisagem pode conduzir a uma instabilidade de significados, havendo a inversão e a reciclagem dos signos e símbolos. Aludindo às proposições de Duncan e Duncan (1984), o autor considera a paisagem como um meio de comunicação da identidade social e étnica, o que a torna um relevante elemento no processo de reprodução social ao passo que se converge num importante repositório de símbolos de classes sociais e de herança étnica.

Em suma, dentre as variadas perspectivas que abrangem o estudo do urbano na abordagem cultural, CORRÊA (2005) destaca alguns pontos concernentes à paisagem urbana, podendo ser analisada, numa perspectiva cultural, considerando as relações entre:

> a) Paisagem e cultura dominante (COSGROVE, 1998), tal como aparece no estudo de DUNCAN e DUNCAN (1984) sobre a paisagem residencial da elite de língua inglesa nos Estados Unidos;
> b) Paisagem e poder como se exemplifica com os estudos do significado da verticalização na cidade norte-americana do final do século XIX, realizados por RELPH (1987) e DOMOSH (1994);
> c) Paisagem e identidade, tal como FIREY (1974), em clássico artigo de 1946, considera ao estudar o bairro italiano de North End em Boston;
> d) Paisagem e simulacro, como se exemplifica em com a Main Street na Disneyworld ou com o Shopping Center Downtown, na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro;
> e) Paisagem e conflitos sócio-espaciais, como aparece no estudo da Chinatown de Vancouver, Canadá, no qual o bairro chinês, explorado turisticamente, resulta de um conflito entre grupos étnicos distintos na segunda metade do século XIX, conforme analisado por Kay Anderson, comentada pó MITCHELL (2000). (CORRÊA, 2005, p. 159).

Tem-se assim, nas últimas décadas um importante avanço no que concerne ao entendimento do urbano, revelado através de outras dimensões por meio das abordagens culturais na geografia. Porém, como lembra CORRÊA (2003) muito ainda há de ser feito, uma vez que outras temáticas ainda precisam ser inseridas nesse

processo, dentre elas, a paisagem urbana que se encarece de significados, mas que na geografia brasileira ainda é pouco analisada.

1.3.1. Visões geográficas a respeito do Imaginário Urbano

A apreensão do espaço pelo homem orienta-se a partir de seus sentidos. Cada um de nós possui formas de interpretação dos elementos que nos circundam segundo a sensibilidade sensorial que nos é inerente e segundo a importância concedida a esses elementos. Criamos assim uma imagem mental daquilo que nos cerca, norteados pela capacidade da mente de organizar e representar o real percebido, através de esquemas perceptivos e do imaginário como atributos específicos, como explica Del Rio apud BARAÚNA (1999).

Deste modo, em todo imaginário, estão contidos discursos, textos e imagens que denotam as idéias subjetivas de um individuo, bem como as idéias pertinentes ao grupo social ao qual se insere. Considerando ainda o pensamento de Del Rio citado por BARAÚNA (op.cit), somos criadores e organizadores de nossa realidade, que de acordo com a nossa percepção e desejos, vai se transmutando em representações, em imaginário.

Dentre os seres, somos os únicos a formatar uma representação da realidade, os demais adaptam-se tão somente ao real material. Não nos contentamos em apenas sermos capazes de alterar a realidade, procuramos também criar uma nova, abstrata, o imaginário. Desta maneira, a apropriação dos espaços é influenciada pelo imaginário. CASTRO (1997) afirma assim, que o imaginário social fornece a coerência para tornar visível e interpretável os simbolismos presentes nas relações dos homens entre si e com o seu espaço, os quais se materializam nos diferentes modos de organização sócio-espacial.

Diante do enunciado, o imaginário urbano, de cunho subjetivo e imaterial, aparece como uma alusão a constituição da cidade material, ou seja, para a percepção e conseqüente formulação de imagens dos seus viventes, num processo de interação no qual homens e cidade se moldam. Como afirma IWATA (2001) A cidade real pode ser considerada como a materialização de uma condição imaginária, que se transforma – e a transforma – continuamente. O reconhecimento deste imaginário contribui para a

legibilidade da cidade, dos processos que geraram seus signos e da sua própria identidade.

Nas palavras de CASTRO (1997) todo imaginário social é também geográfico, pois embora sendo fruto de um atributo humano (a imaginação) é alimentado pelos atributos do espaço. Nesse entendimento, a cidade em toda sua plenitude material (ruas, praças, monumentos...) transmute-se em imagens, caminhos e representações da alma coletiva. Assim, compreender o imaginário significa compreender na escala da vida cotidiana, a procedência social das imagens (a que grupo pertencem, que experiência carregam) como já afirmara PINTAUDI (1997).

A cidade composta de paisagens é produto de uma construção social e histórica, e que por isso, se converge em conjuntos de cenas pretéritas, que de certo modo, oferecem sustentação ao imaginário do presente. Portanto, pode-se conceber que o imaginário constitui-se na memória de forma implícita. Mesmo que as pessoas não se apercebam do conjunto imagético que o cerca cotidianamente nos espaços rotineiramente visitados e vividos, estas imagens, involuntariamente, estão transmitindo informações à sua memória e associada a outras informações está compondo o imaginário daquele lugar.

Certeau e Giard (apud PINTAUDI, 1997, p. 216), afirma:

> O imaginário urbano é, desde logo, as coisas que o soletram. Elas se impõem. Elas estão lá, fechadas em si mesmas, forças mudas. Elas têm caráter. Ou melhor, são "caracteres" sobre o teatro urbano. (...) esta população (de objetos) estende suas ramificações, ela penetra toda a rede de nossa vida cotidiana, ela desce nos labirintos do habitat, ela coloniza silenciosamente as profundezas.

Imaginário e memória são conceitos que se complementam entre si, não há memória que não prescinda de um imaginário e vice-versa. Alguns autores[12] escrevem que sem a memória na cidade, perde-se o elo que condiciona a relação entre o habitante e a cidade, favorecendo um "estranhamento" do individuo a história de seu espaço urbano, negligenciando sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas.

No entanto, a cidade vai mudando com o tempo, assim como mudam seus diversos grupos sociais e seus processos/formas de relacionamento com espaço. Nesse processo temporal, as imagens de uma cidade vão se constituindo, bem como a rede de

[12] Autores como Ricardo Oriá em artigo intitulado Fortaleza: os lugares da memória. In: SOUSA, Simone (org).Uma Nova História do Ceará, Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

relações com o lugar que é responsável pela construção do imaginário urbano. CARLOS (1999, p.26) afirma que a cidade é:

> [...] um modo de viver, pensar, mas também sentir. O modo de vida urbano produz idéias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer, e também uma cultura. [...] A cidade aparece como materialidade, produto do processo de trabalho, de sua divisão técnica, mas também da divisão social. É materialização de relações da história dos homens, normatizada por ideologias; é forma de pensar, sentir, consumir, é modo de vida.

O imaginário abriga assim, um conjunto de imagens e símbolos que necessariamente não expressam a realidade em si, o que não exige em sua análise uma comprovação intelectual. Este conjunto constitui, portanto, representações mentais dos traços da realidade carregadas de significados que incitam as ações humanas sobre os espaços da cidade.

Desta forma, PINATAUDI (1997) esclarece que a materialidade da cidade tem importância não apenas porque permite que ela exista e funcione, mas justamente porque adquire valor simbólico, fazendo-nos aceitar a idéia de que o imaginário faz parte da própria essência da historia humana.

CAPITULO II

A CONSTITUIÇÃO GEO-HISTÓRICA DA PAISAGEM URBANA DA CIDADE DE SOBRAL

CAPÍTULO II – A CONSTITUIÇÃO GEO-HISTÓRICA DA PAISAGEM URBANA DA CIDADE DE SOBRAL

2.2. Notas sobre a formação de cidades no Nordeste e no Ceará

A ocupação do espaço brasileiro, verificada inicialmente no Nordeste, se constituiu numa lógica de estruturação espacial denominada de rede dentrítica (CORRÊA apud DANTAS, 2006). Esse arranjo simples foi adotado pelo colonizador europeu, atendendo prontamente às necessidades de demanda do comércio ultramarinho, bem como à política de defesa do território descoberto.

Tal sistema compunha-se de uma cidade primaz, situada junto ou próximo ao mar, dispondo de forte e porto, relevantes para as trocas comerciais com a Europa, propiciando o domínio de sua hinterlândia e a defesa contra inimigos, sejam índios e outros povos europeus. Ainda segundo DANTAS (2006) mencionando LA BLACHE (1995), tratava-se de um sistema que convidava o interior a se abrir, onde a penetração se dava por meio das vias naturais que se comunicavam com o mar, como estuários fluviais, rios, e na falta destes, por outros pontos de menor resistência.

No caso do Nordeste brasileiro, a zona da mata e o meio norte ilustram bem essa lógica de ordenação espacial. Abrigando uma rede de cidades ligadas principalmente a Salvador, Recife e São Luís, que se especializaram na captação de produtos do interior para serem encaminhados ao mercado europeu, sendo o açúcar na zona da mata e as especiarias do meio norte (DANTAS, 2006).

De acordo com o mesmo autor, em se tratando especificamente da Capitania do Ceará, a lógica de estruturação espacial das cidades não foi a mesma. A semi-aridez (presente em 93% da área), associada à agressividade dos aborígenes, compôs um quadro de imagens negativas para o Ceará que retardou as expedições de ocupação, criando dificuldades para a consolidação de uma rede de cidades nos moldes anteriormente descritos.

Tais aspectos elucidam que o Ceará, no inicio do seu povoamento não dispôs de um centro irradiador. De forma contrária ao que se evidenciava nas cidades de Salvador, Recife e São Luís, não foi do Forte de Nossa Senhora da Assunção que partiram as iniciativas de povoamento do interior da capitania. O que se configurou foi um conjunto de cidades interioranas que se especializaram na produção e comercialização de carne seca, permanecendo Fortaleza, isolada no litoral.

> O Ceará constitui exemplo de segundo caso. A ocupação desta capitania toma via diferenciada, associada exclusivamente à racionalidade militar e defensiva, cujo desdobramento torna impossível a penetração do interior a partir de Fortaleza. (DANTAS, 2006, p. 147).

1.2. **O quadro Natural e o Povoamento do Norte Cearense**

Frente ao cenário de exploração econômica dominante no Nordeste brasileiro, baseado no cultivo da cana-de-açúcar, o clima semi-árido da capitania do Ceará, inadequado a este cultivo, pôs essa porção nordestina à margem do desenvolvimento nos primórdios da colonização. Os relatos dos colonizadores, que atestaram a esterilidade das terras do semi-árido nordestino passam a contrapor-se à imagem de território fértil expresso na Carta de Pero Vaz de Caminha, fazendo com que o sertão se constitua como verdadeira barreira à exploração fundada exclusivamente na monocultura da cana-de-açúcar. (DANTAS, op. cit, 2006).

Ainda segundo o mesmo autor, configura-se a partir de então um quadro de abandono da capitania, que fica restrita ao litoral. O Ceará torna-se pelo abandono português, área de interesse de outros países que não concordavam com o Tratado de Tordesilhas, como a Holanda, a França e a Inglaterra. Tais nações empreenderam várias inserções no intuito de ocupar o litoral cearense e penetrar na zona sertaneja. Os Franceses foram os primeiros, seguidos pelos Holandeses, suscitando importantes combates, o que obrigou Portugal a desenvolver uma política de defesa de suas possessões, sendo o Ceará um lócus estratégico de defesa das terras conquistadas[13].

No caso específico do Ceará, outros elementos de sua geografia aliam-se aos aspectos negativos trazidos por esses relatos, contribuindo para justificar a historiografia da ocupação do espaço sertanejo cearense. LIRA (1976) na observância de alguns desses aspectos geográficos, cita que as estradas naturais eram os rios, porém no território cearense não existia um rio que dividisse o Ceará ao meio em direção sul-norte que deságüe no oceano através de Fortaleza, o que proporcionaria outras entradas no sentido oeste-leste. Além disso, a hidrografia cearense não apresenta rios de planalto que, formando pequenas ou grandes cachoeiras, se estendam na planície para depois encontrar o oceano.

> O Rio Jaguaribe, numa extensão de 900km, compreendendo o sentido sul-norte, não permitia o desenvolvimento do povoamento no sentido leste-oeste

[13] Para o entendimento das questões ligadas ao processo de ocupação do Ceará, sugerimos a consulta de DANTAS (2006) que empreende importantes reflexões sobre a configuração da rede urbana colonial cearense, desenvolvendo para tanto, um rico estudo sobre a organização do território cearense.

> pois, de um lado havia a Chapada do Araripe e de outro as serras cearenses. As bacias do Jaguaribe e do Acaraú se achavam muito distantes e não havia meio de comunicação entre elas. (LIRA, 1976, p. 10).

Em face, portanto, da constituição de uma imagem negativa do semi-árido e em função da estratégia de defesa militar impetrada para o território cearense, a intervenção estatal promoveu uma organização espacial, tornando inviável o surgimento de novos movimentos de ocupação do sertão partindo do litoral. Fortaleza origina-se, num aspecto atípico ao modelo clássico de constituição das cidades litorâneas, tornando-se assim, prisioneira do litoral, segundo DANTAS (op.cit, p.152).

O povoamento da capitania desse modo foi feito em regiões isoladas do sertão, ignorando o litoral. A demanda gerada pela zona produtora de cana-de-açúcar motiva um movimento de expansão das fazendas de criação de gado. Tal expansão provoca a entrada de criadores no sertão do Ceará à procura de terras favoráveis à sua atividade. Esse processo impulsiona a distribuição das primeiras sesmarias no espaço sertanejo, datadas do final do século XVII e principalmente da primeira metade do século XVIII (MENEZES apud DANTAS, 2006).

Nesse movimento, as vilas de Icó e Aracati aparecem como núcleos econômicos dominantes na capitania do Ceará a partir de meados do século XVII, cuja área de influência extrapolou os limites do Vale do Jaguaribe, onde estão localizadas para imprimir por todo o Ceará a força de seu comércio e poder político.

No norte da capitania, a existência de três rios, o Acaraú, o Coreaú e o Aracatiaçu, possibilitaram a entrada de primeiros povoadores da região de Sobral. Formando, grosso modo, uma única bacia hidrográfica, a proximidade desses cursos é responsável por uma certa homogeneidade no povoamento da região.

Os primeiros moradores das margens do Acaraú de acordo com LIRA (1971) foram tribos de índios Potiguares. Estes possuíam terras que iam desde a foz do Rio Acaraú até a sua confluência com o Jaibaras. São citados outros aldeamentos de índios como os Tabajaras, (chamados pelo autor como senhores da serras, que permaneciam nos sertões intermediários entre os rios da região e a Ibiapaba), os Tapuias dos Tremembés (aldeados posteriormente em Almofala) e os Arariús (abrigavam a região onde é hoje a cidade de Groaíras). O autor explica, entretanto, que esses índios se fizeram amistosos no relacionamento com os colonizadores de maneira geral, porém, ao sentirem-se subjugados, há relatos de trucidamentos de brancos, correspondendo assim, às exceções nas relações estabelecidas entre brancos e índios, visto não haver, algum

comprobatório de maiores atrocidades, como ocorrido em outras áreas sertanejas no período da colonização do interior cearense.

Em referência ao espaço natural da região de Sobral antes de um maior movimento de fixação por parte dos colonizadores, LIRA (1971) citando a fala de D. José Tupinambá, constante em sua obra a História de Sobral (1953) comenta poeticamente, que

> [...] árvores seculares cobriam a região. Cedro, aroeiras, pau-d'arco, freijó, pau-branco, oiticicas, carnaubeiras, umburanas, sabiás, arapiracas, pereiros e muitas outras madeiras de lei formavam o rico tesouro de uma flora exuberante, quase desaparecida hoje, protegendo o solo com a frescura de suas sombras, entre as quais vagueavam inúmeros representantes da nossa fauna, como sejam: onças, gatos-maracajás, raposas, guaxinins, capivaras, pacas, veados, caititus, macacos, cutias e um sem-número de aves de todas as espécies, como: emas, seriemas, sericóias, papagaios, jacus, maracanãs, araras, jandaias, periquitos, canaãs, etc. [...] Pela margem do rio, à beira das lagoas, garças, jaçanãs, socós, guarás, marrecas e patos selvagens viam-se a cada passo. [...] Os declives, isto é, os lugares baixos que se seguem imediatamente à ligeiras altitudes, comprovam a existência de vários riachos que engrossavam as águas do Acaraú. (FROTA apud LIRA, 1971, p. 14).

Com relação às migrações das quais são oriundos os primeiros povoadores da região de Sobral, datam de meados do século XVII segundo artigo intitulado: Notas Históricas da Cidade de Sobral, publicado na Revista do Instituto do Ceará pelo Padre Fortunato Alves Linhares em abril de 1922.

O autor, ao averiguar consultas nos mais antigos documentos de concessão das sesmarias sertanejas, cita como marco inicial dessas migrações, a data de uma concessão expedida em 8 de novembro de 1682 pelo Capitão-Mor Bento de Macedo Farias ao Capitão Bento da Silva, a Jorge Coelho de Souza e a outros, todos moradores das Capitanias de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, cuja área concedida correspondia a 50 léguas de terra pela costa abaixo a contar do Rio Pará (?) ao Rio Mundaú, nelas compreendidas entre outras a bacia do Acaraú.

A opinião de Antonio Bezerra citado por LINHARES (1922, p.255) acerca do primeiro ponto habitado na região de Sobral é que esse se deu às margens do Rio Groaíras, afluente do Rio Acaraú, na povoação denominada Riacho dos Guimarães, atual cidade de Groaíras, onde já em 1712 existia uma Capela erigida em homenagem à Nossa Senhora do Rosário.

> Os povoadores da Ribeira não podiam ter outra procedência, pois já em 1683, aos 23 de setembro, Manoel Góes e mais seis companheiros, naturaes da Capitania de Pernambuco, cujos apellidos eram: Pereira, Almeida, Da Ruda, Abreu, Fernandes, Vasconcellos, todos troncos de famílias que ainda existem na região, obtiveram do Capitão-mor Bento de Macêdo uma data de sismaria

> de trez legôas de terra para cada um pelo rio Acaracú (Acarahú) acima a começar das Aguas Doces do dito rio, perfazendo ao todo, vinte e um legoas de terra, estendendo-se mais ou menos a sismaria até o local onde foi edificada a povoação do Riacho dos Guimarães. (LINHARES, 1922, p. 255).

2.1. Núcleo inicial de Sobral: A Fazenda e o Rio (Meados do século XVIII)

Dentre as famílias que migraram de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte inserem-se aquelas que vieram a povoar a área onde se assenta Sobral. Nascia assim a fazenda Caiçara, de propriedade do Capitão Antonio Rodrigues Magalhães e de sua esposa Dona Quitéria Marques de Jesus. O referido Capitão é adjetivado por LIRA (1971) como um dos mais célebres colonizadores do interior cearense, era reconhecido como homem de visão que não mediu esforços para o desenvolvimento da povoação da Caiçara, pois logo cedo compreendeu o papel deste estabelecimento como centro de uma região e sede de um Curato[14]. [...] A Fazenda não era muito grande, media légua e meia mais ou menos de terras chamadas do pé da serra, que confronta da parte de cima e entesta com a Geybara de baixo e da parte de baixo com a Fazenda da Pedra Branca. (LIRA, 1971).

Compondo-se de um grande casarão com centenas de agregados, logo se desenvolveu em seu entorno o arraial constituído de número expressivo de casas de taipa. O povoamento logo floresceu ao ponto que em 1748, os vereadores da Câmara de Aquiraz, em 17 de junho sugeriram a transferência da Vila de Fortaleza para Caiçara, o que não se realizou pelas razões apresentadas pelo capitão-general da Capitania de Pernambuco. (LIRA, op. cit. 1971).

A Fazenda era servida por três paisagens lacustres, o que de certo modo contribuía para a diminuição das altas temperaturas nos períodos de estiagem no semi-árido, eram eles: a Lagoa da Fazenda (Próxima ao atual Ginásio Poliesportivo), sobre a qual afirma FROTA (1953) era muito profunda, chegando no começo do século XIX a possuir uma lâmina d'água de dois metros e ser a preferida para banhos pela população de homens jovens; a Lagoa do Junco (localizada no perímetro do bairro atual do Junco) e a Lagoa do Feijão, situada nas proximidades da margem esquerda do rio Acaraú.

---

[14] Etimologicamente, Curato era um povoado onde morava o CURA. "Sacerdote que pastoreia um pequeno povo, coadjutor do pároco". Dentro desse sentido, "curar" significa "cuidar de". O Cura era um Capelão tinha como funções principais celebrar missas e realizar casamentos e batizados. O Curato em Caiçara foi criado por volta de 1718, sendo o primeiro cura o Padre João de Matos Monteiro.Porém os primeiros assentos paroquiais só constam de outubro de 1725, até então não haviam livros na freguesia. (CAVALCANTE, 1909).

Das 972 fazendas existentes no Ceará em 1780 (LIRA, 1971, p. 19-20), relata que a Fazenda Caiçara

> [...] possuía casas sólidas, espaçosas, de alpendres hospitaleiros, currais de mourões, por cima dos quais se podiam passear bolandeiras para o preparo da farinha, teares modestos para o fabrico de redes ou pano grosseiro, açudes, engenhocas para preparar a rapadura, capela e até capelães, cavalos de estimação, negros africanos, não como fator econômico, mas como elemento de magnificência e fausto, tudo sintoma de uma situação de fartura.

É fundamental assim, partindo da perspectiva geo-histórica[15], engendrarmos na discussão sobre a importância do espaço natural, em especial sobre o rio Acaraú na constituição do aglomerado urbano sobralense que começava a se desenvolver. É certo que a água do Acaraú desempenhou papel crucial na formatação de Sobral, seja enquanto fazenda criatória, como vila e cidade. No entanto, não se registram historicamente fontes que discutam a formação da paisagem urbana que considere a expressão fluvial do rio, e o papel desempenhado por outros aspectos geográficos ao seu entorno.

Sobral, assim posicionada no centro de região norte, tornar-se-ia o centro de seu povoamento e de todo o desenvolvimento econômico dessa área por intermédio das estradas fluviais, inclusive. O limite entre Sobral e as bacias hidrográficas do Acaraú, Coreaú e o Aracatiaçu são quase idênticas. Sendo que os dois primeiros rios serviram como estradas naturais aos primeiros povoadores da região, oferecendo a estes e aos seus descendentes, saída fácil para o mar. A necessidade de irem buscar fontes para subsistência em Fortaleza ou na Ibiapaba quase não existia. O intercâmbio sócio-cultural se dava de forma proeminente com Pernambuco, Bahia e Maranhão, conforme LIRA (1976).

A localização de Sobral entre vales de rios, emoldurados pelas serras circundantes conferirá ao homem uma fixação mais profunda ao espaço que então se construía, levando-o a buscar em suas próprias potencialidades, mecanismos para reprodução das condições da vida social. Neste aspecto, um ponto nos parece polêmico

---

[15] A Geo-História introduz a geografia como grade de leitura para a história, e ao trazer o espaço para primeiro plano e não mais tratá-lo como mero teatro de operações — e sim como o próprio sujeito da História — possibilita o exame da longa duração, esta história quase imóvel que se desenrola sobre uma estrutura onde os elementos climáticos, geológicos, vegetais e animais encontram-se em um ambiente de equilíbrio dentro do qual se instala o homem. (BARROS, 2006, p. 467). O autor cita como exemplo na fundamentação dessa linha de investigação geo-histórica, a célebre obra O Mediterrâneo do historiador francês Braudel, explicando que: [...] Rigorosamente falando, não é tanto com a idéia de um "determinismo geográfico" que Braudel trabalha e sim com a idéia de um 'possibilismo' inspirado precisamente na geografia de Vidal de La Blache. Afora isto, o empreendimento a que o historiador francês se propõe nesta obra paradigmática é o de realizar uma 'espacialização da temporalidade.

acerca da historiografia produzida sobre Sobral. É farta a produção de fontes históricas sobre o lugar que nos encaminha sempre a refleti-lo a partir de uma imagem aristocrática, de cultura elevada, de mecanismos reprodutivos de um modo de vida "estrangeiro" distinto da região semi-árida. A história oficial[16], nos conduz a um campo de representações únicas de interpretação da formação social da cidade, onde o aspecto da pujança econômico se faz matriz de um modo de vida urbano que foi "escolhido" para o lugar, alheio ao ambiente natural sobre o qual se desenvolve.

Neste caso, uma análise que considere a perspectiva geo-histórica da cidade, nos faz pensá-la revelando novos aspectos para o entendimento de sua formação e explicação da construção sócio-cultural. A geografia natural do espaço, ao nosso pensar, conferiu ao lugar em certos momentos, obstáculos no estabelecimento de intercâmbios com o restante do espaço sertanejo, bem como com a capital Fortaleza. Essa mesma geografia por outro lado, propiciou outras condições para a realização de trocas econômicas, sociais e culturais com espaços mais longínquos, reconhecendo no caso, a importância dos rios nessa análise.

> Os rios desempenharam um papel essencial na estruturação das paisagens urbanas e consolidaram uma conexão entre forma e uso exclusiva em cada cidade. Desta forma, manifestaram -se as probabilidades de agrupamento, de construção e o desenvolvimento de uma consciência que lhes ordenou e orientou. (PORATH, 2004)

LIRA (1976) pioneiro da discussão do meio natural e sua importância para o estabelecimento da cidade de Sobral discorre assim sobre os rios da região e das condições que estes cursos fluviais permitiam aos colonizadores. Ementa o autor:

> Com saída fácil para o mar, os primeiros povoadores de Sobral e cidades vizinhas volviam muitas vezes à terra mãe (Pernambuco, Paraíba, Bahia e até mesmo Portugal) para entrarem em contato direto com a civilização, com novos conhecimentos e transmiti-los a seus filhos. [...] Não foi difícil, portanto, achar um meio para incrementar o intercâmbio comercial, social e cultural entre a região que escolheram para a nova moradia e a terra-mãe. A pecuária lhes forneceu as "célebres charqueadas" fartamente comercializadas com Recife e Salvador. Com o correr dos tempos, belas e suntuosas habitações foram construídas em todo o vale do Acaraú [...] (LIRA, 1976, p. 11).

[16] FREITAS (2000, p. 36-37) explica que: Por "história oficial" se entende aquela constituída por obras literárias adotadas como fontes para livros didáticos e informações sobre a história da cidade. Geralmente são obras que exaltam acontecimentos, fatos e heróis, de forma isolada e seletiva, baseados em personagens integrantes da elite local. Usam termos como "vultos históricos, "fatos que marcaram a história da cidade", como se o cotidiano, os "pequenos acontecimentos" e aqueles que são excluídos dos círculos da alta sociedade não fizessem parte da história. Esta literatura, portanto, é seletiva, ressaltando "acontecimentos históricos" considerados pela elite local como fundantes da definição de um campo representação do heroísmo e respeito às tradições.

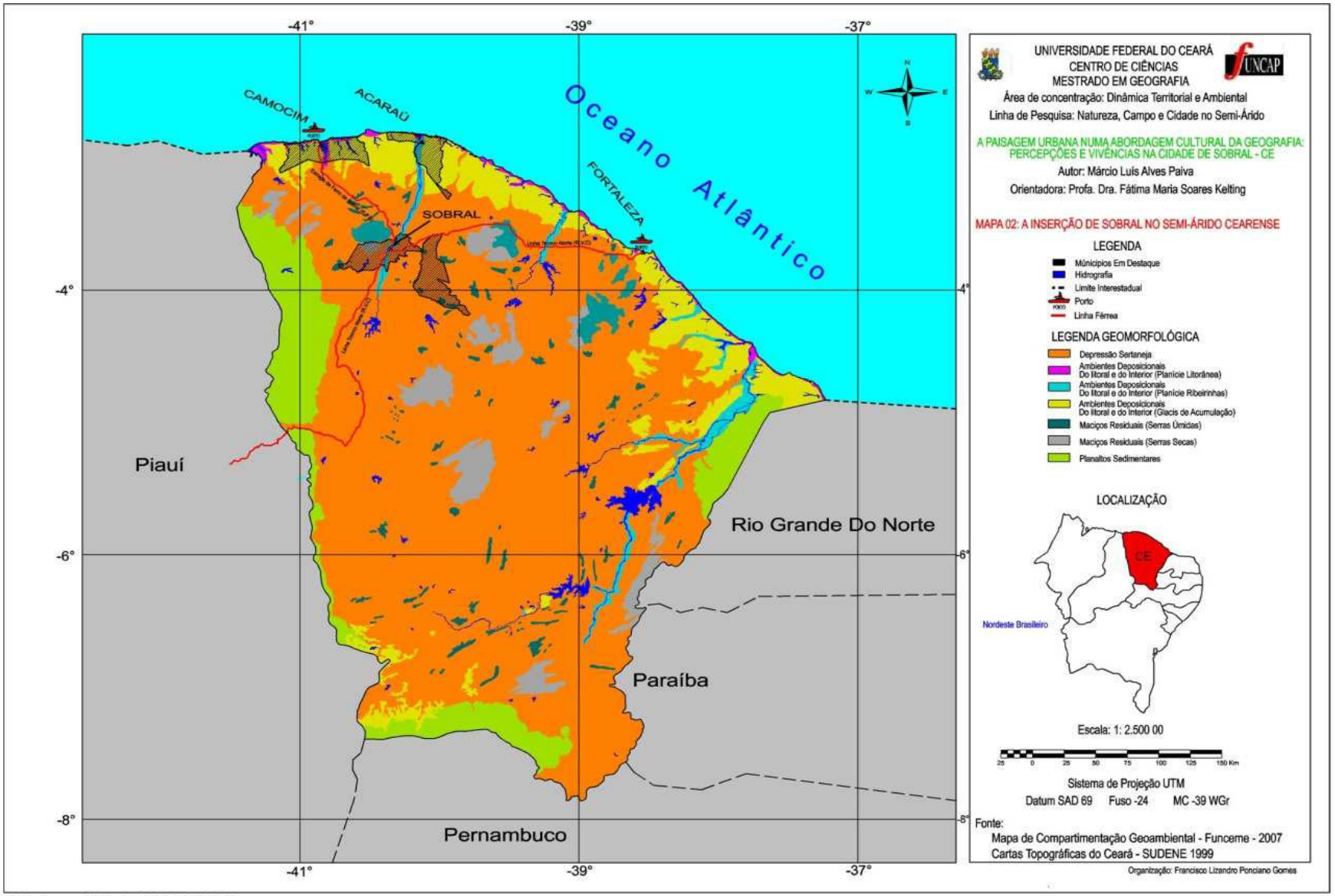


FIGURA 3: A Inserção de Sobral no Semi-árido Cearense

O rio Acaraú, permitia a navegabilidade de Sobral até o porto de Acaraú[17] nas cheias ocasionadas pelo período chuvoso, relatado no Jornal "O Sobralense" em 1875, citado por LIRA (op. cit, p. 74), o qual relata que o percurso feito pelo leito, de Sobral ao porto era realizado em quatro dias, enquanto que por via terrestre eram oito dias. Tal alternativa oferecia condições de custos mais baixos, tanto para homens quanto para os animais utilizados no trajeto por vias terrestre e conseqüentemente uma maior otimização dos fluxos.

LINHARES (1922) também ao comentar sobre a cidade enumera alguns aspectos da geografia local que considera importante para a consolidação do lugar. Cita o autor que

> Graças à sua posição, à amenidade do clima suavizado durante os ardores do estio, pelos ventos aliseos, à proximidade das serras da Meruoca e Rosário, prolongamento d'aquella, serras ubérrimas em productos agrícolas, e ainda à cordilheira da Ibyapaba, que não lhe fica longe [...] a povoação expande-se rapidamente, cresce, avoluma-se, desenvolve-se, torna-se centro de grande commercio, attrahindo ao seio as populações adventiceas de procedências varias, máxime portuguezas e mestiças vindas directamente do Reino ou das Capitanias limitrophes, principalmente de Pernambuco e Rio Grande do Norte, que aqui encontravam meios certos e seguros de se enriquecerem dedicando-se á criação de gados mais fácil, productiva e remuneradora na Ribeira do Acaraú do que em qualquer outra parte. (LINHARES, 1992, p. 261).

COELHO (2007, p.303) ao desenvolver estudos sobre a "área de influência de Sobral" na contemporaneidade situa o papel desempenhado pelos aspectos geográficos, em especial ao das bacias hidrográficas da região no início do seu povoamento. Explica o autor que

> Embora alimentados por rios intermitentes, essas bacias hidrográficas foram decisivas para desde o princípio da ocupação da área no período colonial, provendo os recursos hídricos necessários ao suprimento humano, às culturas de subsistência e ao criatório que vai impulsionar a atividade coureira e a indústria da carne-seca.

O mesmo autor, citando uma reflexão do historiador local Sadoc de Araújo, que estudou as raízes portuguesas do Vale do Acaraú, esclarece que quase nada se explicaria por estes lados, não fosse à presença do rio Acaraú. COELHO (2007, p. 303-304) também afere sobre a importância da natureza na produção desse espaço. Comenta o autor que

> [...] a combinação de fatores físicos-ambientais e socioeconômicos nessa região foi ideal para o processo de produção de um "espaço economicamente homogêneo" sobre um meio físico heterogêneo dominado por bacias hidrográficas, campos de inselbergs, "serras úmidas", zona de clima semi-árido, precipitações médias anuais com variação de 500mm a 1.000mm, dependendo da área, predominância de vegetação de caatinga, de "secas" periódicas, densidades demográficas relativamente baixas, embora mais elevadas que a do Sertão central.

[17] O Porto de Acaraú foi o primeiro a ser utilizado como escoadouro da produção bovina: carne-seca, couros e outros derivados, bem como para o recebimento de bens de consumo: móveis, utensílios, etc.

A expressão do espaço natural da cidade é registrada em alguns elementos simbólicos do lugar, como nas produções artísticas e de cunho patriótico. O hino oficial do município, que tem como autores José Esmeraldino de Vasconcelos (letra) e a música de Antônio Gondim, dimensiona bem a condição do surgimento da cidade num cenário natural tipicamente sertanejo, onde a importância do rio Acaraú é destacada. Vejamos o que diz a letra:

Nasceu Sobral entre sobreiros verdejantes
A margem esquerda do lendário Acaraú
Velha Caiçara, com suas vacas ruminantes
Oh! Meu Sobral, quão altaneira foste tu!
(Coro)
Oh! Meu Sobral. Oh! Meu Sobral
Linda princesa cá do Norte do Ceará
Oh! Meu Sobral. Oh! Meu Sobral
Cidade luz aqui da terra de Tupã
No farfalhar dos carnaubais que te rodeiam
Ouve-se a voz do Acaraú a murmurar.

Filhos ilustres construíram tua grandeza,
Que te oferece galhardão excepcional
E a natureza te emprestou tanta beleza,
Que te levou a ser Princesa, oh! Meu Sobral
Hoje, ostentando majestoso casario,
Alto comércio, povo ordeiro e varonil,
E retratando teu perfil na água do Rio
És meu Sobral, uma das glórias do Brasil.

Uma outra produção musical, intitulada "Terra da Esperança" da autora Regina da Justa Feijão, por se tratar de um samba, se tornou bem mais conhecida junto a população do que o próprio hino da cidade. Numa analogia da cidade enquanto um ser feminino, cumpre como o hino, a mesma função de enaltecer as paisagens naturais, aparecendo em destaque além do rio, a serra da Meruoca. Assim diz a composição:

Sobral, cidade abençoada
Morena muito queimada
Por este sol tropical
Sobral, terra da esperança
De mulheres de punjança
Beleza e porte real.
Teu rio acaraú passa ligeiro
E banha teu pé trigreiro
Sobral garbosa mulher.
Do Cristo Redentor a gente avista
Esta cidade bonita
Cheia de graça e esplendor.
A Meruoca azulada
Como eterna namorada
Vive a te embelezar.
Na paisagem colorida,
Oferece amor e vida
Em teu clima salutar.
Com orgulho e muita fé

Embalaste D. José
Em teus braços com calor.
Ele, que lutou na vida
Por esta terra querida
Que tanto, tanto amou...

As reflexões aqui trazidas acerca do espaço natural, de seus aspectos e representações no processo de construção da cidade e de seu modo urbano (apontado por aqueles que dedicam-se ao seu estudo, como diferenciado do restante do sertão e do Ceará), encaminha-nos a possibilidade de discorrer sobre a formação urbana de Sobral, aproximando-nos de um maior entendimento de sua construção social e cultural, materializada na paisagem.

LIRA (1976), como historiador sobralense, árduo na defesa de sua terra, explica que o povo de Sobral, graças à sua posição geográfica e à tenacidade de sua vida galgou um "status social" proveniente das relações amistosas que mantinha com as principais metrópoles brasileiras e da situação financeira equilibrada que lhe assegurou por longos tempos esse "modus vivendi".

A partir desse ponto, achamos oportuno analisarmos a constituição da paisagem urbana de Sobral ao longo do período compreendido entre 1772, época da elevação do povoado de Caiçara à Vila, passando por sua elevação à cidade em 1845 até o presente.

Certamente a existência de uma abrangência do recorte-espaço temporal a que nos propusemos converge num desafio. Fixamos nossa análise na paisagem, tentando entender a partir da sua morfologia, os aspectos relacionados à produção desta enquanto materialidade historicamente construída pelas práticas sociais de grupos específicos, que engendraram principalmente pelos mecanismos econômicos e políticos, seus padrões civilizatórios no espaço.

1.2.2. Sobral Vila (Final do Século XVIII)

O povoado de Caiçara foi elevado à Vila, no ano de 1772, sob a denominação de Vila Distinta e Real de Sobral. Localizada na várzea do Rio Acaraú e no centro de uma área cruzada entre dois rios importantes – o Coreaú e o Aracatiaçu, a Vila de Sobral passa a efetivar-se como núcleo hegemônico na organização espacial do território cearense, configurando-se, aos poucos, como um importante centro polarizador do sertão centro-norte.

> Ao longo das estradas que margeavam essas ribeiras surgiram currais e núcleos de moradores que escoavam sua produção para Sobral e, ao mesmo tempo constituíam praças que alimentavam o seu comércio. Os produtos oriundos do desenvolvimento da pecuária eram exportados através do Porto do Acaraú para os principais portos da Colônia, possibilitando, em troca, a entrada objetos de luxo como pratarias,

> porcelanas, cristais, móveis de Jacarandá e materiais de construção (...) (BARBOSA, et al, 2000, p. 9).

Neste processo, constituída inicialmente a partir da Fazenda Caiçara, no final do século XVII e inicio do século XVIII, Sobral tem sua história marcada por importantes períodos de ascensão econômica e social assim como de declínios, evidenciando através de suas formas espaciais a ação dos "principais fatores de localização e expansão urbana da cidade: o gado, o comércio, o algodão, a diocese e a indústria. (Rocha, 2003).

A criação extensiva de gado no Ceará tornou-se responsável pelo estabelecimento de um sistema de vias ligando o sertão (espaços de criação) aos centros de comércio do gado e de seus derivados, como a carne seca e o couro, estabelecendo assim, os primeiros recortes de uma rede urbana, que tornava salutar alguns centros situados geograficamente no encontro dessas vias. Sobral é um deles.

> A atividade das charqueadas tornou-se lucrativa e provocou grande crescimento das vilas de Aracati, Icó e Sobral em razão das exportações do charque e do couro. (...) Sobral beneficiou-se do porto de Acaraú e desponta na porção norte do Ceará, pelo seu aformoseamento, símbolo da riqueza do gado (SILVA & CAVALCANTE, 2002).

De seu núcleo inicial na fazenda, passando a Arraial e posteriormente à Vila Distinta e Real de Sobral em 1772, o desenvolvimento urbano sobralense é produto da soma de força de diversos segmentos, visto que,

> [...] o início da estruturação do espaço urbano deveu-se ao fortalecimento de instituições, como a Igreja, juntamente com os poderes jurídico e político, dominados pelas elites, e com os criadores de gado e comerciantes, detentores do poder econômico que enviavam o gado pelas trilhas que margeava o rio até o litoral (ROCHA 2005).

No século XVIII, segundo pesquisa realizada pela SUDEC sobre a rede urbana cearense (1974), Sobral aparece com expressivo destaque, configurando-se como um centro de primeira ordem, sendo até hoje um dos principais do interior. Sua função comercial, administrativa e de serviços, se estendia por todo o Noroeste do estado, alcançando parte do Piauí. (SILVA, 2004).

A configuração urbana sobralense, a partir da criação da Vila de Sobral em 1773, apresenta um expressivo movimento de aglutinação de construções ao redor da Matriz e posteriormente ao redor das Igrejas do Rosário e do Bom Parto.

> Por essa época existiam doze ruas na vila: a de Nossa Senhora do Carmo (lado direito da Praça da Matriz); a Rua Detrás da Matriz; a Rua Defronte da Matriz; a Rua Esquerda da Matriz; a Rua do Rio (atual Rua das Dores); a Rua Nossa Senhora dos Milagres (lado norte da Praça da Prefeitura, atual Câmara); a Rua do Negócio (atual Rua Menino Deus); a Rua Nossa Senhora do Bom Parto (atual Padre Fialho); a Rua da Beira do Rio (atrás da Capela das Dores); a Rua da Cadeia (atrás da Câmara); a Rua da Campina da Jurema (Praça da Várzea) e a Rua da Gangorra

(atual Apolo, continuação da Rua Nossa Senhora dos Milagres) (BARBOSA, et al, 2000, ,p.18).

Nas primeiras décadas do século XIX, a vila de Sobral dispunha de uma estrutura urbana composta de 237 casas, além de possuir uma Casa de Câmara e Cadeia, ainda inacabada. Foram nessa época encaminhados pela Câmara vários pedidos para a construção de prédios que viessem a atender as demandas da vila, dentre eles um cemitério que só fora construído em 1861. Nesse ínterim, os sepultamentos passaram a ser realizados em um terreno que constitui atualmente a Praça do Patrocínio.

Um dos elementos importantes na definição espacial de Sobral foi a construção de um novo Mercado (Figura 1), entre 1818-21. Localizado entre os largos da Matriz e do Rosário, (atual Praça Coronel José Sabóia) este equipamento respondeu às necessidades de melhor adequação espacial para a realização das atividades comerciais em expansão (BARBOSA et al, 2000).

Figura 4: Praça do Mercado (Final da década de 1890). Fonte: ROCHA, 2003.

Merece destaque na primeira metade do século XIX, a expressão adquirida na paisagem pelas edificações religiosas, sendo exemplos a Igreja das Dores (1818), a Igreja de Santo Antonio (1853) e a Igreja do Menino Deus, cuja obra foi iniciada na primeira década do século.

1.2.3. Sobral Cidade (Metade do século XIX)

Em 1841, com a elevação da vila à cidade, Sobral já dispunha de uma malha urbana adensada no centro, refletindo na centralidade, o elevado poder de concentração de capital e trabalho.

> A Vila em 1841 [...] contava então com 14 ruas, 6 travessas, 14 becos e algumas praças, já relativamente bem habitadas. Poucos anos depois, já se demonstrava preocupação quanto ao desenho de suas ruas e seu embelezamento. Em 1860, foi feito um plano de urbanização que mesmo não tendo sido realizado, demonstra a prosperidade do lugar que buscava construir especialmente a representação de uma estabilidade e de uma supremacias alcançadas. [...] Providências com a iluminação de alguns pontos privilegiados e a construção de praças visavam planejar e ordenar o crescimento da cidade, bem como embelezá-la (BARBOSA, et al, 2000, p.25).

Os sobrados, (Figura 2), espaço de moradia e de função comercial, em geral, propriedades de grandes pecuaristas e comerciantes, são a marca dessa concentração. Rocha (2003) afirma que a classe dominante foi adquirindo uma necessidade de ostentação na medida em que o comércio tomava espaço na estrutura econômica da pecuária.

Figura 5: Atual Casa da Cultura de Sobral. (Antiga residência da Família Paula Pessoa)
Fonte: www.sobral.ce.gov.br

SANTOS (2000) afirma que em meados do século XIX, Sobral era tida como a melhor cidade do sertão cearense no aspecto social. Através de sua tese de doutoramento intitulada "Cartas do Sobrado" (2000), na qual estudou um acervo de correspondências da Família Paula Pessoa, clã representativo da elite política e econômica sobralense no referido século (da qual a autora é descendente), podemos ter indícios sobre as práticas sociais da elite na cidade nessa época. Segundo a autora

> Os Paula Pessoa ocupavam não somente a liderança política e econômica da região, como também participavam da elite cultural de Sobral, cultivando os hábitos adquiridos nos centros universitários que freqüentaram. [...] Domingos Olímpio, o futuro autor de *Luzia Homem*, também bacharel, deixaria um testemunho dos encontros da intelectualidade sobralense: Havia em Sobral um epicurista das letras que acumulara pacientemente num trabalho erudito, numa bela vivenda do subúrbio da cidade, as mais notáveis produções da inteligência humana. As novidades do mundo chegavam, pontualmente, em livros, em revistas, em jornais, à biblioteca do Dr. Tomás Antônio de Paula Pessoa. [...] Lá, Domingos encontraria um exemplar de *Viagem ao Centro da Terra*, romance de Júlio Verne, de 1864, sobre um caminho subterrâneo que leva um geólogo da Islândia ao Mediterrâneo, e que o motivaria a narrar sua experiência de visita às cavernas de Ubajara. [...] Ainda sobre a casa de Tomás de Paula Pessoa, Domingos comentaria:Ali se reuniam para quebrarem a monotonia patriarcal da vida sertaneja, em palestras adoráveis, em comunicação de idéias, de impressões, o Conselheiro Rodrigues Júnior, João Adolfo Ribeiro da Silva, Paula Pessoa Filho [Dr. Francisco de Paula Pessoa], José Júlio de Albuquerque e Barros, e o jurisconsulto Vicente Alves de Paula Pessoa, quando podiam emergir, fugitivos do seu extenuante trabalho, para arejar o espírito numa atmosfera de emanações mais suaves que as do ambiente das leis, dos direitos, dos avisos [...] O grupo mencionado por Domingos Olímpio fundaria, em 1875, a União Sobralense, entidade de natureza cultural, que teve a iniciativa de construir o Teatro São João, uma grande e confortável casa de espetáculo (SANTOS, 2000, p. 49-50)

A autora ainda se refere ao relatório da Imperial Comissão Científica que visitou Sobral, no qual a chamam de Pérola do sertão e ainda

> Possuía bons prédios e vários sobrados. Entre os templos destacavam-se a matriz e a igreja do Menino-Deus. O seu comércio constava de couros, solas, algodão e gêneros alimentícios, feito pelo porto do Acaracu com as praças de Pernambuco e Maranhão. Sobral supria grande parte dos sertões cearenses da chamada Zona Norte e do Piauí. (SANTOS, 2000, p.49)

No último quartel do século XIX as epidemias e a grande seca, trouxeram grandes impactos para cidade. O rebanho cearense foi arrebatado quase por completo, causando grande desestabilidade a economia sobralense. Elevado número de mortos e a expressiva emigração do campo para as cidades figuram entre os impactos de maior relevância.

Nesse cenário, Sobral dispôs de muitos recursos do governo provincial que oportunizaram, em grande parte, o abastecimento de alimentos e remédios e do estabelecimento de frentes de trabalho responsáveis pela construção de importantes símbolos na paisagem da cidade, como o Teatro São João em 1875, bem como do hipódromo, que se caracterizavam na época como elementos espaciais distintos frente às demais cidades do Estado, como também refletem o poderio dos grupos econômicos locais firmados politicamente, revelando ainda a intensidade de uma dinâmica sócio-cultural vivida na cidade.

Na opinião de LIRA (1976) dois relatos sobre Sobral se destacam na segunda metade do século XIX: o do jornalista Renato Braga que escreveu sobre a cidade em seu livro "História da Comissão Cientifica de Exploração" adjetivando-a como a mais civilizada do interior, comenta sobre o aspecto de paisagem urbana e da forma de viver dos mais

ascendidos socialmente sobralenses e, o de Antonio Bezerra, constante na obra "Notas de Viagem", tido por LIRA (1976) como a mais fiel (porém poética) impressão sobre a cidade naquela época, trazendo para este trabalho outros indícios acerca das práticas sociais elitistas disseminadas espacialmente em Sobral. Seguem algumas citações:

> [...] Com pouco assomou do meio da planície a brancura da casaria da cidade, e à sua esquerda em linha de azul o perfil da Serra da Meruoca [...] Pelo lado do Sul e nascente é rodeada por uma cinta de verdura que serpenteia além internando-se para o norte [...] O sol banhava numa chuva de ouro aquela circunferência cintilante pela irradiação da vidraçaria das janelas dos sobrados e clarabóia das igrejas [...] Eu tinha ansiedade de ver a cidade e por isso, saímos logo a percorrê-la por todos os lados [...] Dominava-me agradável impressão, pois que, a exceção de Campinas, em São Paulo, não tinha ainda visto outra cidade central que se equiparasse esta em edificação, em tamanho, em asseio [...] Assentada á margem esquerda do Acaraú, é sujeita à inundação do rio que algumas vezes chega até o mercado público, situado quase no meio da cidade [...] Em 1873, as águas cresceram a ponto de as canoas e botes entrarem por um portão e saírem por outro e fazia-se pelo rio o transporte das mercadorias daqui até o porto de Acaraú [...] A maior parte das casas sobrados são vistosos e elegantes sendo sua construção admiravelmente sólida [...] A Praça Figueira de Melo, circundada de magníficos prédios com exceção da próxima ao rio, não se tem rival na cidade de Fortaleza e dificilmente se encontrarão na Província palacetes e melhores cômodos que o que concluía o Sr. Fernandes Mendes, à Praça Conselheiro José Júlio [...] As casas são numeradas, as ruas empedradas, e por toda a cidade, estão postados, combustores de madeira para iluminação a querosene [...] É notável o asseio das ruas e praças, donde se conclui que a Câmara cuida seriamente do bem-estar da localidade [...] Que diferença a esse respeito das mais cidades e vilas [...] Os sons do piano por toda a parte, o rumor e a atividade nos estabelecimentos, comerciais, certa correção nos trajes, um pouco mais que asseio no arranjo interno das habitações, freqüência de transeuntes, agitação, vozerio, grito dos vendedores de doces em tabuleiro, tudo anuncia que se chega a uma terra laboriosa e civilizada [...] O comércio que se faz diretamente com a capital do Maranhão, é bastante animado, e se mais não sobressai, a razão está na inúmera quantidade de lojas de fazendas e de molhados que contém mais que o necessário para o consumo da praça e da freguesia externa [...] As esquinas das ruas e travessas não terminam como nas outras localidades, mas se erguem em frontão, simulando andar superior com pontas e grades de ferro, defronte um do outro, e pela altura das paredes dão à paisagem ar elegante e imponente [...] Essa originalidade por si, torna Sobral uma cidade excepcional, atrativa e grandiosa [...] A edificação é compacta no centro, com alguns intervalos nas ruas dos arredores [...] Não obstante, o imenso calor diurno, que por vezes se eleva até 31 graus centígrados, são as noites agradáveis [...] Em geral se goza de bom clima e salubridade [...] A Matriz, na arquitetura interior, é em todo semelhante a da capital, mas força é confessar que guarda maiores proporções? [...] Entre o largo da Matriz e o largo da municipalidade se acha o Paço da Câmara Municipal, notável edifício com três salões no andar superior e um quarto para o arquivo [...] O teatro de São João, situado na face oriental do Menino Deus, está construído segundo o plano de Santa Isabel, em Pernambuco, sendo, porém menor [...] Tem bonita fachada, com largo salão de entrada, duas saletas laterais destinadas uma a venda de bilhetes e outra para o botequim [...] O salão do andar superior mede 16 metros e meio de comprimento sobre 6 e meio de largura. Tem três ordens de camarotes e a platéia pode comporta 300 pessoas [...] Ao norte da cidade fica a cadeia pública que ocupa um dos mais agradáveis locais por sua posição eminente. É de arquitetura pesada, feia aparência, mas realmente segura, pois que as muralhas são levantadas com cerca de dois metros de espessura para sobre elas montares guarda as sentinelas [...] Há na cidade duas tipografias, de cujas oficinas saem semanalmente os jornais "Sobralense", que conta treze anos de existência, e a "Gazeta de Sobral", que conta dois. Tem seis aulas pública: uma de latim, uma mista, duas para o sexo masculino e duas para o feminino. Além destas, há outras particulares em que se ensina o Português, o

> Francês e o Inglês. Um gabinete de leitura funciona regularmente, oferecendo sua biblioteca à concorrência pública e mantém uma aula noturna que tem certa freqüência [...] Nas minhas excursões pela cidade, observei que as sobralenses, além da música, têm decidido gosto das flores... Trajam com tanta simplicidade quanto elegância. [...] Em conseqüência talvez da educação aprimorada tem as formas mais delicadas que as suas patrícias do alto sertão (MENEZES apud LIRA, 1976, p. 22-24).

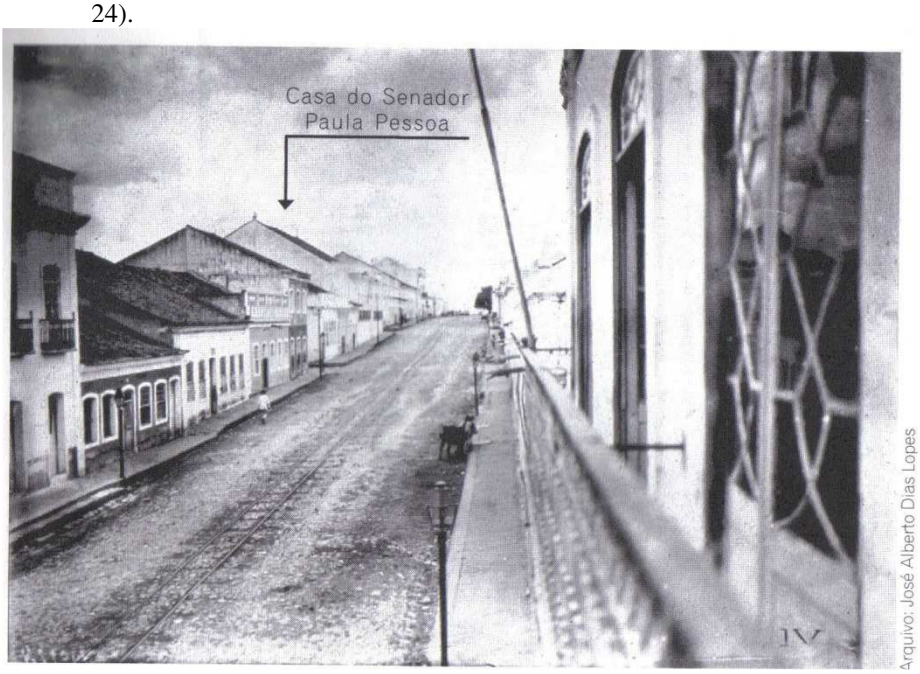


Figura 6: Rua da Vitória na Primeira metade do séc. XIX (atual Av. Dom José). Fonte: ROCHA, 2003.

A narração acima, embora extensa, é bastante considerada como fonte histórica sobre a cidade pela história oficial, mantendo o aspecto de um discurso que negligencia formação da cidade e do urbano a partir de outros grupos sociais. Ao lê-la, imaginamos uma paisagem homogênea, produto do trabalho de um todo social também homogêneo. O recorte espacialmente delimitado no centro da cidade nos induz a essa imaginação, a escala geográfica nesse caso institui um ponto a ser considerado, uma vez que a parte central parece representar um todo na cidade.

O espaço central da cidade era lócus privilegiado da elite, refletia a lógica da relação do individuo no espaço com uma carga valorativa forte, prenhe de situações de *status* e posição social, sendo o espaço, objeto de diversas valorizações (SILVA, 1999). Sendo na atualidade predominantemente dedicado ao setor comercial e de serviços.

Em menção ao aspecto arquitetônico da cidade no século XIX, Rocha (2003) comenta acerca da riqueza espacial do conjunto que compunha a sua paisagem. Cita o autor que,

> Os espaços urbanos, criados a partir da localização dos prédios públicos, das igrejas e, principalmente dos sobrados, conferem a Sobral uma riqueza espacial encontradas em poucas cidades brasileiras. As seqüências de espaços abertos e espaços edificados da área mais antiga da cidade dão uma dinâmica especial ao aglomerado

> urbano, somando-se a isso, a verticalidade das igrejas e sobrados (estes sempre nas esquinas), que funciona como contraponto nas visuais da cidade (ROCHA, 2003, p. 102).

Ainda no século XIX, o algodão passa a ter um papel relevante na pauta de exportação do Ceará, com a incorporação de novas áreas para fins produtivos e de comercio. Sobral, que desde o século anterior havia se formatado como núcleo hegemônico do norte cearense, foi contemplada com decisões e atos governamentais que reafirmaram seu papel nuclear na região. As estradas, peças determinantes para a formação da cidade e para fazer de Sobral um pólo regional, continuaram a ter importância no período, alargando as possibilidades de transação com o litoral e com outras regiões (BARBOSA, 2000).

A atividade comercial, fator até hoje preponderante na cidade, atuou como articulador da expansão de seu espaço. A paisagem na segunda metade do século XIX se mostrava como um arranjo composto pelas primeiras habitações e por formas arquitetônicas influenciadas pela arquitetura de Recife, cidade difusora da cultura "europocêntrica" na época e berço natal de muitos dos integrantes da classe dominante vigente em Sobral neste período.

> É da excelência do povoador que trouxe, principalmente, oriundo de Olinda e Recife, o gosto dos sobradões e dos hábitos sofisticados que iria surpreender os visitantes, na última metade do século passado. (COSTA apud ROCHA, 2003, p. 106).

FIGURA 7: Planta da Cidade de Sobral por volta de 1878.

Fonte: SANTOS, 2008

A atividade industrial em Sobral, apoiada no cultivo do algodão, inicia-se em 1887, com a instalação da Fábrica de tecidos Ernesto Deocleciano, fazendo surgir uma elite industrial local, detentora de forte influência política junto ao poder central, que passou a disseminar investimentos que alteraram a configuração urbana desse espaço. Como exemplo,

a Estrada de Ferro de Sobral, importante veículo para o transporte de mercadorias destinadas à Europa pela via portuária de Camocim.

Figura 8: Fábrica de Tecidos - Ernesto e Ribeiro (1889). Fonte: ROCHA, 2003.

Sobral se efetiva como centro de peso na comercialização do algodão no norte do Estado graças à existência de vias de ligação entre ela e outras importantes praças do Ceará e de estados vizinhos. Junta-se a isso, a importância alcançada pela construção da via férrea Sobral-Camocim neste processo, cuja estação foi inaugurada em dezembro de 1882.

> Essa hegemonia, pelo menos do ponto de vista econômico, foi fortalecida mais ainda com a construção da estrada de ferro entre Sobral e Camocim por volta do final do século XIX. A ligação do sobralense com a cultura européia realizava-se através do porto de Camocim [...]. O excedente produzido pela economia sobralense permitia a aquisição de bens de consumo importados, influenciado do ponto de vista da moda, dos costumes, da literatura, e possibilitando a compra de utensílios domésticos e adornos como cristais, louças e outros tipos, que, para a época, eram considerados requintados. [...] Assim percebe-se que a cidade de Sobral, antes do inicio do século XX, já vivenciava um clima de opulência, desconhecida por habitantes das cidades localizadas na Região Norte do Estado. O excedente nela produzido contribuiu para a edificação de equipamentos sociais e residências requintadas, tanto no século XIX quanto no século seguinte, indispensáveis para a cidade hoje. (FREITAS, 2000, p. 67).

A produção algodoeira em Sobral, apesar de figurar secundariamente frente a outras regiões do Estado, trouxe aspectos salutares para o lugar, visto ter surgido na cidade uma das primeiras indústrias têxteis do Ceará, desenvolvendo a comercialização do produto e promovendo o investimento em outras áreas que tiveram fortes impactos na paisagem urbana. ROCHA (2003) assinala que Sobral foi favorecida pela mentalidade empresarial de sua própria classe dominante, que investiu na cidade e deu continuidade ao embelezamento e riqueza dos seus espaços urbanos, e que,

> Os edifícios que definiam a estrutura urbana de então estavam intimamente ligados à atividade algodoeira – a Estação Ferroviária, a Fábrica de Tecidos, entre outras. Integrando estas edificações, surgia a linha do bonde, trabalhando em função da produção e transporte do algodão e, ao mesmo tempo e de forma secundária,

> prestando serviços à população, mantendo um caráter simbólico do poder econômico dos Sabóia e Albuquerque. (ROCHA, 2003, P. 138).

Sobral alcançava nesse período um extraordinário nível de qualidade urbana. Os trilhos ferroviários funcionavam como limitadores da expansão da área central, propiciando o seu maior adensamento e conseqüente valorização de seu solo.

> Em termos de arquitetura, surge nesse momento, um estilo muito característico de Sobral. São construções térreas, localizadas preferencialmente nas esquinas, com oitões artisticamente valorizados, dando para as ruas laterais. [...] As ruas largas, praças e becos estreitos integravam-se harmoniosamente aos edifícios mais destacados – igrejas, mercado e teatro – cuidadosamente implantados para propiciar melhor visibilidade (BARBOSA et al, 2000, p. 28).

Figura 9: Praça da Coluna da Hora por volta de 1920. Fonte: BARBOSA, 2000.

A criação da Diocese de Sobral, em 1915 representou o surgimento de uma instituição que seria responsável em muito pela redefinição urbanística da cidade. Símbolo marcante na história sobralense, Dom José Tupinambá da Frota, inscreve-se como "a cabeça pensante" de um dos principais agentes da organização espacial da cidade. Inúmeras obras de importância podem ser citadas, como o Colégio Diocesano (atual UVA), no sentido leste, e a Santa Casa de Sobral, no sentido oeste.

> Outras obras importantes, que consolidaram o poder do bispado de Dom José, tornaram-se marcos na cidade: o Palácio Episcopal, antigo casarão do senador Paula Pessoa adaptado para residência do bispo e, posteriormente, doado e ampliado para a instalação do Colégio Santana; o prédio do atual Museu Dom José Tupinambá da Frota, antigo Palácio Episcopal e sobrado do Coronel Bandeira de Melo; O Abrigo Sagrado Coração de Jesus; o Seminário Menor Betânia, o Arco do Triunfo, na entrada da cidade e o aterramento da Lagoa da Fazenda, para construção do acesso entre o Seminário e a cidade (BARBOSA, et al, 2000, p. 29).

Figura 10: Rua da Vitória na por volta de 1920. ("Rua do Bonde", atual Av. Dom José). Fonte: ROCHA, 2005.

No entanto, na história da formação da cidade de Sobral, em que constam referências aos jubilosos momentos de triunfo social e econômico, construiu-se também uma história de segregação entre classes. Segregação essa, materializada na relação centro-periferia. Rocha (2005) explica que os trilhos da linha férrea que cortam a cidade serviam de "limites" entre classes. O "intra-trilho", ou a parte central da cidade, era o lócus de reprodução da vida da elite, enquanto que o "extra-trilho", apartava do centro os menos abastados sócio-economicamente.

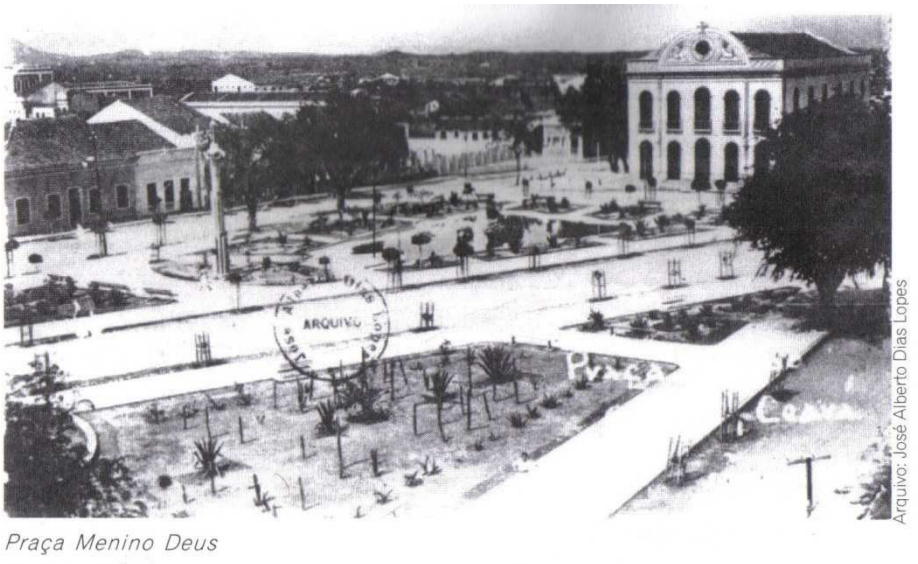


Figura 11: Praça do Menino Deus por volta de 1940 (Praça do Teatro). Fonte: ROCHA, 2003.

Alguns lugares da cidade denotavam claramente a segregação sócio-espacial. Naquela época percebia-se em Sobral uma exclusão social mais acintosa, com determinação

não escrita dos usos dos espaços públicos, como, por exemplo, lado dos ricos e dos pobres na Praça Menino Deus (ROCHA, 2003, p. 194).

Segregação que no sentido geográfico significa a desigualdade da distribuição de grupos sociais no espaço físico ou ainda, segmentação do espaço urbano entre extratos socioeconômicos diferentes (J. RODRIGUEZ apud VASCONCELOS, 2004), ou como explica CARLOS (2004, p. 120-121),

> A segregação se apóia na existência da propriedade privada do solo urbano, que diferencia o acesso do cidadão a moradia e enquanto fragmentação dos elementos da prática sócio espacial urbana [...]; a segregação é a negação do urbano e da vida urbana.

No entanto, a ligação da cidade de Sobral à Fortaleza, via estrada de ferro, no inicio dos anos de 1940 viria a afetar o quadro de pujança no desenvolvimento econômico sobralense. Fortaleza firma sua influência econômica de modo mais amplo sobre o Ceará e, conseqüentemente, sobre o próprio norte cearense, passando Sobral a experimentar uma fase de estagnação em sua economia (COELHO, 2007).

Na mesma obra citada acima, referindo-se ao espaço de influência de Sobral e seu processo de decréscimo econômico nesta época, Coelho explica que

> Se no inicio este sub-espaço econômico foi marcado pelas inter-relações tradicionais peculiares a uma região organizada pela pecuária extensiva, policultura e atividades extrativistas [...] nos últimos 50 anos, este quadro alterou-se bastante. [...] As atividades comerciais em Sobral viram as áreas geográficas do seu mercado se reduzirem em decorrência da reorganização da própria economia nordestina e do papel facilitador desempenhado pelos modernos meios de comunicação, e, assim, Maranhão, Piauí e boa parte do território cearense atingidos por elas, foram paulatinamente ficando fora do seu alcance, capturados pelo desempenho dos pólos vizinhos emergentes. [...] Algodão, couro e peles perderam preponderância. Vieram os serviços e a indústria [...] (p. 312).

A estrutura da paisagem urbana sobralense da metade do século XX em diante adquiriu grande complexidade. A cidade a partir de 1960 cresceu de forma acentuada, trazendo nesse conjunto todo o quadro problemático que assola as cidades brasileiras, como o alargamento dos bolsões de pobreza. A população foi multiplicada em cinco vezes na última metade do século.

No que concerne ao aspecto industrial, esta forma de produção se faz notar no espaço urbano sobralense a partir das décadas de 60-70 do século passado, como parte dos programas governamentais implementados pela SUDENE. A alocação desses estabelecimentos como a Lassa (laticínios), a Curtimasa (couros) e principalmente a Fábrica de Cimento Poty terão importância relevante no "espalhamento da cidade" e conseqüentemente na atração de contingentes populacionais para os seus arredores. Como por

exemplos, o Bairro Sinhá Sabóia (Lassa), e para oeste (Fábrica de Cimento), os Bairros Padre Palhano, D. José, Sumaré, entre outros. Porém, mesmo com a implantação de empreendimentos, e de outros vetores espaciais, a cidade se insere num período de estagnação de sua economia e de seu desenvolvimento de maneira geral.

Nas últimas quatro décadas do século XX, Sobral passou por profundas mudanças que de forma geral demonstram o declínio da cidade no que concerne a inércia de sua economia. Como afirma COELHO (2007) desapareceram o porto e a estrada de ferro, fatos que redimensionaram o mercado e as atividades produtivas. O Estado promove um (re)ordenamento na organização espacial do Ceará, a partir do PLAMEG – Plano de Metas do Governo Virgilio Távora, continuados por governos sucessores no período de 1966-2002. A implantação de rodovias, de pólos industriais, o que salientou o desenvolvimento de outras áreas do interior, faz decair o dos habituais centros como Sobral.

Muitos integrantes das "tradicionais" famílias sobralenses migraram para a capital do Estado, descontentes com o desembrenho de seus empreendimentos, cedendo lugar ao imigrante vindo de outras cidades e do campo. Com relação a esse fenômeno migratório para a cidade nas décadas de 60-70 do século passado, LIRA (1971, p. 109-110), como legítimo sobralense, busca explicar tal movimento migratório como um dos condicionantes para a perda de expressão da cidade. Comenta o autor:

> Homens e mulheres da Meruoca, de Groaíras, de Reriutaba, de Patriarca, de Frecheirinha, de Tianguá, de Santana do Acaraú, de Coreaú, de Cariré, de Camocim, de Alcântaras, de Mocambo, enfim, de todos os municípios vizinhos se fixaram aqui em diferentes bairros com seus costumes, com suas tradições e com seu analfabetismo. [...] Todo esse povo, vivendo e lutando por um plano melhor, procurava romper o bloqueio econômico e social que as famílias tradicionais da terra faziam a fim de permanecerem afastadas da miscigenação que forçosamente viria a acontecer.

CARACRISTI (1999) aponta que a partir de meados de 1980, quando em conseqüência da conjuntura política nacional e regional, Sobral entra em declínio, perdendo a posição de 2ª economia cearense (a 1ª é Fortaleza e sua Região Metropolitana) passando para a 4ª posição, sendo ultrapassa por Juazeiro do Norte e Crato. A cidade passa somente na segunda metade da década a apresentar um outro impulso de seu desenvolvimento, inaugurando um novo período em sua história, com fortes transformações na sua paisagem urbana, detalhado no capítulo seguinte deste trabalho.

CAPITULO III

A PAISAGEM URBANA SOBRALENSE COMO CAMPO SIMBÓLICO: IMAGEM E IMAGINÁRIO

CAPÍTULO 3 - A PAISAGEM URBANA SOBRALENSE COMO CAMPO SIMBÓLICO: IMAGEM E IMAGINÁRIO

3.1. A cidade pelas suas paisagens: as formas simbólicas em discussão

A paisagem ao longo do tempo acentuou sua importância como um campo fértil de análise na Geografia. Inúmeras são as tentativas de considerá-la não apenas a partir das clássicas abordagens científicas. Por isso, num esforço de tornar possível por meio de um olhar renovado na ciência geográfica a reflexão da paisagem, especificamente a urbana, buscando a equiparação entre sua forma e conteúdo, se faz necessário pensarmo-la não apenas como um conjunto morfológico, mas também a partir de um campo simbólico intrínseco a ela. CLAVAL (1999, p.55) já apontava que os lugares não têm somente forma e cor, uma racionalidade funcional e econômica, eles estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou os que freqüentam.

A partir da década de 1970, dentro do quadro de renovação da abordagem cultural na Geografia abriu-se um leque vastíssimo para a abordagem da paisagem, não somente a partir de uma lógica positivista e racionalista da forma, mas também a partir de uma perspectiva contra-racionalista que toma para si a tarefa de instaurar uma hermenêutica restauradora da imagem, dos simbolismos e do imaginário como elementos válidos do discurso científico (MACIEL, 2001, p.7).

Nesse cenário, os estudos urbanos passam a ser incorporados e a paisagem urbana passa a ser vista como afirma Berque citado por Corrêa (2003) como marca e, simultaneamente como matriz cultural ou em Duncan apud Corrêa (op.cit.) para o qual a cidade é um texto por onde é possível se ler a sociedade e suas múltiplas interpretações da paisagem urbana. Ler a paisagem assim é perceber através de suas formas, os diversos discursos que alimentam sua produção, é torná-la produto de uma construção ideológica.

> A dimensão do lugar, relacionada à percepção e aos modos de vida, revelada pelas representações, materializa-se pelos sentidos atribuídos, para que possam desvelar ou conferir determinadas interações entre o homem e o meio, que se diluem entre a imagem e o imaginário e, por vezes, torna-se memória e identidade urbana. (PANTALEÃO, 2009).

A cidade assume a condição de receptáculo de várias visões que induzem à sua interpretação. Uma destas é reconhecê-la como um lugar histórico, prenhe de realizações cotidianas empreendidas pelas sociedades em seu espaço ao longo do tempo, forjando formas,

traçados, representações, signos e significados que são, sobremaneira, os componentes do imaginário social.

A cidade reconhecida como uma soberana forma simbólica inaugura novas perspectivas para a sua interpretação. O reducionismo presente nas análises que privilegiavam meramente seus aspectos formais e funcionais tende a obsolescência. Vista sob esses novos olhares, é possível considerá-la como um complexo cultural ímpar que habita a imaginação de seus viventes, induzindo-nos ao seu estudo, inclusive, por meio da produção de imagens e imaginários.

Desta forma, para uma melhor compreensão dos temas aqui destacados neste capítulo, dentre eles o imaginário e a imagem, algumas idéias se fazem importantes no que tange ao domínio do racional e do simbólico na construção do estudo geográfico. Inicialmente, recorremos às próprias raízes do termo imaginário – imagem e imaginação[18], que de acordo com CASTRO (1997, p.167): [...] o imaginário constitui uma energia que se formaliza individual e coletivamente, materializando-se em ações informadas por imagens e símbolos [...] Desvendar o imaginário significa, pois, revelar o substrato simbólico das ações concretas dos atores sociais, tanto no tempo como no espaço.

Segundo FERRARA (2008, p. 194) o imaginário sobre uma cidade não a reproduz, mas, estimulado pelos seus fragmentos/índices, produz discursos que com ela interagem, sendo a imagem, o retrato de um imaginário. Para a autora, a imagem da cidade constrói, pela hierarquia de seus predicativos, um sistema de ordem em que comunica um código, um modo de entender, avaliar e valorizar a cidade.

MOREIRA (1993, p. 48) ainda acrescenta:

> [...] a imagem não dissolve o racional, mas desnecessita da razão para legitimar-se como estatuto da realidade. Seja como for, a imagem deixa de ser o puro reflexo das formas do mundo objetivo no espelho da nossa sensibilidade, ou o puro afloramento do ser ou de uma razão recôndita que vem à tona para ordenar nossa percepção. Ao contrário, a imagem é a subjetividade histórica que culturalmente se explica e se basta.

Analisar a imagem ou as imagens de uma cidade coloca a necessidade de refletirmos sobre os discursos produzidos que as sustentam. É necessário, entretanto, entendermos o que é o discurso. FIORIN apud ARRAIS (2001, p. 179) o define como: combinações de elementos lingüísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases)

[18] A imaginação ao qual nos reportamos neste trabalho tem referência na reflexão de Bachelard (2008), onde o próprio símbolo possui uma autonomia imaginária, superando a concepção psicanalista. Nesta visão as formas (imagens-símbolos) também deixam suas impressões no sujeito, contribuindo para a formação de seu inconsciente (BARBOSA, 2004).

usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo.

Assim, entender o discurso como uma forma de agir sobre o mundo nos leva a pensar sobre a capacidade do discurso de reproduzir idéias e cristalizar práticas sociais. Sendo assim, não há neutralidade no discurso, ele é ideológico e coercitivo, representa e comunica unilateralmente as idéias dominantes (ARRAIS, 2001).

> Na análise do discurso, o imaginário, os signos, as imagens são produzidas de forma relacionada com o modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas por meio de relações de poder. O discurso revela as representações e ideologias, permeadas pela linguagem que são também temporais (CORIOLANO, s/d, p. 03)

Discursos e imagens são modos específicos de representar a cidade e que, para entender o urbano é necessário entender à constituição dos discursos e das imagens (ARRAIS, 2001). As palavras de PESAVENTO (2008, p. 26) nos ajudam a compreender essa transcendência de uma paisagem urbana vista meramente pelo aspecto formal. Escreve a autora:

> A cidade é em si uma realidade objetiva com suas ruas, construções, monumentos, praças, mas sobre este "real" os homens constroem um sistema de idéias e imagens de representação coletiva. Ou seja, através de discursos e imagens, o homem re-apresenta a ordem social vivida, atual e passada, transcendendo a realidade insatisfatória.

Diante assim da exposição acerca da constituição da paisagem urbana de Sobral constante no capítulo anterior, conduzida numa perspectiva que tonificou, inclusive, o caráter econômico como um dos elementos primazes na formação da cidade, nos propomos aqui incorporar à discussão sobre a dimensão simbólica da mesma. A possibilidade para tal análise apóia-se no arcabouço teórico trazido com a renovação da geografia pelas humanidades, que toma para si questões desta natureza, apresentando um grande potencial para reparar o peso excessivo geralmente dado à estrutura econômica na explicação tradicional da geografia humana (MACIEL, 2001, p. 7).

Sobral, reconhecida como um espaço social historicamente constituída de práticas que a singularizaram no norte semi-árido cearense ao longo de três séculos, se apresenta como campo fértil à análise de sua paisagem a partir do caráter simbólico nela contido e expresso. Ao longo de sua produção espacial, a cidade se tornou um lugar privilegiado para a propagação de discursos e imagens, que ultrapassam seus limites geográficos.

No caso de Sobral, ao longo dos tempos, é evidente a construção de um imaginário sobre o lugar que o situam pela diferença, pelo "estrangeirismo", pela opulência e

glórias vividas pela cidade através de mecanismos econômicos que geriram, segundo a historiografia sobre a cidade, um modo de vida peculiar, baseado na tradição dos seus primeiros habitantes e por aqueles que os sucederam e, nas possibilidades impostas pela natureza que a influenciou atipicamente do restante do sertão em sua forma e conteúdo.

Por outro lado, na contemporaneidade se projeta um novo imaginário para a cidade, pautada da "valorização" do "passado de triunfo", estabelecido através de um discurso que, sobre uma ótica de "modernização político-administrativa", dissemina na paisagem as marcas de um conjunto espacial "futurista" harmonizada com as tradicionais formas espaciais.

Como recurso metodológico, para análise do discurso que configura uma imagem tradicional da cidade, escolhemos algumas obras que sobremaneira, trazem aportes significativos acerca da historiografia e representação da cidade edificadas por meio de um discurso formatado pela elite local[19]. Dentre essas obras situam-se a de FREITAS (2000; 2005) e LIRA (1971; 1975 e 1976). Para a análise do discurso promovido pelo poder público nas últimas duas décadas, optamos por averiguarmos a produção jornalística da impressa oficial do município, tido como importante veículo de promoção das ações do poder público na cidade.

3.2. Sobral: A Imagem pautada na Tradição

Reconstituir o percurso de formação de Sobral é está diante de representações que ora a distinguem pelo "estrangeirismo", ora pela opulência e "nobreza", manifestado no *"modus vivendi*" de sua elite. O "estrangeirismo" é notado desde as denominações oficialmente dadas ao lugar no passado.

Enquanto vila, Sobral foi "batizada" como Vila Distinta e Real de Sobral, sendo a única no Ceará a receber tal titulação. Era "Distinta" por não ter surgido a partir de um aldeamento indígena ou missão jesuítica, mas sim, ter sido povoada por homens brancos, portugueses e seus descendentes. Todas as vilas assim surgidas, de colonização "branca", eram consideradas com ares de nobreza, sendo assim, distintas. O "Real", pelo fato de ter sido criada por ordem direta do rei e, por esse fato, recebia sua proteção e simpatia.

[19] Concebemos aqui como elite, a explicação proposta por FREITAS (2000) o qual considera em seu estudo, a elite compondo-se de jornalistas (que tem um poder de acumular e projetar um saber sobre a região), detentores do poder público local (executivo, judiciário e legislativo), os que assumem os cargos mais importantes da hierarquia eclesiástica, os líderes de associação e sindicatos patronais e os representantes da intelectualidade literária, artística e acadêmica.

O século XIX foi o período do apogeu econômico do lugar, que foi elevado à condição de cidade com a denominação de Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú[20]em 1840. Portadora de uma elite que soube bem tirar proveito das trocas comerciais engendradas diretamente com os maiores centros mundiais foi, ao longo do tempo, sendo vista pelo restante do Estado como uma cidade "esnobe", o que a faz ainda hoje receber várias denominações baseadas no seu estrangeirismo, sendo o mais conhecido o de "Estados Unidos de Sobral". No intuito de demonstrar alguns dos comportamentos sociais vividos no passado que podem justificar estas denominações, achamos em LIRA (1971) um relato extraído de jornal da época que elenca algumas práticas da elite sobralense. Diz o autor:

> O Jornal "O Sobralense" de 14 de novembro de 1875 publica um anuncio de uma casa de perfumaria que retrata o bom gosto de nossos antepassados. Eis como se refere o referido Jornal: Acaba de chegar directamente de Pariz na Pharmacia de Manoel Marinho Lopes de Andrade, Perfumarias muitíssimo boas dos grandes perfumistas E. Goudray e L. Legrano. Quem tiver bom gosto e apreciar o que é bom e quizer seus toiletes revertidos de extratos de primeira qualidade e gosto não deixará de acudir a um aviso que não o de ser útil pelo esquesito e raridade de perfumes já pela sua variedade como pelo módico preço que pretende vender [...] (LIRA, 1971, p. 22-23)

LIRA (1976), tentando explicar sobre as ligações da cidade de Sobral com o "estrangeiro", fala que quatro grandes acontecimentos trataram de promover a internacionalização da cidade. O primeiro refere-se à observação do eclipse total do sol observado em Sobral em 1919. Estiveram na cidade, equipes de cientistas ingleses e norte-americanos com a finalidade de comprovarem através do eclipse, a Teoria da Relatividade, defendida por Albert Einstein. Tal fato fez Sobral ser manchete das principais revistas e jornais da imprensa européia e dos Estados Unidos.

Figura 12: Acampamento montado na Praça do Patrocínio em 1919 para a observação do Ecplise. Fonte: http://www.lia.ufc.br/~fernando/Fotos_An.htm

[20] A cidade recebeu tal denominação do Presidente da Província do Ceará, José Martiniano de Alencar, através da Lei nº 229, de 12 de janeiro de 1841. Foi dita Fidelíssima pela fidelidade dos sobralenses ao Presidente Alencar, quando da revolta ao seu governo que aqui ocorreu em 1840 e, Januária numa homenagem à irmã do Imperador D. Pedro II. Não foi do agrado da população a mudança do nome de Sobral para Januária, sendo o processo da denominação revertido no ano seguinte pelo novo Governador, José Joaquim Coelho, através da Lei nº 244, de 25 de outubro de 1842 que atendeu as solicitações da população.

O segundo fato foi a descoberta do Kalazar (*Leishmaniose Visceral*) feita pelo médico sobralense Tomáz Aragão, o que tornou Sobral novamente manchete estampada na imprensa mundial especializada em medicina, atraindo muitos médicos nacionais e estrangeiros que vieram a Sobral estagiar com este médico.

O terceiro é a existência do Museu Diocesano. Para o autor, este deveria se converter num motivo de orgulho para o Ceará visto a importância de seu acervo. Fundado por D. José ao regressar da Europa, nutrido de um espírito universalista, determinou-se a fazer de sua terra uma "micro-Roma", buscando reunir no museu artefatos que fossem a expressão viva dos costumes, das tradições, da economia, da religiosidade e da vida social de Sobral e da Zona Norte do Ceará.

O quarto seria a expressão concedida a Sobral no exterior pela exportação do chapéu de palha. Sobral especializou-se como o maior centro de compra da produção no Ceará e o maior exportador desse produto. O comércio se dava com países como Espanha, México, Canadá, Estados Unidos, Japão, Grécia, França, Nigéria, países sul-americanos e nações do centro-oeste africano.

Com base, inclusive nesses aspectos que elevaram a cidade no plano nacional e internacional, a elite sobralense, conforme afirma FREITAS (2000) reclama para si o "status" de ser elite, utilizando dentre vários recursos a construção de uma memória coletiva que recorre a um discurso envaidecedor e vangloriador de "fatos heróicos" vividos pela cidade em alguns de seus espaços sociais. Para o autor, além dos espaços, objetos e monumentos são ressaltados no discurso que recordam os momentos de opulência que a cidade já passou. Tais elementos integrantes da paisagem urbana a encarecem de significado. Sobre estes aspectos, CORRÊA (2007, p. 10) explica que

> Mais do que objetos estéticos, os monumentos são intencionalmente dotados de sentido político, capazes de "condensar complexos significados" em torno de valores e práticas e ao mesmo tempo atuar sobre "mecanismos regulatórios de informações que controlam significados". [...] Os monumentos em realidade, foram concebidos e construídos para cumprir algumas funções que, via de regra, necessitam de decodificação. Formas simbólicas constituem aquilo que Leib (2002) denomina de elementos centrais da iconografia política da paisagem. [...] Entre as funções concebidas é possível reconhecer que criam "lugares da memória", cuja função é a de coesão social em torno de eventos de um passado comum.

Figura 13: Museu Dom José (2006) – Fonte: http://www.phoenix.org.br/fotospaleo2006.htm

A tradição[21] encerra um ponto de sustentação dessa imagem da cidade. Onde os espaços e monumentos nas palavras de FREITAS (2000) naturalizam as representações e memórias constituintes de uma imagem coletiva sobre a cidade, a qual a elite denomina de "Sobralidade Triunfante[22]". Nisto, um dos relatos mais audazes de defesa da tradição sobralense encontra-se em LIRA (1975, p. 60) quando diz:

> Nós sobralenses recebemos um legado. Nossa história não é simplesmente uma sucessão de acontecimentos mortos. Ela vive dentro de todos nós porque em cada monumento histórico há uma presença do destemor, da inteligência e do amor de nossos antepassados que nos deram uma cidade construída com idealismo e nossos próprios recursos.

[21] A tradição sobralense segundo FREITAS (2000, p. 24) é "inventada". Este autor se serve do conceito de "tradição inventada" de Hobsbawn (1894), que o define como práticas regulamentadas por normas aceitas abertamente, que são ritualizadas visando introjetar nos sujeitos sociais valores relativos a normas de comportamento através da repetição, construindo implicitamente uma continuidade em relação a um passado histórico selecionado e apropriado a cada situação visível no cotidiano.

[22] A idéia de "Sobralidade Triunfante" inspira uma organização discursiva sobre a cidade que fala de eventos fundadores baseados em história de "heróis", experiências e lugares, construindo uma aura de importância que tende a criar uma imagem de Sobral como pólo difusor de padrões comportamentais, econômicos, políticos e intelectuais, em âmbito regional, estadual e em alguns momentos, até nacional. Estas lembranças fundadoras são definidas em um discurso elaborado pela "autoridade" da elite, influenciadora de significados que devem ser respeitados e reproduzidos por todos os habitantes de Sobral e de outras cidades. É o exemplo a ser seguido". (FREITAS, 2000, p. 71).

Figura14: Dom José Tupinambá da Frota.
Fonte: www.jornalcorreiodasemana.wordpress.com

A existência de certos monumentos em Sobral denota bem a expressão "mitificada" adquirida por alguns personagens da história do lugar, dentre eles, D. José Tupinambá da Frota, que ao longo de um bispado que se estendeu por quase meio século, deixou marcas indeléveis na paisagem urbana, que sobremaneira, expressam a influência adquirida pelo segmento eclesiástico na manutenção dessa tradição "inventada" que se reitera inclusive, na conservação simbólica de "heróis" sobralenses, mantendo os elementos basilares de uma imagem norteada na tradição.

> A análise geográfica dos monumentos pode esta centrada em dois focos principais, identidade e poder. Ambas manifestam-se de diferentes maneiras, entre elas por intermédio dos monumentos. A espacialidade necessária que apresentam, implicando em localizações fixas e de longa duração, ao lado da iconografia de que são portadores, conferem aos monumentos o caráter de poderosos meios de comunicação de valores, crenças e utopias, assim como de afirmação daqueles que os construíram [...] (CORRÊA, 2007, p. 11).

D. José representa para alguns historiadores locais a figura de um "segundo fundador" da cidade no século XX. A partir da criação da Diocese em 1915, deu-se sob a sua "batuta" a construção de vários equipamentos urbanos que ressaltam a bem o poder adquirido pelo bispo que se inscreve na história como um dos mais importantes intervenientes do espaço urbano de Sobral. Detentor de um caráter forte, dono de uma inteligência, descrita por muitos

como única, D. José se tornou uma das "cabeças pensantes", responsável pela expansão de sua malha urbana.

Sobre o Bispo-conde[23] e sua influência na cidade, MONT'ALVERNE & GIRÃO apud FREITAS (2000, p. 86-87) escrevem que,

> Num apostolado que durou mais de cinquenta anos, Dom José, ultrapassando os limites dos deveres de um prelado, dotou a cidade dos instrumentos básicos necessários ao exercício da função social e cultural que hoje ela desempenha na Zona Norte Cearense. [...] Tal foi a influência de Dom José nos setores sócio-religioso-cultural e político que o crescimento da cidade ressentiu-se em decorrência de sua morte ocorrida em 1959.

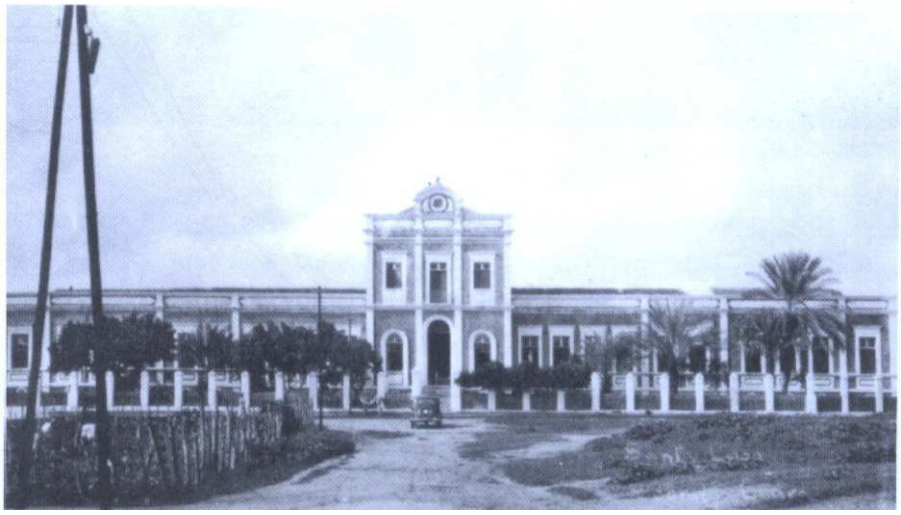


Figura 15: Santa Casa de Sobral (1925) Fonte: ROCHA, 2003.

Os ícones presentes nas paisagens da cidade trazem a marca e tornam "atual" a expressão de D. José. Vário desses símbolos idealizados por ele se mantém ativos, revivendo constantemente sua memória. O Antigo Seminário da Betânia (atual Campus da Betânia de UVA), a Santa Casa de Sobral, os Colégios Santana e Sobralense, o Monumento do Cristo Redentor situado no ponto mais alto da cidade, e a imagem iconográfica mais celebrada do lugar, o Arco do Triunfo, que além de referendar a "tradição" católica de Sobral, ao abrigar em seu topo uma imagem de Nossa Senhora[24], é também uma alusão ao triunfo da cidade, tentando ser mais do que uma cópia material do Arco do Triunfo de Paris, enseja imitá-lo também em seu simbolismo de regozijar o triunfo, porém em sentidos diferentes.

---

[23] Um dado curioso sobre Dom José foi a outorga do Título Palatino de Conde Romano da Santa Sé, que lhe teria sido agraciado por Pio XI. Não se sabe ao certo a data de outorga. A Santa Sé outorgava títulos de nobreza a bispos e pessoas que prestavam-lhe relevantes serviços, resquícios da Monarquia Papal e dos Estados Pontifícios, abolidos no Século XIX, de forma que no Ceará foram agraciadas somente duas pessoas com títulos nobiliárquicos pontifícios, sejam, dom José, como Conde e Guilherme Studart, como Barão por Leão XIII em 20.01.1900 (Disponível em: http://iconacional.blogspot.com/2008/07/papa-joo-paulo-i.html. Acesso em 20.04.2009).

[24] O Arco situa-se na atual Avenida Dr. Guarani que recebia anteriormente a denominação de Boulevard Pedro II. Construído em 1953, este monumento foi erguido em homenagem à passagem da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima pela cidade. O Arco foi construído no mesmo lugar onde antes ficava o Cruzeiro das Almas.

Figura16: Arco do Triunfo (2006). Fonte: www.sobral.ce.gov.br

> O mito Dom José é o mais preeminente dentre todos os considerados pela elite como "sobralenses ilustres", tanto nos meios de comunicação, como nos livros que falam sobre a cidade e no cotidiano das praças, feiras, comícios políticos e outros lugares (FREITAS, 2000, p. 86).

Na paisagem urbana sobralense está contido um vasto conjunto monumental que adquire a função de comunicar sobre o passado da cidade, expressando as relações de seus construtores e suas formas de controle do espaço, adquirindo a função de sustentáculo da imagem da cidade arraigada nas tradições. Afirma RODRIGUES (2004) que se o controle do espaço (assim como do tempo) por parte das classes dominantes tem servido como fonte de poder social, temos também que o espaço concebido por essas classes, pode constituir-se num espaço monumentalista, ostentador de grandeza e riqueza e, portanto, de poder.

3.3. A atual Paisagem de Sobral: a revitalização da Cidade e a imagem da modernização

Com as eleições municipais de novembro de 1996, assume em janeiro de 1997 o comando do Executivo Municipal o engenheiro Cid Ferreira Gomes[25], ex-deputado estadual, integrante de família tradicional sobralense e politicamente ligado ao Executivo Estadual. Sua administração assinala um novo marco na história da cidade. Seu projeto de governo além de prover uma considerável intervenção na paisagem urbana, visando dotar Sobral da estrutura necessária a sua inserção no cenário econômico mundial, eleva a valorização do passado de "triunfo" como um exemplo a ser seguido.

A partir de um discurso que se norteia pelo slogan da administração, "Sobral no Rumo Certo[26]", as ações a partir de então empreendidas visam recolocar a cidade no rumo do desenvolvimento, da opulência perdida nas últimas décadas, ou seja, a propaganda dessa administração se centralizou em dois eixos: o da "modernização" e o da valorização da memória do lugar.

> O promocionismo pretende criar uma imagem favorável e pouco respeita a complexidade da verdade. Mas a imagem, para ser eficaz, deve ter algum fundamento nos fatos. Um traço forte representa a personalidade toda. Um epíteto ou uma frase atraente fornece a imagem (TUAN apud ARRAIS, 2001, p. 185).

A cidade passa por importantes transformações nos campos político, econômico e cultural, nutridos pela capacidade das autoridades locais na captação de novos investimentos, dentro de um modelo de administração idealizado como fonte de sucesso administrativo (HOLANDA, 2007).

Como parte de políticas públicas que propiciaram a reestruturação produtiva na década de 1990, o Ceará passa a atrair investimentos que criaram novos espaços de produção e consumo. Segundo SILVA (2005), esse processo suscitou o reflorescimento de algumas cidades que haviam perdido o dinamismo de outrora e o crescimento de outras. Como exemplo, Sobral inaugura uma nova fase de seu desenvolvimento. A vinda da indústria Sul-rio-grandense Grendene ressalta esse momento.

> Os municípios cearenses atuaram para atrair empresas, disponibilizando terrenos em distritos industriais, com infra-estrutura e serviços. As cidades médias apresentaram mais vantagens nessa guerra fiscal, pois além dos incentivos, disponibilizavam meios técnicos mais modernos e eficientes, fundamentais para o funcionamento de

[25] Ocupou o cargo de Prefeito nos mandatos de 1997-2000 e 2001-2004. Segundo MARIA JÚNIOR (2004) O discurso, da modernização administrativa, acompanha a trajetória do político, cuja formação foi forjada no Partido da Social Democracia Brasileira, o PSDB. Na sua primeira gestão orgulhava-se da parceria mantida com o governo do estado, liderado na época pelo empresário Tasso Jereissati.

[26] Este slogan é a marca que o marketing político designou para a primeira administração do Prefeito Cid Ferreira Gomes.

> fábricas que têm o centro de comando em outros estados e um mercado consumidor nos mais diferentes países. A Grendene, empresa com sede no Rio Grande do Sul, tem fábricas de calçados no Ceará, situadas na RMF e nas cidades médias de Crato e Sobral. Nesta última, a Grendene gera aproximadamente 15 mil empregos. (AMORA & COSTA, 2008, p. 3)

A cidade passa a viver uma etapa de forte crescimento em sua taxa de urbanização (acima de 80% segundo Rocha, 2005), atraindo um contingente populacional diverso, apresentando com isso, forte dinamização no comércio e na prestação de uma gama crescente de serviços. As iniciativas de se transformar e adequar a cidade para os seus novos usos e funcionalidades, logo podem ser verificadas a partir desse período.

> Os feitos, estando no primeiro momento ligados às edificações de um amplo sistema de engenharia, as ações contribuíram para o embelezamento da cidade e como chamariz de investimentos. [...]. Destacamos como exemplos desses objetos: construção de praças, sinalização do trânsito, tombamento e recuperação do centro histórico, reforma e ampliação do mercado, criação de novos distritos industriais, ligação de todos os distritos do município a sede, através de rodovias municipais pavimentadas, construção de um aterro sanitário, abertura de largas avenidas com ciclovias, asfaltamento de vias, reforma do *boulevard* do Arco, construção de uma nova entrada na cidade denominada Ponte José Euclides sobre o Rio Acaraú, reforma e alargamento da Ponte Oto de Alencar, construção do Centro de Convenções, construção do "camelódromo", entre outros (HOLANDA, 2007, p. 116-117).

Do ponto de vista de reestruturação da paisagem urbana, passam a coexistir dentro dessa nova lógica de "cidade-vitrine", formas arrojadas e futuristas que expressam a "modernidade" pretendida para as novas espacialidades e as formas tradicionais, compostas por prédios seculares da área central em geral, que integram o conjunto arquitetônico tombado pelo INPHAN em 1999[27] (Ver figura 17). Essa centralidade propiciou a supervalorização da área, principalmente a partir do estabelecimento do denominado "Corredor Cultural", que segundo o poder público, abriga os monumentos que representam a idéia de uma preservação da "tradição sobralense[28]" (FREITAS, 2001).

> [...] a paisagem urbana desempenha, por intermédio daqueles que a controlam e definem novos significados, a tarefa de apagar ou minimizar aquelas relações e conflitos e, ao mesmo tempo promover aquilo que os seus controladores desejam, isto é, transformá-la em produto espontâneo, natural e fruto de uma tradição da qual

[27] Em agosto de 1999, o Centro Histórico de Sobral passou a ser considerado Patrimônio Nacional. Num caso atípico a habitual designação do patrimônio Histórico no Brasil, o de Sobral, segundo o processo de sua justificativa (analisado por FREITAS, 2000, p. 111), importou além do levantamento ao conjunto artístico e arquitetônico de edificações isoladas, a identificação de marcas deixadas nos espaços por traços e complexos históricos considerados importantes para e o levantamento de dados relativos à dinâmica funcional e morfológica dos atuais espaços sociais da cidade.

[28] Para FREITAS (2001, p.24), A idéia da preservação do patrimônio histórico é direcionada para justificar as práticas da municipalidade no "Rumo Certo". Ou seja, o passado representado como rico e próspero, é idealizado como "centro referencial" ou exemplo para inspirar a efetivação da "modernização" da sociedade sobralense. A "modernidade" representa o "progresso", desenvolvimento econômico, organização, planejamento, preparo e racionalização da sociedade no discurso da administração "Rumo Certo".

> a harmonia social e o desejo e progresso são partes integrantes (CORRÊA, 2003, p. 181).

O passado de êxito econômico da cidade é exaltado como exemplo a ser retomado. A referência ao passado de "triunfos" da cidade é o núcleo central do discurso dos dirigentes municipais, da elite econômica e intelectual do lugar nesse período. O efeito espacial desta exortação denota-se na reforma de prédios privados e públicos, praças e igrejas que, banhados por luzes adquirem uma feição monumental, pondo-se como marcos na paisagem citadina, enchendo os olhos de sobralenses e visitantes. O Arco do Triunfo, as Igrejas e Capelas, o Teatro São João, pode ser tido como indicações do que estamos a dizer.

> A monumentalidade, quer dos clássicos, modernos e pós-modernos, faz-se documento tanto da história como da geografia de uma sociedade: ela simboliza o poder e aquilo que se escolhe para ser transmitidos às pessoas do presente e do futuro. Sua monumentalidade deriva da intenção de fazer do espaço urbano um palco com cenografia exuberante capaz de gerar emoções, reviver tradições e repactuar relações através do "espetáculo", assistido de perto ou de longe. Pois a força da monumentalidade não se limita ao controle daqueles a ela diretamente subordinados, uma vez que ela será idéia e imagem transpostas ao espaço e, num caminho inverso, espaço transposto às idéias e imagens – e estas não são fixas, elas são fruto e semente do imaginário. Está ai o maior poder do monumento: estar nos lugares e no imaginário. (RODRIGUES, 2004, p. 10).

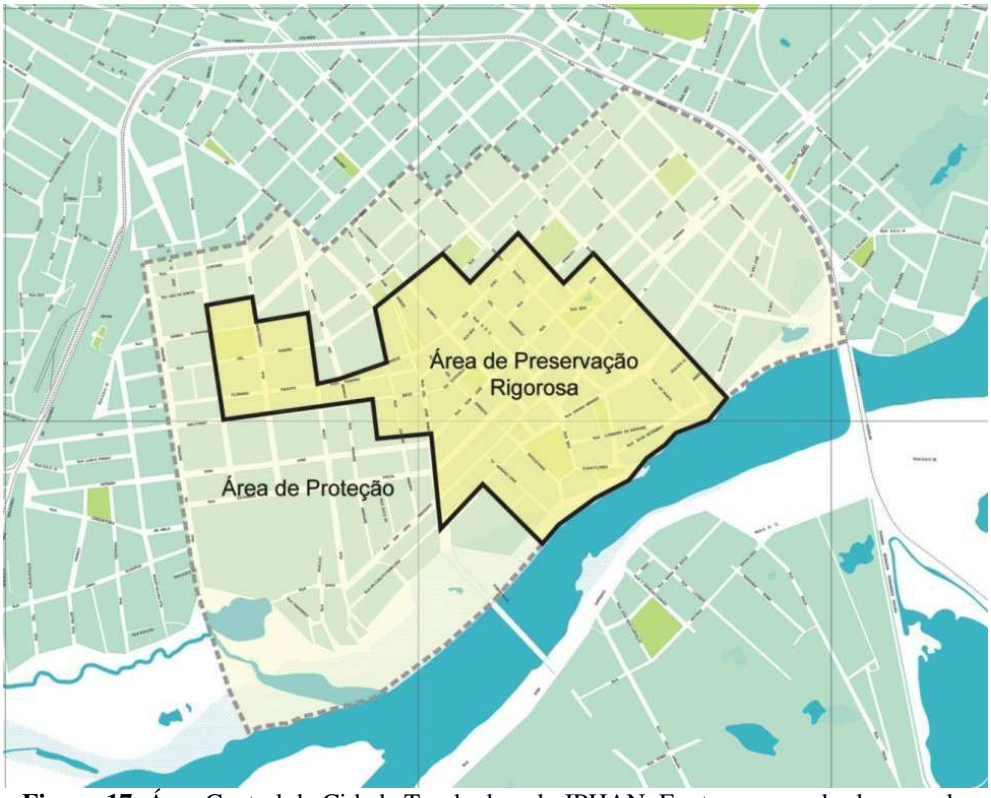


Figura 17: Área Central da Cidade Tombada pelo IPHAN. Fonte: www.sobral.ce.gov.br

A propaganda desse modelo de administração "moderna" é largamente explorada pelo poder público municipal nos meios de comunicação. A imprensa oficial do município é instaurada servindo com uma das principais formas de divulgação das ações empreendidas. Diariamente, como acontece até os dias atuais, circula gratuitamente pela cidade o "Boletim Municipal", (chegando recentemente também aos distritos do município) e bimestralmente é impresso o Jornal Municipal, ambos disponíveis em versões digitais acessadas a partir do site da Prefeitura Municipal.

Como demonstração inconteste do papel midiático na construção de uma imagem de "modernidade" para Sobral, o Jornal Municipal em sua edição de abril de 2000, trouxe como matéria de capa o seguinte enunciado: "Tasso e Cid Buscando o Rumo Certo", onde o texto da matéria trazia um irônico antagonismo entre a Descoberta do Brasil e o momento em que a cidade passava. Seguem alguns trechos:

> Há exatos 500 anos, o mundo abria uma nova porta para a prosperidade com o descobrimento do Brasil, ocorrido, segundo suposições históricas, simplesmente porque Pedro Álvares Cabral perdeu o rumo das Índias [...] Em Sobral, o Prefeito Cid Gomes, 500 anos depois, ao contrário de Cabral, construiu o Rumo Certo para acelerar o ritmo de crescimento e ordenação da cidade, abrindo espaços para investimentos nas áreas da construção civil, indústria, comércio e turismo. [...] Sobral tem razões de sobra para comemorar os 500 anos do Brasil, ou melhor, tem obras demais para presentear sua gente brasileira de coração e sobralense de amor [...] Se Cabral perdeu a rota para nos descobrir, o prefeito Cid Gomes encontrou o Rumo Certo para elevar Sobral à condição de um dos centros mais promissores do país.

A idéia de uma cidade com "dons" culturais é tema importante no discurso do poder público e é massivamente expressa nos meios de comunicação. A reabilitação de um dos principais monumentos da cidade, o Teatro São João fundado no século XIX, torna-se um dos grandes feitos da administração "Sobral no Rumo Certo". ROCHA (2005, p. 53) explica que

> O importante é a animação urbana cultural, a imagem, -"tudo é cultura, é *marketing"-,* é encher os olhos com transformações vistosas, como a urbanização da margem esquerda do rio, o parque da Cidade, o boulevard do Arco, o corredor cultural – *revalorização urbana* com o tombamento do patrimônio histórico e, também, diversas praças, como a Praça de Cuba (antiga Meruoca).

Figura 18: Divulgação do Teatro São João.
Fonte: Jornal Municipal ago/set/2005

Nota-se a partir da divulgação acima, a tonicidade concedida à memória dos lugares da cidade presente no discurso do poder público, onde o passado é visto como alicerce a ser reconstruído, fornecendo as bases para o presente. Assim, é válido o que afirma SANTOS (1997) quando diz que a memória pode ser tomada como uma construção imaginária e percebida como elaboração simbólica. Considerando os enunciados de Pierre Nora, o autor explica ainda que

> Desta perspectiva, tomamos consciência de que a memória – seja ela qual for e venha de onde vier, das classes dominantes ou das classes dominadas – é a reconstrução do passado no presente vivido, tendendo a projetá-lo no terreno do sagrado. Ela sacraliza o passado, partindo para quem rememora , de uma relação afetiva com o passado que tende a mitificá-lo. (SANTOS, 1997, p. 19)

A cidade assim, em síntese, é um conjunto de cenas pretéritas que sustentam o imaginário cotidiano do presente, através de suas representações espaciais constantemente realçadas pela memória. Esta embora composta de subjetividade individual, é componente da memória coletiva e esta, é o alicerce das tradições. A memória se recria a cada momento consubstanciando as impressões cotidianas sobre o espaço. A sociedade contemporânea convive com o ato da descoberta constante, da inovação, próprios do impulso da técnica sobre a vida moderna, o que exige do habitante da cidade a disposição, o ânimo para ser possível

sua inserção na cena urbana, ou seja, o repensar constante do seu espaço vivido, que prescinde do passado como condição.

SANTOS (1996) já afirmava que a memória olha para o passado, projetando uma nova consciência que olha para o futuro, sendo o espaço é um dado fundamental nesta descoberta, pois ele é o teatro dessa novação do ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato. No caso de Sobral, a valorização da memória dos lugares na cidade passa a ser uma constante no discurso político[29]. No informativo da Prefeitura Municipal de Sobral de 13 de agosto de 1999 que relata a aprovação por parte do IPHAN do projeto de Tombamento das áreas históricas da cidade destaca essa discussão, vejamos o que diz a manchete:

> O IPHAN aprovou pela unanimidade de seus membros, o pleito dos sobralenses, para tombamento de suas áreas históricas, que deram origem à Vila Distinta e Real de Sobral, delimitadas pelos trilhos da linha férrea, envolvendo a Praça da Matriz, o Largo do Rosário, a antiga praça do mercado (atual praça Dr. José Sabóia), praça do Teatro São João, trecho da avenida Dom José, praça do Patrocínio e suas respectivas imediações. [...] o que norteia a proposta de proteção do núcleo histórico de Sobral e, em última análise a justifica, é a necessidade de reconhecê-lo e preservá-lo como um dos mais importantes documentos do urbanismo colonial nesta região e da história do desbravamento e da ocupação do sertão nordestino. Não possuindo a arquitetura deslumbrante de Ouro Preto, nem a riqueza do Centro Histórico de Salvador como objeto patrimonial, Sobral pode ser melhor comparada a cidades do Ceará, através do alinhamento das edificações novas e do plano arquitetônico que os antigos sobralenses souberam fazer tão bem no plano urbanístico. [...] Com o tombamento, a memória sobralense ficará preservada, e jamais será alvo do modernismo arquitetônico. Outro aspecto interessante para ser observado é que, sendo reconhecida como Patrimônio Histórico Nacional, a cidade terá um maior retorno turístico-econômico, uma vez que passa a integrar o rol dos belos cenários do país, e que são atrativos para a visitação tanto interna como do exterior.

[29] FREITAS (2000) afirma que a administração pública representada pelo então Prefeito Cid Gomes, baseia-se na memória dos períodos áureos da cidade para construir um discurso que em seu conteúdo soma "tradição" memória e "modernidade".

Figura 19: Largo do Rosário (2007). Fonte: www.sobral.ce.gov.br

No entanto, mesmo em discordância com o enunciado da manchete na qual explica que Sobral não seria alvo de um modernismo arquitetônico, a paisagem da cidade passa a refletir o caráter "modernizante", forjando espaços em que se aditam formas "antigas" e formas de uma arquitetura moderna, num processo que administração pública denomina de "revitalização" de espaços. Conjugado a isso, muitas são as obras que promoveram o revigoramento do espaço intra-urbano sobralense. Segundo (MARIA JUNIOR, 2004, p. 82):

> [...] o saneamento de 70% do município, a construção do aterro sanitário, a pavimentação da malha urbana que dá acesso aos distritos e vários municípios, a construção de casas populares em terrenos urbanizados, através do Programa Municipal de Moradia/PROURB/Caixa Econômica, a nova Ponte sobre o Rio Acaraú e a sua extensão a Av. Monsenhor Aloísio Pinto (construída em parceria com o Governo do Estado), mais uma via de acesso à cidade.

Figura 20: Vista Aérea do Parque da Cidade (2007). Fonte: www.sobral.ce.gov.br

Um outro aspecto refere-se ao caráter de descentralização das atividades comerciais, antes evidenciada no espaço central da cidade de forma geral, também demarca um importante vetor de expansão dos serviços na cidade. A instalação de supermercados na forma de complexos comerciais, abrigando além do supermercado, salas de cinema, restaurantes, lojas de roupas, agencia de correios, serviços de acesso a Internet, entre outros, denotam bem a ação desencadeada por estes equipamentos.

A instalação destes empreendimentos promove nas áreas onde se instalam uma crescente valorização de terras próximas, forjando uma nova cultura de consumo na cidade. O Complexo do Supermercado Pinheiro instalado na Avenida John Sanford, o Supermercado Lagoa, na Avenida do Contorno, e o supermercado Rainha, na Avenida da Universidade se mostram como exemplos.

Todos esses equipamentos são favorecidos por um importante conjunto de infra-estrutura por parte do governo local. As largas avenidas sinalizadas, dotadas de ciclovias garantem o fluxo e a articulação entre os vários espaços de Sobral.

> O espaço intra-urbano das cidades médias alterou-se diante dos novos papéis e relações espaciais assumidos, seja com a região, país ou mundo. Apresenta-se, atualmente, mais diversificado, com comodidades e atrativos antes disponíveis apenas nos grandes centros. [...] Na paisagem estão as marcas desses novos tempos, com a ampliação da malha urbana, verticalização, especulação imobiliária, abertura de loteamentos para a classe média e construção de condomínios fechados, além dos conjuntos habitacionais populares. Paralelamente, acontecem ocupações e invasões, e casas são edificadas em regime de mutirão com apoio financeiro e em parceria com ONGs e/ou poder público. (AMORA & COSTA, 2008, p. 6).

Figura 21: Avenida Pericentral. Fonte - www.sobral.ce.gov.br

No tocante à área central da cidade, a paisagem ali constituída demonstra um importante arranjo espacial que estabelece uma relação harmoniosa entre as formas pretéritas do espaço e um conjunto de construções "modernas" de formas arrojadas e futuristas, como a Biblioteca Municipal e o Museu MADI. (ROCHA, 2005, p. 120) acrescenta ainda que,

> No Centro de Sobral situa-se projeto de urbanização da margem esquerda do Rio Acaraú, em uma área de aproximadamente 8 hectares, onde foram construídos os seguintes equipamentos: anfiteatro, memorial, Praça Cívica, ilhas de repouso, mirante, Praça do Artesão, quadras esportivas e de lazer, *belvederes*, estacionamentos, atracadouros e ciclovia - tudo edificado do lado do centro histórico, próximo às igreja das Dores e da Matriz e a edifícios históricos,entre as pontes Dr. José Euclides e Otto de Alencar.

Figura 22: Vista Aérea da Margem Esquerda do Rio Acaraú. Fonte: www.sobral.ce.gov.br

Em entrevista ao Jornal Municipal de dezembro de 2004, ao final do último mandato de Cid Gomes, o Vice-Prefeito eleito Clodoveu de Arruda ao fazer uma análise do período de governança da administração que findava, nos trazendo importantes aportes sobre a lógica do discurso empreendido. Seguem alguns trechos da entrevista:

> [...] estas duas administrações do Cid, que coincidem com uma série de conquistas importantes da população, da nossa cidade, na área empresarial, na área da ciência, tecnologia, organização social, ela é, sem sombra de dúvida, se constitui num processo de refundação de Sobral. É como se estivéssemos fechando as porteiras da fazenda Caiçara, deixando as práticas anteriores, o atraso científico e tecnológico, para trás, sem evidentemente negar e abrir mão das nossas referências e raízes históricas, mas refundar Sobral tendo como parâmetros, novos símbolos, signos, que são desenhados nesta articulação entre a tradição e a contemporaneidade [...] a administração do Cid conseguiu trabalhar muito bem essa configuração, relação. As nossas referências históricas, nossas raízes, com o desenvolvimento com a contemporaneidade, com o futuro.

O aspecto da "tradição sobralense" contada a partir de "heróis" exposto largamente na historiografia de Sobral como já citado, é tonificado pelo entrevistado ao tentar enquadrar Cid Gomes no "rol" dos "grandes sobralenses", diz ele:

> Sobral, hoje, é uma cidade que pode ser denominada como cidade do conhecimento, que vive as fronteiras das conquistas urbanas, assim, uma cidade do futuro. Portanto, o Cid, sem sombra de dúvida, está ombreado por estes grandes nomes que fizeram a história de Sobral, o Padre Lino, D. José, Padre Ibiapina e eu acrescentaria, o Cid Gomes. Quando você olhar, numa perspectiva histórica, o Cid estará, entre estes grandes fundadores de Sobral, na esteira do contemporâneo.

É fato que as recentes e velozes transformações verificadas na paisagem sobralense não dão conta de todo o espaço da cidade com a mesma intensidade, e nem seria viável aqui nos remetermos de forma amiúde a toda a urbe na verificação das iniciativas do poder público local. É inegável a atuação desse segmento em grandes parcelas do espaço urbano de Sobral. O que ora nos propomos é analisar a construção de uma imagem da cidade que privilegia determinadas paisagens urbanas (como a do centro da cidade), tornando-as marcas de um modelo administrativo que busca imprimir uma face "moderna" a Sobral. Em outros termos, discutimos a imagem positiva[30] intencionada pelo poder público nas últimas duas décadas, cientes, no entanto que, nesse novo momento de "modernidade", a cidade reflete as contradições presentes em qualquer centro urbano, inclusive nos que apresentam um acelerado crescimento como o apresentado por Sobral.

> A cidade se apresenta também com os graves problemas que afetam o sistema urbano do país. A periferia urbana se estabelece como território de pobreza e incha a olhos vistos. Proliferam as submoradias e é elevada a taxa de desemprego. O déficit de moradia e desemprego tem altas taxas a acertar também em Sobral e na sua área de influência (COELHO, 2005, p.316).

Certamente, como afirma ARRAIS (2001) a apreensão total de uma cidade é impossível, o que, entretanto, não nos impede de formular uma imagem que nos encaminhe a pensar nessa totalidade a que chamamos de cidade. As paisagens a que nos debruçamos analisar foram justamente aquelas que se transvertem em espaços encarecidos de um valor simbólico, continentes de marcos espaciais que hoje emergem como símbolos (ícones) alimentando a construção de imaginários da/na cidade.

Parafraseando Duncan apud MELO (2001) nos focamos na paisagem enquanto um "sistema significante", entendida como um dos elementos centrais dentro de um sistema cultural, como uma reunião ordenada de objetos, um texto, no qual o sistema social é comunicado, ou ainda como diz o mesmo autor, percebendo as paisagens como "discursos" onde estas não atendem simploriamente às necessidades funcionais dos homens, nem representam simplesmente criações culturais localizadas, pois as formas que adquirem através dos conjuntos arquitetônicos manifestos como signos, símbolos e ícones representam a história que os grupos, principalmente os que dominam, contam sobre eles mesmos.

---

[30] Como explica ARRAIS (2001) essa imagem positiva refere-se à exaltação de aspectos bucólicos e monumentais da cidade e remete a uma espécie de síntese que valoriza aspectos agradáveis em detrimento de problemas como a violência, a miséria, entre outros.

CAPITULO IV

TRATANDO COM PERCEPÇÕES: A(S) VIVÊNCIA(S) DO HABITANTE NA PAISAGEM

CAPÍTULO IV - TRATANDO COM PERCEPÇÕES: A(S) VIVÊNCIA(S) DO HABITANTE NA PAISAGEM

4.1. Apontamentos sobre a Paisagem "Percebida" e "Vivida"

Durante a década de 1970 deu-se o surgimento da corrente humanista[31] na geografia. Conforme explicitado no primeiro capítulo deste trabalho, tal corrente emerge como uma crítica à geografia de cunho lógico-positivista, a exemplo semelhante ao aparecimento da geografia crítica. Seus fundamentos assentam-se nas filosofias do significado, especificamente na fenomenologia e no existencialismo, focalizando em suas análises a subjetividade, a intuição, os sentimentos, a experiência, o simbolismo e a contingência. Para CORRÊA (1995), tais enfoques, privilegiam o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base da inteligibilidade do mundo real.

A multiplicidade de enfoques no campo humanista-cultural em geografia na atualidade se dá de forma célere. Edward Relph foi segundo HOLTZER (2001) o pioneiro na discussão sobre o método fenomenológico pela Geografia, dando ênfase a importância deste aporte para a renovação da ciência geográfica, propiciando que ela (geografia) se ponha "além" da ciência, no que tange a romper com a rigidez imposta por outros métodos empregados ao longo do tempo por esse campo cientifico.

Esse "passo adiante" promovido pela corrente humanista na geografia suscita o desvelar de vários conceitos, como por exemplo, o de **Geograficidade**[32] demonstrado por SUERTEGARAY apud ALMEIDA (2007). A autora afirma que a fenomenologia na ciência geográfica se expressa na idéia de geograficidade que consiste na experiência de vida em relação ao espaço e ao tempo, ou seja, é a maneira do homem relacionar-se com os objetos e as pessoas à sua volta, sendo essa geograficidade uma dimensão espacial experiência do homem que começa desde o seu nascimento, ou ainda, são as respostas que os homens dão às suas vivências, tornando-se cada vez mais ampla e complexa com o passar do tempo.

---

[31] Para um entendimento da consolidação do campo de estudos da Geografia Humanista desde os seus antecedentes à década de 1990, sugerimos a leitura de HOLTZER, Werther, A Geografia Humanista Anglo-Saxônica – de suas origens aos anos 90. In: Revista Brasileira de Geografia, n. 55, Rio de Janeiro: 1993, p. 109-146.

[32] Este conceito foi inicialmente desenvolvido por Eric Dardel em 1952, em sua obra L'Homme et la Terre: nature de la realité geographique. Paris: Presses Universitaires de France.

O conceito de lugar emerge como o conceito-chave na abordagem humanista. Também nesse contexto, a paisagem como elemento que compõe a investigação geográfica, posta durante um longo tempo em segundo plano frente a outros conceitos como o de espaço, região, território e lugar, torna-se um conceito potencialmente revalorizado para muitos autores como GUIMARÃES (2002, p. 2) que enfatiza o conceito de paisagem na perspectiva do "vivido" ementando que,

> Paisagens emergem de uma única paisagem, segundo nossas experiências e percepções. Ao envolverem os aspectos objetivos e subjetivos do mundo vivido, cristalizam em suas respectivas imagens as estruturas das dimensões espácio-temporais onde a realidade é formada pelo real e pelo imaginário, imprimindo marcas entre a racionalidade e a afetividade, originando complexos sistemas simbólicos.

Nesse entendimento, o conceito de "paisagem vivida" relaciona-se intrinsecamente como os processos de percepção, cognição, afetividade, memória, alienação, valoração e construção de imagens. Alguns desses processos compõem o conjunto de análises sobre o qual se debruça esse estudo no presente capítulo.

Torna-se dessa forma a percepção[33], um dos modos de obter o conhecimento geográfico do mundo vivido, sendo entendida como conhecimento intersubjetivo dos espaços pelo homem. FERRARA (1993, p. 153) acrescenta que a percepção é informação na mesma medida em que informação gera informação. Expõe a autora acerca da percepção sobre o lugar urbano que,

> Usos e hábitos constituem a manifestação concreta do lugar urbano, na mesma medida em que o lugar é manifestação concreta do espaço. Usos e hábitos, reunidos, constroem a imagem do lugar, mas sua característica de rotina cotidiana projeta, sobre ela, uma membrana de opacidade que impede sua percepção, tornando o lugar, tal como o espaço, homogêneo e inteligível, sem decodificação. [...] Superar essa opacidade é condição da percepção ambiental, ou seja, de gerar conhecimento a partir da informação retida, codificada naqueles usos e hábitos. [...] usos e hábitos são signos do lugar informado que só se revela na medida em que é submetido a uma operação que expõe a lógica da sua linguagem. A essa operação dá-se o nome de percepção ambiental.

[33] Outros autores também buscam discutir a importância da percepção para o entendimento das várias categorias de análise geografia, dentre eles: CASTRO (2001) explica que "a percepção ambiental, conforme destacado por Del Rio, consiste no processo mental de interação do indivíduo com o ambiente, em que atuam simultaneamente mecanismos perceptivos propriamente ditos (*a priori* os cinco sentidos), e mecanismos cognitivos (compreendidos por valores, conhecimentos prévios, humores, motivações, etc.). Isso implica em dizer que o significado e a importância atribuídos às coisas percebidas variam de pessoa para pessoa e/ou de grupo para grupo segundo a sua experiência no espaço do cotidiano, ou seja, relacionando-se de forma intrínseca à vivência de um dado lugar (ou lugares). Todo este processo, por sua vez, associa-se à construção da paisagem (Leite, 1994), uma vez que a dimensão da paisagem, segundo Santos (1988), é dada pela dimensão da percepção, ou seja, aquilo que chega aos nossos sentidos. De fato, a paisagem é tudo aquilo que nossa visão abarca, sendo composta, além dos volumes, por cores, movimentos, sons, odores, etc. e, ao mesmo tempo, é o produto da materialização das ações humanas no espaço, isto é, um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais em que devemos considerar a complexidade dos processos sociais e a sucessão histórica dos modos de produção (Santos, *op. cit.*)".

A abordagem da paisagem enquanto fenômeno vivido, fundamentada em concepções teórico-metodológicas que a ajustam a uma visão fenomenológica do saber geográfico, assinala, na geografia humanista segundo ALMEIDA (2007) um envolvimento entre o pesquisador com o objeto de estudo diferentemente das demais correntes do pensamento geográfico, priorizando a valorização da imparcialidade e da objetividade em suas análises. Sobre este aspecto HOLZER apud ALMEIDA (op.cit.) aponta que a geografia humanista surge como uma alternativa a toda essa concepção de ciência, ao aceitar a subjetividade e a experiência de vida dos indivíduos como fonte de conhecimento.

Nas palavras de DUARTE & MATIAS (2005) é através da categoria paisagem que o homem relê o mundo, relê porque a paisagem é movimento. É uma conversa que o homem estabelece com o mundo externo por meio de linguagem simbólica. Na concepção dos autores,

> Quando o homem toma contato como a paisagem este retira dela seus significados e significantes através do seu olhar, de suas sensações. Esta paisagem que estamos falando vai impor ao homem um certo discurso que irá se fazer presente no seu cotidiano e este pode impor a ela (a paisagem) um novo discurso. (2005, p. 195).

GUIMARÃES (2002, p.12) aponta que considerar a paisagem na dimensão vivida é também reconhecê-la como paisagem simbólica, segundo a autora:

> Toda paisagem vivida é também simbólica, em gradientes de valores maiores ou menores, individuais e coletivos, tendo em vista a decodificação de suas mensagens, dos símbolos responsáveis pela singularidade das mesmas que diferem tanto em termos da expressão e percepção, quanto da interpretação de imagens envolvidas por uma atmosfera especial, ligada aos aspectos da cognição, percepção, experiência, afetividade e memória.

Outros estudiosos do conceito de paisagem também reforçam o seu sentido simbólico, definida a princípio pela sua apreensão perceptiva. Dentre esses, COLLOT apud SANTOS (2000) esclarece que não se pode falar de paisagem se não a partir de sua percepção. No entendimento desse geógrafo, diversamente de outros entes espaciais formatados por meio de um sistema cientifico e simbólico como o mapa, ou sócio-cultural como o território, a paisagem define-se como um espaço percebido. O autor ementa ainda que,

> Essa percepção se distingue das construções e símbolos elaborados a partir dela e exige outros métodos de análise. Na percepção da paisagem, o sujeito não se limita a perceber passivamente os dados sensoriais, mas organiza-os para dar-lhes sentido. A paisagem percebida é, portanto, também construída e simbólica (SANTOS, 2000, p. 25).

Deste modo, se considerarmos a paisagem urbana como "parte de um conjunto compartilhado de idéias, memórias e sentimentos que une uma população" (MEINIG apud CORRÊA, 2003), é possível pensarmos sua leitura a partir de diferentes escalas e dimensões, dentre elas a perceptiva e a vivida. Algo mais que um mosaico de formas e funções distintas, a paisagem urbana é produto coletivo de uma sociedade, revelando-se como a própria dimensão da vida humana materializada.

4.2. Esclarecendo sobre as Percepções da Paisagem Urbana

A construção deste capítulo atende a proposta principal desta pesquisa que é analisar a relação entre a população e a cidade, especificamente enfocando a paisagem a partir da percepção e das vivências engendradas pelos habitantes. A possibilidade de olhar a paisagem sob esta perspectiva na geografia revela-nos a eficácia de um olhar não parcial, que não leva em conta tão somente as dimensões objetivas, mas também nossas inquietações de cunho subjetivo, no campo das idéias.

A paisagem além de concebida como a materialização das formações desenvolvidas pela natureza e pela sociedade é vista como um conceito de maior amplitude: a parte visível, correspondendo à morfologia da cidade, suas formas e edificações e, em seguida como campo simbólico, fazendo-se referência aos aspectos nela contidos que tocam o âmago das pessoas. Para SOARES KELTING (2008) a paisagem gera sentimento, pois o observador identifica neste olhar algo que o sensibiliza.

Nessa perspectiva de análise, afinamo-nos com GUIMARÃES (2002) quando afirma que estas maneiras de experienciar as paisagens incorporam as interações imanentes ao significado do "vivido", derivando de uma gama de percepções, valores e, atitudes diante de espaços e lugares, bem como com TUAN (1974) ao assinalar que neste contexto, conduzimo-nos à percepção de outras "realidades" geográficas que extrapolam as coordenadas cartesianas, as mensurações matemáticas, as demarcações de meridianos e paralelos, para fundamentarem-se em bases fenomenológicas.

A área de aplicação deste estudo concentrou-se especificamente nos bairros Centro e Jerônimo de Medeiros Prado. A paisagem urbana é tomada como a categoria de análise basilar neste trabalho, o que de certa forma, não nos impede de secundariamente utilizarmos a categoria lugar nestas análises, posto saber que o lugar segundo (CARLOS, 1996) é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar", sendo este a "porção do espaço apropriável para a vida".

Figura 23: Recorte Espacial da Área de Estudo – Bairro Centro

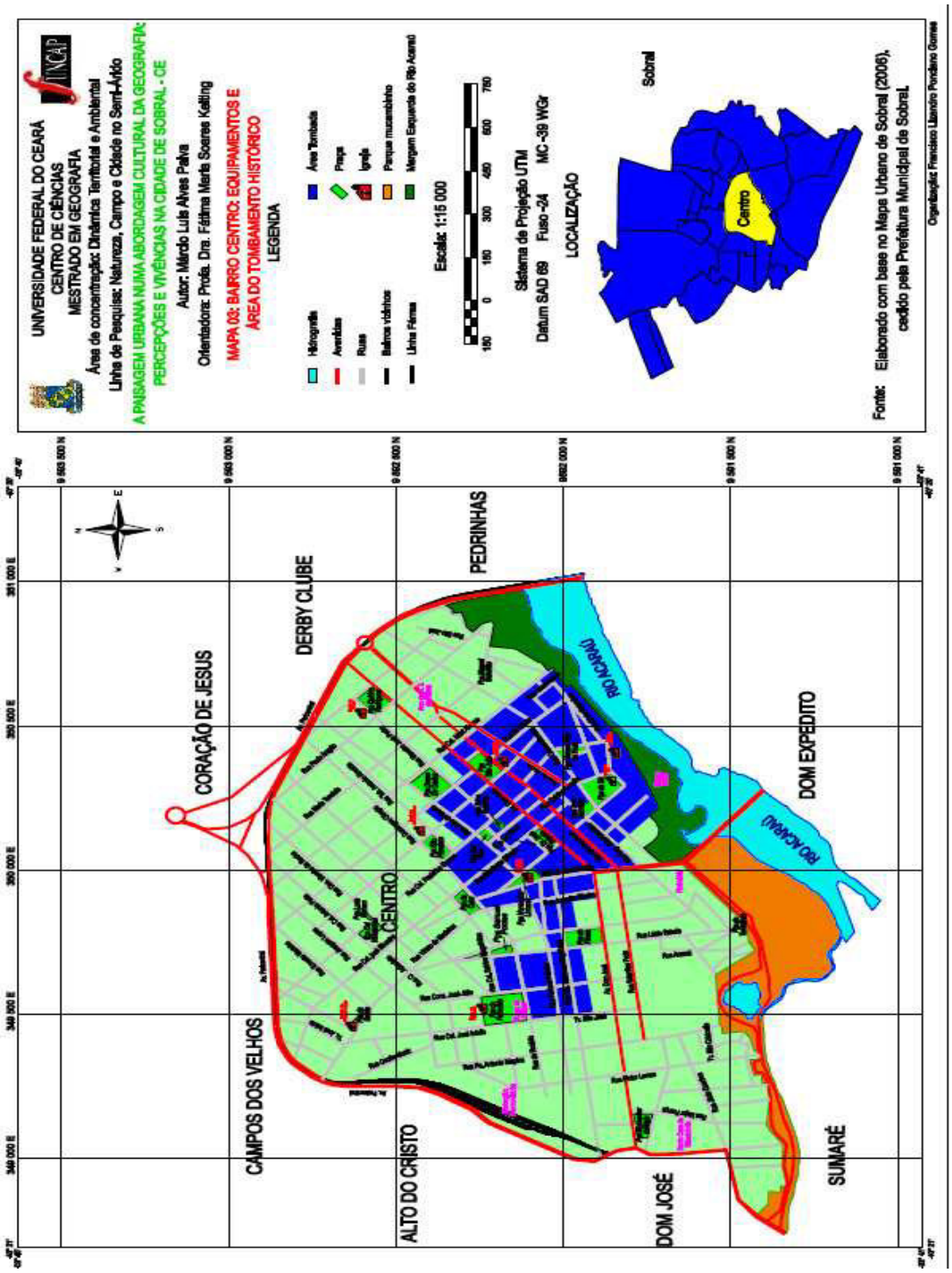
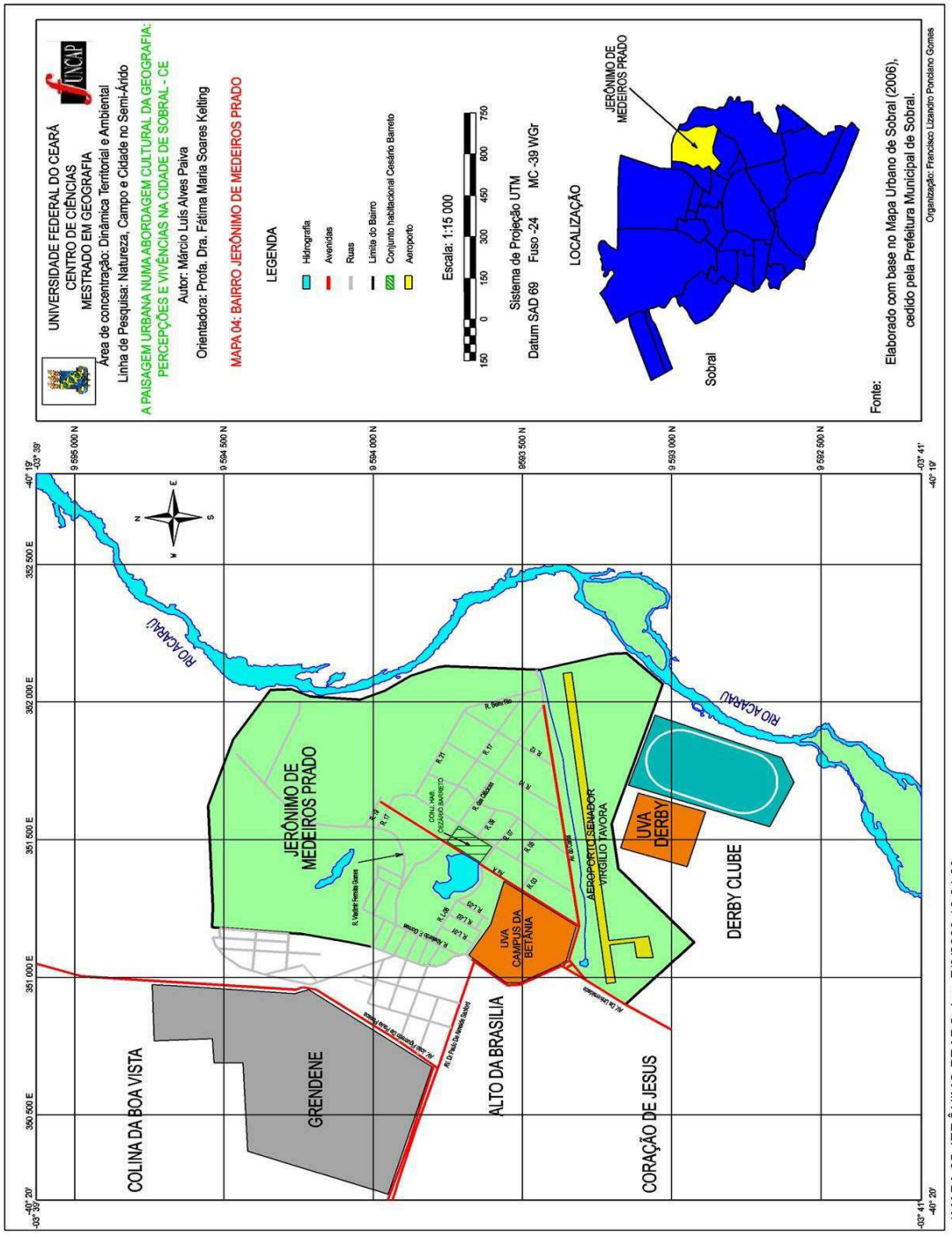


Figura 24: Recorte Espacial da Área de Estudo – Bairro Jerônimo de Medeiros Prado



Desvendar os elos que se estabelecem entre a paisagem cultural urbana e as questões que envolvem os fenômenos da vida humana, é certamente uma das preocupações da ciência geográfica em seus estudos culturais na contemporaneidade, embora não seja esta discussão, um objeto de interesse exclusivo da Geografia, mas que tem neste campo cientifico, terreno fértil ao seu entendimento. CARLOS (1992) aponta que a paisagem percebida revela uma imagem aparente imóvel, um conjunto cheio de sentido, onde os seres humanos identificam-se com os espaços da vida que são pressentidos através da paisagem.

Considerando o conjunto de paisagens da cidade em estudo como objeto focalizado, as informações levantadas junto aos habitantes contribuíram para uma

interpretação acerca das práticas sociais urbanas empreendidas pelo sobralense nativo ou daqueles que escolheram a cidade em voga como lugar de moradia.

Desta forma, pôde-se através destas informações, evidenciar os elementos que os habitantes da cidade identificam na paisagem, desvendando os mecanismos envolvidos na sua dimensão simbólica que se mostram como elos de ligação entre estes residentes e a cidade.

Admitindo a abordagem da paisagem, como conjunto simbólico, buscamos compreender o seu significado a partir da prática social, visto segundo COSTA (2008) essas práticas sociais contém, portanto, o simbólico dos lugares, onde as relações assinaladas por símbolos estão representadas por realidades materiais que irão formatar a paisagem.

Notadamente a investida de desvendar os aspectos que referenciam o temário habitante e paisagem no espaço urbano sobralense suscitou importantes questões pertinentes à discussão, como o fenômeno migratório que trouxe para a cidade pessoas da área rural do município, de outros municípios cearenses e de outros estados, contingente este em pleno processo de identificação com a cidade ou não.

> Se logo à primeira vista a identidade apresenta-se como resposta a um "o que é?", "quem são eles?", "quem somos nós?", e serve para dar substância e sentido a objetos ou pessoas, ela pressupõe que sejam estabelecidos critérios adequados a uma identificação, que, de sua parte, remete a dois processos distintos e complementares. De um lado, a identificação consiste, em um sentido lógico transitivo, em designar e nomear qualquer coisa ou qualquer um, e depois em caracterizar sua singularidade. De outro lado, em um sentido intransitivo e por vezes reflexivo, e entendendo a identidade como similaridade, a identificação consiste em se assemelhar a qualquer coisa ou a qualquer um e se traduz, principalmente tanto para o individuo como para o grupo, por um sentimento de pertencimento comum, de partilha e de coesões sociais. (LE BOSSÉ, 2004, p. 161-162).

Como já demonstrado anteriormente, a cidade vive nas últimas duas décadas um expressivo processo de expansão da malha urbana, em face do relevante processo de desenvolvimento econômico. A geração de muitos postos de trabalho devido à instalação de unidades fabris, como a Sul-rio-grandense Grendene, que emprega cerca de 10 mil operários faz com que a cidade se torne receptora de contingentes populacionais migrantes, fato que contribui para o surgimento de bairros periféricos em vários sentidos de expansão da cidade.

> (...) a cidade expande-se, enquanto recebe uma população que migra do campo e de cidades vizinhas, impulsionadas pelo desenvolvimento criado através dos processos econômicos, sociais e políticos, gerando assim uma expansão territorial urbana que se sobrepõe às demais cidades da região norte do Ceará (...). Grande parte dessa população instala-se na periferia da cidade, de maneira precária e acompanhada de inúmeros problemas sociais, fazendo surgir bairros populares e até mesmo a proliferação de favelas. (SILVA, 2001, p. 20).

Outro aspecto correlato às migrações rumo a Sobral, se explica pelo fato da cidade concentrar instituições de ensino superior de alcance regional e interestadual como a UVA[34], CENTEC, Colégio e faculdades Luciano Feijão, INTA, entre outras instituições privadas recebendo constantemente professores e alunos de outros municípios e estados, que se instalam em Sobral, fixando moradia por tempo indeterminado muitas vezes.

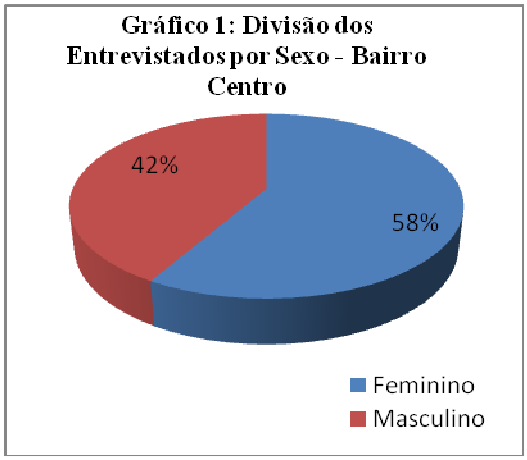
É dentro desse conjunto de aspectos que caracterizam a paisagem sobralense e as relações dinâmicas e contraditórias que nela se manifestam que empenhamos o esforço na interpretação das percepções dos habitantes considerando a paisagem como elemento vivido.

A partir do pressuposto acima, elaboramos um questionário dirigido que foi aplicado a 120 moradores da cidade, especificamente no universo de pesquisa composto pelos dois bairros, tendo sido respondidos no Centro 60 questionários, e no bairro Jerônimo de Medeiros Prado, o mesmo número restante. No conjunto de inquiridos, as informações foram obtidas junto a 41 sobralenses e 19 migrantes no Bairro Centro e de 39 migrantes e 21 sobralenses no bairro Jerônimo de Medeiros Prado.

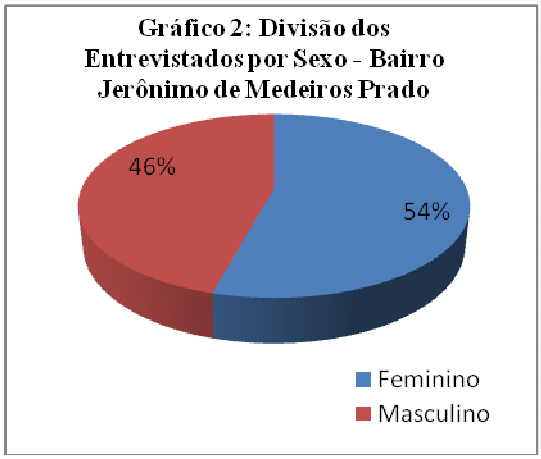
Alguns critérios referentes ao universo amostral da pesquisa podem ser enumerados, sendo os mais significativos: que as pessoas questionadas fossem de ambos os sexos, com mais de 15 anos de idade, que residissem a mais de cinco anos na cidade. Consideramos também, como aspectos de menor significância, a origem dos migrantes, o tipo de ocupação, entre outros. Apresentamos a seguir algumas dessas informações baseados nos critérios acima, detalhados através de gráficos estatísticos e tabelas, buscando justificar ao grau de importância desses atributos para a pesquisa.

- Sobre a Composição da amostra por sexo:

[34] "(...) em 2000, a Universidade contava com um total de 9.717 alunos, sendo 8.186 nos cursos de graduação e 1.513 nos cursos de pós-graduação. Quanto ao quadro de professores, são hoje cerca de 350 profissionais, distribuídos nos cursos que funcionam nos campus avançados dentro da cidade de Sobral nos Bairros: Jerônimo de Medeiros Prado, Centec, Derby e Junco". (HOLANDA, 2007, p. 178).



Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

No que se refere a escolha por ambos os sexo, tem sua justificativa em querermos evitar que a predominância ou mesmo a homogeneidade de um dos gêneros pudesse influenciar nas conclusões do estudo, visto considerarmos que de acordo com FRÉMONT apud ALMEIDA (2007), o sexo e a idade dos indivíduos são fortes condicionantes da percepção espacial, sendo portanto, dados que não podem ignorados.

- Sobre a Faixa Etária dos Habitantes Naturais de Sobral e Migrantes:

Quanto ao que concerne ao critério de idade, as colocações de TUAN (1980) ao frisar que a paisagem não tem muito significado para as crianças, pois segundo o autor, ver a paisagem requer em principio a habilidade de fazer distinção nítida entre o eu e os outros, sendo essa habilidade pouco desenvolvidas em crianças menores de sete anos de idade. Também em referência a esse critério, encontram-se em BLEY apud ALMEIDA (2007) algumas justificativas. Em seus estudos sobre o centro urbano de Curitiba, o autor descartou os menores de dezesseis anos por acreditar que estes ainda não teriam vivência suficiente para caracterizar a paisagem urbana.

Tabela 1: Classes de Freqüência por Faixa Etária dos Habitantes Naturais de Sobral dos Bairros Centro e Jerônimo de Medeiros Prado.

	BAIRRO CENTRO		BAIRRO JERÔNIMO DE MEDEIROS PRADO	
CLASSES (Faixas etárias)	(Número de Habitantes)	PERCENTUAL (No total da amostra)	(Número de Habitantes)	PERCENTUAL (No total da amostra)
16 - 20	10	24,39	4	19,05
21 - 25	4	9,76	5	23,81
26 - 30	3	7,32	3	14,29
31 - 35	3	7,32	-	-

36 - 40	2	4,88	2	9,52
41 - 45	3	7,32	4	19,05
46 - 50	1	2,44	2	9,52
51 - 55	3	7,32	1	4,76
56-60	2	4,88	-	-
61-65	3	7,32	-	-
66-70	1	2,44	-	-
71-75	3	7,32	-	-
76-80	2	4,88	-	-
81-85	1	2,44	-	-
TOTAL	41	100	21	100

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Tabela 2: Classes de Freqüência por Faixa Etária dos Migrantes dos Bairros Centro e Jerônimo de Medeiros Prado.

	BAIRRO CENTRO		BAIRRO JERÔNIMO DE MEDEIROS PRADO	
CLASSES (Faixas Etárias)	Número de Habitantes	Percentual	Número de Habitantes	Percentual
16 - 20	1	5,26	6	15,38
21 - 25	4	21,05	8	20,51
26 – 30	-	-	7	17,95
31 – 35	2	10,53	7	17,95
36 – 40	-	-	4	10,26
41 – 45	5	26,32	2	5,13
46 – 50	-	-	1	2,56
51 - 55	-	-	2	5,13
56 - 60	1	5,26	1	2,56
61 - 65	-	-	1	2,56
66 -70	4	21,05	-	-
71 -75	1	5,26	-	-
76 - 80	1	5,26	-	-
TOTAL	19	100	39	100

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

- Sobre o tempo de permanência do migrante na cidade:

Com relação a esse critério (cinco anos de permanência na cidade), mais uma vez recorremos a TUAN (1980) que afirma que a avaliação do meio ambiente feita pelo visitante se constitui de uma apreciação meramente estética, enfatizando ainda o autor, que o "estranho" irá aferir julgamento sobre a paisagem urbana mediado pela beleza, e não por laços afetivos a ela vinculados, o que poderia comprometer a amostra.

Tabela 3: Classes de Freqüência por Tempo de Permanência na Cidade – Bairros: Centro e Jerônimo de Medeiros Prado.

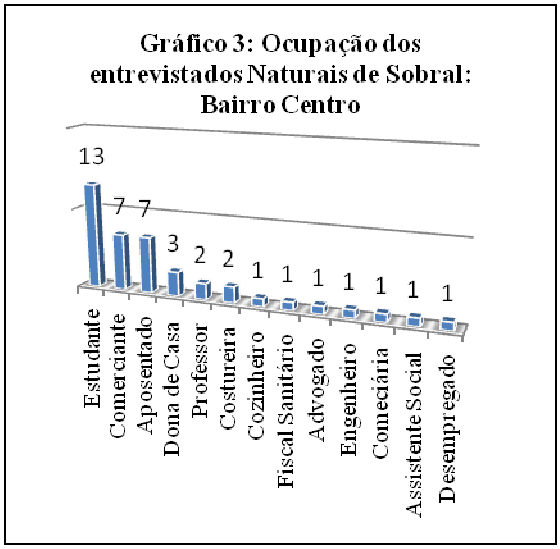
	BAIRRO CENTRO		BAIRRO JERÔNIMO DE MEDEIROS PRADO	
CLASSES (Em Anos)	Número de Migrantes	Percentual	Número de Migrantes	Percentual
5 – 10	7	36,8	27	69,2

11 – 15	1	5,3	5	12,8
16 – 20	1	5,3	3	7,7
21 – 15	1	5,3	2	5,1
26 – 30	2	10,6	1	2,6
31 – 35	2	10,6	1	2,6
36 – 40	2	10,6	-	-
41 – 45	1	5,3	-	-
46 – 50	2	10,6	-	-
TOTAL	19	100	39	100

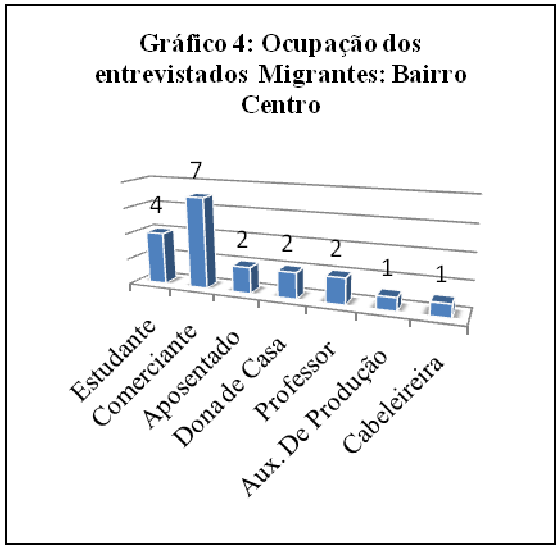
Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

- Sobre a Ocupação dos Habitantes Naturais de Sobral nos Bairros Centro e Jerônimo de Medeiros Prado:

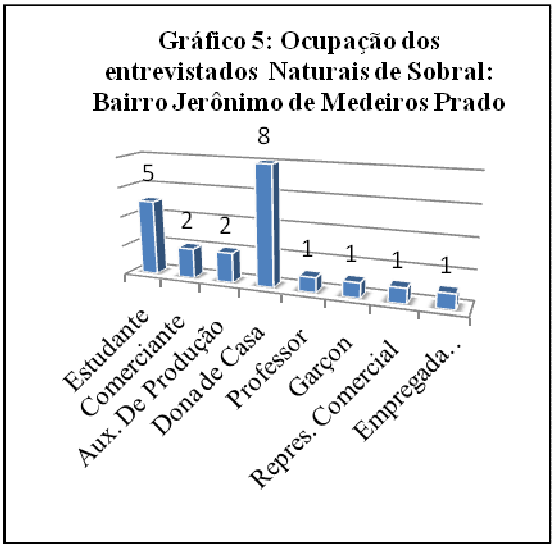
A pesquisa de campo evidenciou um número diversificado de funções exercidas pelos habitantes inquiridos, dentre elas, a de maior manifestação foi a de estudante, seguida de operários, comerciantes, aposentados, professores, entre outras. Nota-se, no entanto, que as profissões que mais se apresentaram na amostra, indiciam sobre as características funcionais da cidade predominantes, sendo as de maior expressão, o comércio e o setor de serviços.



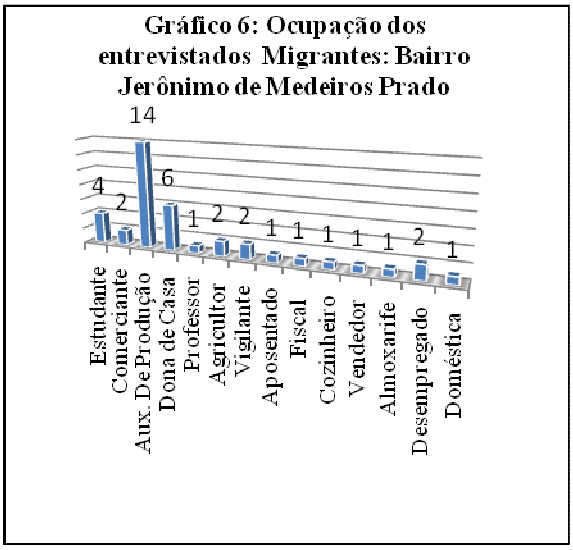
Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.



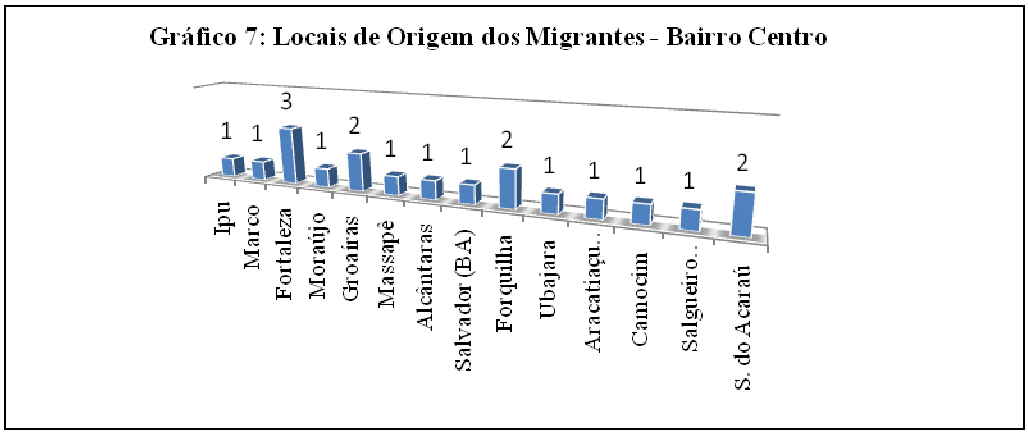
Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.



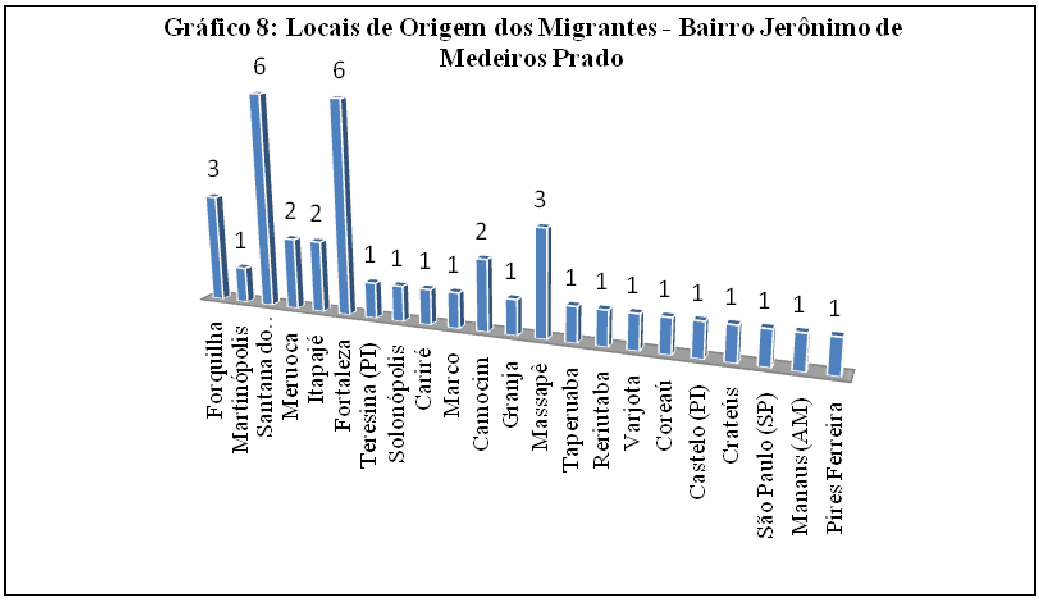
Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

- Sobre a Origem dos Migrantes Inquiridos:

É importante salientar que os aspectos relevados pela pesquisa em campo ao argüir sobre a origem dos migrantes na cidade denotam em muitas vezes que, quanto maior a distância do lugar de origem menor é freqüência de visitas a eles. Certamente, podemos supor que uma maior permanência em Sobral, gerará fatores de "enraizamento" CAVALCANTI (2000) mais eficazes. No entanto, muitos estudantes (principalmente os universitários) e operários declararam que aos finais de semana retornam aos seus lugares de origem localizados mais proximamente a Sobral.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Tomando inicialmente por base as explicações de CASTELLS (2000) nas quais afirma que o espaço é carregado de sentido, onde suas formas e seu traçado se remetem entre si e se articulam numa estrutura simbólica, cuja eficácia sobre as práticas sociais revela-se em toda análise concreta, partimos para investigar as percepções acerca da paisagem urbana empreendidas pelo habitante da cidade de Sobral, intencionando desvelá-la a trama de relações que a possam elucidá-la como um campo de representações simbólicas.

Assim, as respostas para cada uma das perguntas constantes na entrevista foram analisadas em grupos, reunidas por assuntos que compõem os subtítulos do capítulo. No caso de citação literal de alguns relatos obtidos, ao final, identificaremos o autor na seguinte ordem: Origem – Sexo – Idade – Bairro de Residência.

3.1. Paisagem Urbana: Afetos e percepções

A primeira das questões indagou objetivamente: Você gosta de morar em Sobral? A resposta ***sim*** aparece de maneira predominante. Porém no centro da cidade, algumas respostas se manifestam em formas verbais: ***Amo*** ou ***adoro***, manifesto inclusive por migrantes, evidenciando a construção de laços de pertencimento e de satisfação no lugar. A resposta ***não*** se verificou em 13% do universo pesquisado, exclusivamente vindas de migrantes.

As respostas demonstram que a construção do sentimento em relação do espaço, além de variar em escala, varia em relação a busca histórica na construção do significado do sujeito em relação ao seu espaço (DUARTE & MATIAS, 2005).

Buscando justificativa a indagação anterior, perguntamos: o que faz você gostar de Sobral? A multiplicidade de impressões é notável e variaram nos dois bairros pesquisados e entre os grupos ouvidos. Extraímos alguns fragmentos:

> É uma cidade de pontos próximos, ultimamente a cidade tem melhorado em construções de novos lugares, muito bom. (Sobralense-Masculino-16 anos-Centro).
>
> A beleza daqui, as casas, os lugares, hospitais e escolas. As praças são muito bonitas; é uma cidade não tão violenta, têm locais pra poder se reunir, monumentos arquitetônicos bonitos. (Sobralense - Masculino -16 anos-Centro).
>
> Aqui tudo é perto, lá em Fortaleza, tudo é longe. Se vai a pé. Principalmente no meu bairro, agora que o Prefeito mandou construir o Parque do Mucambinho, eu digo que moro na "Nova Aldeota; meus vizinhos brincam com isso." Tá muito bonito lá. (Sobralense-Feminino-57anos-Centro).
>
> O que me faz gostar de Sobral é que ela faz parte de mim mesmo, meus filhos, meus amigos. Sei que voltarei às origens quando saio, é o "ar", os laços". (Sobralense-Masculino-75anos-Centro).

No centro, com maior número de sobralenses, a relação à estética da paisagem em muitas das respostas é evidente. Verificaram-se nas respostas deferimentos à beleza da cidade, às novas construções e ao conjunto de imagens do ambiente urbano, dentre outros aspectos correlatos ao processo de "modernização" da cidade. Muitas impressões se tornaram comuns no tocante ao espaço como abrigo das relações familiares e de amizade, à segurança e a tranqüilidade do lugar.

KEVIN LYNCH (1997, p. 101-102) em sua reflexão acerca de algumas funções que as formas da cidade podem expressar, afirma que,

> As esperanças, os prazeres e o senso comunitário podem concretizar-se. Acima de tudo, se o ambiente for visivelmente organizado e nitidamente identificado, o cidadão pode impregná-lo de seus próprios significados e relações. Então se tornará um verdadeiro lugar, notável e inconfundível.

As respostas recebidas para esta pergunta no bairro Jerônimo de Medeiros Prado assumem também certa unicidade. As referências ao gostar da cidade presente nos diálogos dos migrantes ligam-se em muito ao trabalho, as oportunidades de emprego, as possibilidades de crescimento intelectual. No entanto, novamente se mostram nos diálogos muitas referências à estética da paisagem.

Seguem alguns fragmentos:

> Sempre me lembro da questão do emprego, aqui tem mais oportunidade de estudo, dos serviços... do lugar de onde venho tudo é difícil (Migrante-Feminino-39 anos - Jerônimo Prado).
>
> O desenvolvimento da cidade, os serviços, o lazer e as oportunidades que Sobral oferece para estudos mais avançados (Migrante-Maculino-21 anos-Jerônimo Prado).
>
> A beleza daqui. As casas, os lugares que tem aqui. As escolas e as praças são muito bonitas. (Migrante-Masculino-16 anos-B).
>
> Eu hoje tenho muito conhecimento com as pessoas aqui, tenho muitas amizades que conquistei aqui. (Mig-M-31- Jerônimo Prado).

Além das referências à paisagem da cidade, a partir da idéia contemplação do que os cerca, os relatos dos migrantes dão conta da construção de novas práticas sociais na cidade, inclusive de cunho subjetivo, dentre elas a possibilidade de participarem de uma vida noturna mais "animada". A comparação entre os "seus lugares" de origem e Sobral, para aqueles que vieram de localidades de menor porte é acentuada entre migrantes mais jovens.

> A gente aqui tem pra onde ir. Dá pra escolher. Na minha cidade só tem uma praça e uma igreja pra se reunir e cedo da noite a gente volta pra casa. (Migrante-Masculino-21 anos- Jerônimo Prado).
>
> Adoro ir à noite pro Arco. Ali hoje é o "point" da cidade. Eu saio do colégio e to acostumada a passar pro lá. (Migrante- Feminino, 18 anos- Jerônimo Prado).

Nesse sentido, CAVALCANTI (2000) assinala em seus estudos sobre a migração nordestina para São Paulo os conceitos de "desenraizamento" e "enraizamento", que seriam, de forma simplória, as perdas parciais das raízes dos lugares de origem e, a assimilação de novas práticas no "novo lugar". No entanto, o que nos interessa na investigação da autora é quando esta reflete sobre a possibilidade de um outro discurso que se superpõe ou supera o discurso do enraizamento. Fala a autora no desejo do individuo migrante de "querer ser outro".

> Este acontecimento de "querer ser outro", ou de "maneiras de passar ao outro (Certeau, 1994), pode ser associado à analogia feita com a experiência da criança ao perceber ser outro corpo que não o da mãe (Lacan, 1998). (...) Ser outro e passar ao outro, é algo que se inicia da pessoa consigo mesma, sendo ampliado pelos desdobramentos do individuo com a realidade, com seus efeitos nos espaços públicos e privados, dentro dos quais o individuo inaugura suas práticas de ser e de ter um "lugar" (Certeau, 1998) (CAVALCANTI, 2000, p. 3).

Perguntamos em seguida, qual sentimento você tem pela cidade? A exemplo das indagações anteriores a multiplicidade de respostas é notável. Efusivamente, no bairro centro, os sobralenses declaram seu "amor" e "orgulho" pela/da cidade, os migrantes manifestam sentir "gratidão", "carinho" e "afeto", não havendo nenhuma negativa nos relatos. As

referências quanto às modificações na paisagem se mostram evidentes nas respostas. Seguem alguns trechos.

> Amor! Eu não me imagino fora de Sobral e principalmente fora do bairro. Agora com essa nova avenida. (...) tenho orgulho de ser sobralense, já tive vergonha de dizer que era de Sobral em outros lugares, mas hoje me sinto honrada de ser sobralense (Sobralense-Feminino-57 anos-Centro).
>
> Eu me sinto bem em dizer do orgulho, fui nascida e criada aqui, porque a gente ver as coisas boas da cidade. Esses governantes fizeram coisas muito boas pela cidade (Sobralense-Feminino-61 anos-Centro).
>
> Sinto orgulho de ser sobralense. O progresso fundamenta o meu orgulho, por Sobral ser conhecida (Sobralense-Feminino-44 anos-Centro).
> Sinto orgulho de ser sobralense. Sobral era muito atrasado, tá muito aumentado (Sobralense-Masculino-59 anos-Centro).
>
> (...) tenho amor por essa cidade, não me arrependo ter vindo da Serra para cá". (Migrante-Feminino-35anos-Centro).
>
> Sinto amor. É uma cidade de prosperidade. Bonita e limp. (Sobralense-Feminino-26 anos-Centro).

As expressões de sentimentos acima relatadas validam o conceito de Topofilia criado por TUAN (1980) que o define como laços afetivos que a pessoa ou determinado grupo de pessoas tem em relação ao lugar ou ambiente físico.

Já no bairro Betânia, de maioria migrante, 10% dos entrevistados dizem não sentir nada, ou porque consideram o tempo de permanência na cidade ínfimo, ou alegam que não se apegaram ao lugar por também sentirem saudade de sua terra natal. A outra maioria migrante, afirma categoricamente a "gratidão" que sente pela cidade, relatam ainda que sentem 'amor' e "afeto". A menção às transformações na estrutura da paisagem urbana é pronunciada por migrantes e por sobralenses residentes no bairro.

> Orgulho! Agora é orgulho pelas modificações, ajeitaram a cidade. Hoje posso morar bem. As mudanças nas ruas da cidade fazem a gente se orgulhar dela. (Sobralense-Feminino-24 anos –Jerônimo Prado).
>
> Gratidão. Mas sinto pena de ser uma cidade tão bela e ser muito violenta. E orgulho, por ai por fora, acham bonita a figura da cidade, de ser parecida com uma cidade da Europa, até na cultura (Migrante-Masculino-19 anos- Jerônimo Prado).
>
> Antes sentia nada, sentia tristeza porque era feia, mas agora tenho orgulho por poder ver a cidade mais "bonitinha", mais organizada; meus filhos não terão que ver o que eu vi, vão ver coisas mais bonitas. (Sobralense-Feminino-41anos- Jerônimo Prado).
>
> Apreço, gratidão pelo o que ela me oferece (Migrante-Masculino-24anos- Jerônimo Prado).
> Me sinto acolhida, Sobral é acolhedora. Sobral é vencedora. Me orgulho de ser um deles aqui. (Migrante-Masculino-21 anos- Jerônimo Prado).

Neste entendimento,

> Um tipo de afeição profunda, embora subconsciente, pode se formar simplesmente com a familiaridade e tranqüilidade, com a certeza de alimentação e segurança, com as recordações de sons e perfumes, de atividades comunais e prazeres simples acumulados através do tempo. (TUAN, 1983, p. 176).

A contemplação da paisagem por parte dos moradores pesquisados se mostra uma tônica. A imagem de cidade limpa, organizada, de formas "modernas" direciona a percepção que têm do espaço, denotando uma apreciação estética.

Diante dos relatos acima, parece-nos que a intenção do grupo político atuante nas últimas administrações municipais de revitalizar, monumentalizar e 'modernizar' a paisagem, que evidencia o interesse de se construir um modo novo de **ver** e viver na cidade surtiu efeito junto a uma significativa parcela dos habitantes aqui inquiridos. Discutindo sobre as narrativas do referido grupo político (FREITAS, 2005, p. 112) ementa que,

> Está implícito nesta narrativa o interesse em fomentar um modo de viver, porém, é um modo de viver que se refere a um modo de ver e entender a cidade. Mais uma vez tenta-se fortalecer um simulacro visual fulgurante de desejo de intervir no espaço como um sinal distintivo de uma urbe *"moderna"*, não somente por ser composta por obras *"grandiosas"* e esteticamente comprometidas com os padrões de beleza do campo da arquitetura e do urbanismo, mas também por executar uma idéia de monumentalização que não poderia existir sem a implementação de obras de organização da infra-estrutura da cidade.

Seguindo com as indagações, perguntamos a respeito de momentos anteriores vividos na cidade, através de duas questões: Como era a cidade no passado? (ou como era a cidade quando você chegou? - para os migrantes) e, o que mudou na cidade? As respostas de 90% dos entrevistados de origem sobralense e de alguns migrantes com maior tempo de permanência no lugar, estabelecem dois períodos para a cidade: um antes e um depois das três últimas administrações municipais. Para a primeira das perguntas citadas, têm-se, por exemplo,

> Era uma cidade que não tinha progresso, tudo era muito mais simples, muito mais tranqüilo. (Sobralense-Masculino-54 anos-Centro).
>
> Era uma cidade mal administrada, não se tinha beleza (Sobralense-Feminino-42 anos-Centro).
>
> Era uma cidade mais atrasada, nos estudos, na saúde. As ruas melhoraram muito, não se tinha nem asfalto. (Migrante-Feminino-80 anos-Centro).
>
> A cidade era um fiasco, a gente tinha vergonha de dizer que era de Sobral. Nós tivemos uma fase de políticos que não faziam nada por essa cidade. (Sobralense-Feminino-57anos-Centro).
>
> Era uma cidade bem menor, mais desorganizada; não tinha oferta de emprego. Muito feia. (Migrante-Feminino-30 anos- Jerônimo Prado).

> Era pequena, não tinha muita estrutura, poucos bairros, parecia cidade de sertão. (Sobralense-Feminino-26 anos- Jerônimo Prado).

Nota-se, no entanto, que grande parte dos sobralenses relata fatos do cotidiano da cidade, como a tranqüilidade, o convívio maior entre vizinhos, os passeios nas praças no final da tarde, as festas tradicionais que outrora freqüentavam e que hoje não mais experimentam. Atribuem adjetivos à cidade no passado como, calma, tranqüila, pequena, e, a adjetivam diferenciadamente no presente como violenta, grande, moderna.

> O cotidiano do passado tinha estilo, o de hoje se tornou banalidade porque se trata da reprodução estrito senso que separa definitivamente a criação do produto. Antes o estilo penetrava a vida cotidiana nos modos de arrumar a casa, de se vestir; a vida cotidiana era invadida pela arte, onde os objetos materiais traziam a marca do conjunto da sociedade, uma história presente. A separação cotidiano/arte virou nostalgia pois, enquanto rotina, o cotidiano perdeu o lado criativo, a norma e o modelo invade todos os interstícios da vida eliminando aquilo que dá a dimensão do sentido do mundo (CARLOS, 2004, p. 63).

A pergunta seguinte foi: O que mudou na cidade? As respostas recebidas em caráter quase unânime pontuam: Mudou tudo. Os inquiridos apontam de forma deslumbrada e contemplativa as mudanças. Fazem referência ao grupo político vigente e ao ex-prefeito Cid Gomes, que é para a grande maioria dos entrevistados a figura-chave das transformações ocorridas na cidade. Citam por exemplo,

> Mudou muita coisa. Fizeram muitas avenidas. Tá sofisticada (Sobralense-Feminino-38 anos-Centro).
>
> O nível cultural mudou muito, muitas faculdades e colégios; 70% da cidade se transformou, evoluiu. Sobral é uma capital hoje em dia (Sobralense-Masculino-79 anos-Centro).
> Muitos dizem que há uma Sobral antes e outra depois do Cid Gomes. (Migrantes-Masculino-24 anos- Jerônimo Prado).
>
> Hoje a cidade é noturna. Tá muito bonita. A população é grande. Quem viu Sobral há 15 anos, hoje não conhece mais nada. (Sobralense-Feminino-64 anos-Centro).
>
> Mudou tudo. Evoluiu como cidade, as pessoas evoluíram. Tornou-se um núcleo de desenvolvimento, é uma cidade cosmopolita, tem gente de toda parte. (Sobralense-Masculino-75 anos-Centro).

Surgem em muitas respostas referências a espaços da cidade de forma compartilhada, ou a alguns vetores presentes na paisagem, como exemplo, as praças reformadas, e as construídas (a Praça de Cuba, Coluna Hora), Bibliotecas e, enfaticamente na fala dos migrantes e de muitos sobralenses, as unidades fabris da empresa Grendene.

Figura 25: Praça de Cuba (Antiga Praça da Meruoca). Fonte: www.sobral.ce.gov.br

As reflexões de Maciel (ano não citado) referentes ao papel dos objetos geográficos nas práticas sociais ilustram bem as referências traçadas por nossos entrevistados. Afirma o mesmo que,

> Os objetos geográficos naturais e construídos participam das práticas sociais que lhes imputam valor simbólico, assumindo às vezes o poder de representar identidades locais, regionais e até nacionais, ao mesmo tempo em que conferem particularidades físicas, paisagísticas ou arquiteturais decisivas para a funcionalidade do espaço público.

4.3. Considerando a Memória da Cidade

Partindo da premissa de que a memória de uma população é uma forma relevante de avaliação da qualidade dos seus elos com o espaço vivido, e ainda, embalados pela afirmação de TUAN (1980) de que a história é responsável pelo amor à terra natal, resolvemos indagar aos moradores entrevistados acerca do conhecimento que detém do passado da cidade, que culminaria ao nosso ver, em relatos sobre a memória da paisagem urbana.

Alguns estudos na Geografia procuram elucidar as relações que se estabelecem entre a paisagem e memória. Segundo Costa (2008),

> A relação entre a paisagem e memória, está assentada na geografia da percepção, na existência de um conjunto de signos que estruturam a paisagem segundo o próprio sujeito e refletindo uma seleção plena de subjetividade a partir da informação emitida pelo seu entorno." (COSTA, 2008, p. 150).

Sugerimos assim as indagações: Você conhece a história da cidade de Sobral? O que poderia citar de mais importante? De mais curioso na história? Grande parte das respostas foram muito inexpressivas e por vezes vazias em conteúdo. Há muitos que afirmam enfaticamente não conhecer ou conhecer muito pouco a história do lugar. No centro da cidade, cerca de 50% dos sobralenses pesquisados declararam-se não conhecedores ou fornecem respostas parciais para a temática.

A importância da memória individual, que é por definição uma memória subjetiva (POULET apud ABREU, 1998), componente da memória coletiva, solidária, compartilhada, pode ajudar no desvendamento da memória de um lugar, de uma cidade que por natureza é de ordem coletiva.

> A memória individual pode contribuir, portanto, para a recuperação da memória das cidades. A partir dela, ou de seus registros, pode-se enveredar pelas lembranças das pessoas e atingir momentos urbanos que já passaram e formas espaciais que já desapareceram. A importância desse resgate para a identidade de um lugar é inquestionável". (ABREU, 1998, p. 83).

Os habitantes tentaram resgatar fatos de natureza individual, numa expressão de suas vivências desde a infância em determinadas paisagens da cidade, relacionam praças em que se podia jogar futebol, remontam práticas de banho no rio Acaraú, entre outras. No entanto, ao tentarem situar uma memória para o lugar, os inquiridos que se declararam conhecedores do passado da cidade, sumariamente se encaminham à citação de vultos históricos sobralenses e com maior ênfase citam a figura de Dom José Tupinambá da Frota, reverenciado em muitos relatos como um "fundador" de Sobral. Enumeram suas marcas ainda expostas na paisagem e falam da rigidez do Bispo na instauração de padrões de comportamentos e ditador de normas.

Até mesmo os poucos migrantes no Bairro Jerônimo de Medeiros Prado que se declararam conhecedores parciais da história da cidade, demarcam a figura do Bispo-Conde como mito-fundador de Sobral. Tais relatos em sua maioria, denotam que nada existiu antes de Dom José. Seguem alguns extratos:

> Conheço, lembro do nosso convívio na infância, os banhos no rio Acaraú, depois o futebol na beira do rio; jogávamos até na Praça do São João, na Praça do Siebra (Praça do Bosque), na praça do Abrigo. [...] O que tem de mais curioso é o esquecimento de D. José; estive recentemente em Juazeiro e vi o quanto dão valor ao Padre Cícero e Dom José aqui, nada! Foi ele que fez tudo aqui nessa cidade. Político nenhum fez o que ele fez. (Sobralense- Masculino-68 anos – Centro);

> Lembro do tempo de Dom José, era uma pessoa que a gente tinha como o "superior de Sobral". O Bispo mandava e o povo obedecia. A cidade era do jeito que era por causa dele. (Sobralense-Masculino-72 anos-Centro).

> Conheço um pouco. O que sei de mais importante é sobre D. José. As obras que ele fez. Ele construiu o colégio Santana, o Colégio Sobralense, A Santa Casa. A grande história de Sobral são os feitos de Dom José. (Migrante-Feminino – 45 anos – Jerônimo Prado).

No entanto, salientamos um fato que merece destaque nos relatos obtidos no Centro. Em nenhum deles aparece menção ao conjunto arquitetônico tombado pelo IPHAN, de forma a defender a iniciativa, o que nos dá a entender que o discurso proferido pela população inquirida, acerca do processo de tombamento patrimonial de grande parte da paisagem urbana concentrada no centro, "desafina" do discurso oficial do poder público. Alguns habitantes que se situam na área tombada, de forma enfática colocaram a insatisfação de estarem inseridos no conjunto, alegam que não podem modificar nada na fachada da casa, afirmando que isso desvalorizou seus bens.

Sobre o projeto de "requalificação" da cidade Sobral, que viabilizou o processo de tombamento da mesma pelo IPHAN, (foi a primeira do Ceará a ser tombada), FREITAS (2005) comenta sobre a intenção do poder público de supervalorizar o passado na justificativa do referido processo. A citação a seguir é parte de uma entrevista concedida ao autor por Romeu Duarte Junior, ex-superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional – IPHAN, em 1997, onde o mesmo tece críticas sobre a proposta de tombamento arquitetônico de Sobral.

> Ao tomarmos conhecimento da proposta que era vazada em uma metodologia completamente nova para nós, diferente de como se trabalhava as questões do patrimônio, principalmente dos sítios históricos urbanos aqui na casa, nós estranhamos um pouco, porque notamos que havia um desequilíbrio muito grande causado pela hipervalorização da história da cidade em detrimento do que a cidade apresentava como realidade construída. Havia uma valorização muito grande dos momentos de construção da cidade, dos processos de formação e evolução urbana, das costuras que aconteceram entre diferentes setores da cidade, que é uma coisa de interesse, mas, ao mesmo tempo, havia também, e ninguém poderia negar, um processo de descaracterização e destruição da arquitetura original. Se a cidade mantinha uma trama viária perfeita, ela não apresentava mais, em grande parte, e de uma forma muito fragmentada, muito salpicada, um conjunto de arquitetura de maior interesse, em que você pudesse ter legibilidade, continuidade, homogeneidade. Muito pelo contrário. Você tinha algumas edificações isoladas aqui, outras no outro canto. Então você tinha alguns núcleos, onde você tinha alguns conjuntos com alguma permanência dos elementos arquitetônicos originais, mas boa parte da área da cidade tombada, era ocupada por edificações completamente degradadas"

ABREU (2002) afirma que a memória coletiva está sempre se redefinindo. Não que isso signifique que os grupos esquecem parte do passado, o que na realidade acontece é

que o grupo já não é mais o mesmo. No caso de Sobral, é importante frisarmos que a cidade é vivida por muitos grupos sociais na atualidade, alguns desses como os migrantes, necessariamente não prescindem do passado como condição à sua fixação na cidade. Afora isto, a celeridade das transformações vividas por suas paisagens, tratou de impor uma rápida substituição do "velho" pelo "novo", impulsionando a exacerbada contemplação presente nas narrativas. Nota-se nas falas dos inquiridos, um rápido salto temporal entre o passado e o presente, passando-se a comparação entre espaço pretérito e presente abruptamente.

Analisando os relatos, percebeu-se um caráter de mínimo de conhecimento da formação da cidade e nem tão pouco houve citações aos momentos de apogeu vividos no passado tão celebrados pela historiografia sobralense que serviu de base ao discurso do poder público na revitalização da cidade. Alguns fatos históricos aparecem isoladamente nos relatos e são lembrados a partir de sua relação com algumas das formas espaciais atuais na paisagem, produto das intervenções recentes no espaço da cidade. O Museu do Eclipse é um bom exemplo. Este equipamento foi construído em 199 em comemoração ao aniversário de 80 anos da visita da Missão Científica que esteve na cidade em 1919, a fim de comprovar a Teoria da Relatividade de Einstein.

Figura 26: Museu do Eclipse. Fonte: www.sobral.ce.gov.br

Optaram por citar "vultos" locais e personalidades, julgados como responsáveis pela manuntenção da vida urbana ao longo do tempo. Nisto destacaram prefeitos, comerciantes, escritores, jornalistas e o Bispo D. José em destaque. Na atualidade referendam

a figura do ex-prefeito em então governador do Estado Cid Ferreira Gomes como o "baluarte" responsável pelas transformações na paisagem da cidade.

Percebeu-se uma necessidade de se falar do novo. Após a citação de fatos pretéritos em que há menção de lugares na cidade, é comum a expressão "mas hoje..." Parece existir uma vontade de situar a cidade no período atual, de adjetivá-la como desenvolvida, moderna, bonita, relegando assim, aspectos de seu passado, adjetivado em muitas narrativas de "ruim".

Citamos alguns trechos das entrevistas:

> Conheço! Antigamente não tinha luz, não tinha água. Era uma cidade sem serviço... Mas sei que tudo mudou a partir do Cid. Tem um lugar que é onde a história de Sobral se passava, a avenida mais tradicional, a do Centec. Era lá onde acontecia a história daqui (Sobralense-Masculino-64 anos-Centro).

> Sei pouca coisa. Dom José era a pessoa importante na cidade, que era muito católica, é a terra das igrejas. De curioso sei dos lugares (cemitérios, praças) que eram divididos entre ricos e pobres, Mas aqui é terra de gente orgulhosa (Sobralense-Feminino-22 anos-Centro).

> Lembro um pouco. Antigamente era um fazenda, depois vila. O que é curioso acho a expedição do Einstein que comprovou a teoria da relativa e também lembro do bairrismo na cidade (Sobralense-Masculino-16 anos -Centro).

O passado de júbilos que alimenta, segundo FREITAS (2005) a marca da "sobralidade triunfante[35]" é bastante aparente nos veículos midiáticos, porém não a constatamos de forma tangível junto ao público pesquisado. Com relação a esta "marca", o autor apresenta a seguinte conceituação,

> (...) é a existência de um modelo de reconhecimento social associado a um forte sentimento de pertença, por parte de determinados indivíduos, que possuem certo prestigio social no campo político da cidade, e que ocupam o poder público municipal, tendo em vista criar uma *"marca"* distintiva que possa servir como rótulo para uma cidade que pudesse ser não só um pólo econômico importante na região, sendo espaço privilegiado para o consumo, mas também uma cidade a *"ser consumida"* através de políticas públicas direcionadas para o turismo, eventos, entretenimento, desporto e cultura. Nos documentos oficiais, produzidos pela municipalidade, a *"tradição"*, associada a uma *"opulência"* demarcada por determinados tipos de lembranças do passado, serve como argumento para justificar o tombamento da cidade como patrimônio histórico nacional. Tombamento este que estimula o aprimoramento de uma *"marca"* para a cidade". FREITAS, 2005, p. 29).

A pergunta a seguir foi: Você se sente importante como cidadão Sobralense? Certamente essa indagação dirigiu-se aos sobralenses. Para os migrantes optamos por perguntar: Você se sente mais Sobralense? Com relação a esta última pergunta, esclarecíamos ao inquiridos sobre o seu sentido, que objetivava saber o grau de inserção, de participação e

[35] Esse conceito foi descrito no capítulo anterior.

de “enraizamento” do migrante (CAVALCANTI, 2000, op.cit.) com a cidade em contraponto ao seu lugar de origem.

Os sobralenses efusivamente respondem **sim**. Apenas 6 dos entrevistados preferiram expressar estranhamento com o lugar respondendo que **não**. E em muitas respostas acrescentam alguns elementos que reforçam a condição de habitarem, a pertecerem e estarem inseridos nas parcelas da paisagem melhor dotadas de equipamentos e estruturas, principalmente no caso do centro da cidade. Relatam:

> Me acho importante sim. Pago meu imposto direitinho e por isso vejo minha rua mais bonita, isso me orgulha. (Sobralense-Feminino-57anos-Centro);
>
> Claro! Moro aqui desde que nasci. Viver aqui na Praça do São Francisco dá gosto! (Sobralense-Feminino-67 anos-Centro);
>
> Tenho sim. Nasci aqui na rua do Menino Deus, no Sobrado onde é hoje a casa de cultura. Sou conhecido aqui como o Dr. João. (Rs). (Sobralense-Masculino-79 anos-Centro).
>
> Me sinto. Antes talvez não. Ver a cidade mudada desse jeito. O que marca Sobral é a mudança. (Sobralense-Masculino-42 anos-Centro).

Os relatos obtidos pelos migrantes habitantes do Centro e do Bairro Jerônimo Prado, demonstrou um caráter importante. Um pouco mais de 70% afirmam que já se sentem mais sobralenses, que já se sentem acolhidos pela cidade, e ilustram suas falas citando a freqüência de visitas que faziam aos seus lugares de origem, que era bem maior logo que chegaram a Sobral, e com o passar do tempo foi diminuindo, pois já se acostumaram à cidade. Colocam em algumas respostas a idéia de já manterem laços com o lugar. E, mais uma vez denotam a significação do trabalho e da formação intelectual como elementos sedimentadores do sentimento de pertença, ou seja, por ser a cidade de Sobral, o lugar onde conseguiram melhores oportunidades de emprego e qualificação e, conseqüentemente da vida. Sobre esse aspecto, CRUZ (2007, p. 26) explica que,

> [...] o sentido de pertença, os laços de solidariedade e de unidade que constituem os nossos sentimentos de pertencimento e de reconhecimento como indivíduos ou grupo em relação a uma comunidade, a um lugar, a um território não é algo natural ou essencial, é uma construção histórica, relacional e constrativa, já que consciência de pertencimento e identidade não são uma “coisa em si” ou um “estado ou significado fixo”, mas uma relação, uma “posição relacional”, uma posição-de-sujeito construída na e pela diferença.

4.4. Imagens e Vivências

Considerando o caráter ainda construtivo deste estudo, procuramos saber a respeito das paisagens e imagens que mais representam Sobral na opinião dos inquiridos. As

perguntas foram as seguintes: Quanto aos lugares da cidade, quais na sua opinião mais representam Sobral, que identificam a cidade? E, as mudanças no espaço da cidade trouxeram algo de importante para você?

> O processo de percepção da paisagem da cidade é sempre seletivo, uma vez que o espaço urbano mostra-se enquanto resultado de um processo de produção bastante segregado, em função das relações sociais específicas. (ARRRAIS, 2001).

As respostas demonstraram inúmeras maneiras de como as paisagens na cidade são concebidas, vistas, sentidas e vividas, indiciando uma vasta gama de práticas sociais. As paisagens mais lembradas pelos sobralenses e os migrantes do Centro, principalmente os de maior permanência na cidade, foram a do Boulevard do Arco, a Margem Esquerda, a Praça do Teatro São João. Aparece também com relevante destaque, o Largo do Rosário e o Largo de São Francisco e Santa Clara.

Levando-se em conta os fatores que influenciam diretamente nas percepções, constatou-se que justificativas para as escolhas dessas paisagens coadunam com a reflexão de MACHADO apud ALMEIDA (2007) quando o mesmo afirma que cada pessoa percebe seletivamente aquilo que lhe interessa ao que está habituado a observar de acordo com o seu contexto sociocultural.

Cerca de 40% dos habitantes inquiridos com idade superior a 25 anos de idade do bairro Centro assinalam o uso de praças, da Margem Esquerda e do Bolevard do Arco para a realização de caminhadas em horários matutinos e passeios à noite. A população mais jovem do bairro, ao mencionar esses espaços, justifica principalmente o Boulevard do Arco como ponto de encontro com amigos no horário noturno. De fato, diariamente é comum a concentração de jovens na paisagem do Arco no horário noturno, estes são em sua maioria estudantes universitários e do ensino médio dos estabelecimentos concentrados na área. Alguns relatos dão conta dessas práticas:

> É bem agradável caminhar por aqui de manhã. Até que poderia ser em outra hora, mas o calor não deixa. O espaço é largo não precisa está no meio dos carros. A noite apesar do clima mais ameno, a meninada é que te toma de conta... (Sobralense, Feminino, 37 anos – Centro).

> Eu gosto porque é a parte mais animada da cidade na minha opinião. O pessoal vem passando da UVA, ou esperando os ônibus das outras cidades que passam por la, é bom... eu vou sempre, com um violãozinho fica melhor, né? (Sobralense-Masculino-17 anos-Centro).

> Antigamente não tinha essas avenidas pra gente andar, pra conversar, pra caminhar, era mais comum a gente sentar na calçada, mas os médicos dizem que é bom andar, por isso gosto de andar por aqui.. nas praças, a do Bosque por exemplo, muita planta, jardim... é bom demais. (Migrante, Masculino- 53 anos- Centro).

> Quando eu sai de Massapê, há mais de 30 anos, vim morar aqui, ali peto da Santa Casa, não gostava não, sentia muita saudade. Mas depois que compramos essa casa aqui na Praça do São Francisco, passei a gostar daqui, sou sobralense de coração. Acordar de manhã e passear nessa praça, ta muito linda, não é? (Migrante – Feminino- 65 anos-Centro).

No entanto, as respostas de um número também expressivo de inquiridos, deram conta de enumerar as mesmas paisagens, mas não denotam práticas. Aparecem citadas por serem as mais veiculadas na mídia, principalmente a televisiva.

Segundo LYNCH (1983) a imagem da cidade pode utilizar alguns elementos que as caracterize, trazendo àquele local legibilidade aos seus usuários. FERRARA (1986) também explica que alguns elementos podem ser organizadores do lugar. Um deles é o significado de ícones, ou seja, imagens, diagramas e metáforas, que representam idéias, formalizam conhecimentos, possuem caráter representativo ou possuem similaridade de qualidade com o objeto.

Percebe-se diante dos últimos relatos analisados, o reflexo da lógica imposta pelo poder público nas últimas duas décadas em Sobral, de tornar visível uma cidade salubre, saneada, bonita e "moderna", valendo-se sobremaneira de expô-la em belas imagens, enaltecendo algumas formas e lugares, como o Boulevard do Arco, nos veículos midiáticos, o que a tornou em alguns momentos a cidade cearense com maior número de aparições na TV, depois da capital, em determinados períodos (FREITAS, 2005).

O Parque da cidade[36], obra integrante do "projeto revitalizante" do poder público municipal, inaugurado em 2004, foi relatado por alguns inquiridos do Centro como lugar de passeio, aos finais de semana com a família. No entanto, no inicio de seu funcionamento, o Parque dispunha de uma funcionalidade maior que aos poucos foi sendo minada. Era bem maior o dinamismo dos "quiosques" localizados desde a etapa inicial do parque na confluência da Avenida Pericentral com a CE-020 com destino à cidade de Massapê até a última etapa na Avenida Dr. José Arimatéia Montes e Silva (conhecida mais popularmente como Avenida do Contorno), sendo essa última etapa, ao lado do Supermercado Lagoa, a de maior expressão nos dias atuais.

---

[36] Para melhor ilustração sobre o aspecto físico do Parque e sua funcionalidades, extraímos partes de uma manchete constante no Jornal Municipal de Julho de 2004. Os trechos informam: O Parque da Cidade, que vem sendo construído numa área de aproximadamente 70.000 metros quadrados, integrará áreas importantes como os bairros do Junco, Colina e Campos dos Velhos. O Projeto consta ainda com 1 anfiteatro, 5 playgrounds, 8 estacionamentos com aproximadamente 20 vagas cada um, 414 bancos, 29 mesas de xadrez, 22 mesas de piquenique, 19 quiosques, 1.800m de pista de cooper, 1 campo polivalente para esportes e 3 campos de vôlei de areia. Além de todos esses equipamentos, o Parque contará também com área de esportes radicais, sendo 1 pista de bicicross e 1 skatepark com padrão internacional que já está funcionando e sediou a 2ª Etapa 2004 do Campeonato Brasileiro de Skate. Todas as ruas que circundam o Parque estão sendo pavimentadas com as devidas obras de drenagem e esgotamento sanitário. A intenção principal deste Projeto é viabilizar a manutenção do riacho Pajeú, como mais uma ação de preservação da Lagoa da Fazenda.

No tocante aos relatos colhidos no bairro Jerônimo de Medeiros Prado acerca das imagens representativas de Sobral, a preponderância dos apontamentos conduzem a uma seleção de lugares lembrados, porém alheios ao seu cotidiano, a exceção da Grendene. Interessante notar a citação das unidades fabris da Grendene, localizadas próximas ao bairro por grande parte dos inquiridos migrantes. Apresentando certa homogeneidade com as citações arroladas no Centro, também citam o Boulevard do Arco, o Largo de São Francisco, A Praça do São João, dentre outros. No entanto, é comum citarem que não costumam freqüentar esses espaços e os citam como imagens que aparecem na televisão. Assinalam por exemplo,

> Acho que a Grendene parece muito com Sobral hoje. Eu sou do trabalho, é difícil sair, além do mais tenho medo da violência. (Migrante-Masculino-34 anos- Jerônimo Prado).
>
> Pra mim especificamente não. Mas pro pessoal que gosta de esporte, por exemplo tem muito lugar pra ir, o Parque da cidade, a Margem Esquerda (Migrante-Masculino-26anos – Jerônimo Prado).
>
> Vejo sempre na televisão o Arco, a Margem Esquerda e agora o Mucambinho, mas eu mesmo não saio de casa pra ir não... (Migrante, Feminino, 29 anos- Jerônimo Prado).

Nas primeiras visitas que fizemos ao Bairro Jerônimo Prado, um fato nos chamou atenção: a pouca existência de comércios de pequeno capital (bodegas), antes bastante comuns em bairros periféricos. Aliado a pouca estrutura destinada ao lazer no bairro, resolvemos pensar se estes aspectos poderiam ser geradores de articulação e trocas entre os dois bairros aqui analisados. Resolvemos então perguntar sobre quais seriam os locais de compra e de lazer usuais por parte dos habitantes do bairro.

As respostas denotaram a existência de conexões importantes entre os dois bairros, principalmente ligadas à função comercial da cidade. Debruçaremos-nos a analisar as respostas concedidas sobre as práticas de compra, uma vez que já temos apontamentos sobre as práticas de lazer nas respostas anteriores.

Expressivamente, mais de 80% dos inquiridos, disseram ir ao centro da cidade com a finalidade de fazer compras. O mercado Central, ponto popular de comercio em Sobral foi apontado como o "lugar das compras" por um grande número de habitantes escutados. Notadamente, algumas justificativas foram destacadas para a escolha, como o preço mais acessível, tanto para alimentos como para vestuário.

Os supermercados[37] de forma expressiva, também apareceram como locais de compras, e sobre estes estabelecimentos, alguns relatos dos migrantes procuraram mais uma vez situar comparações entre Sobral e seus lugares de origem. Indiciavam um caráter de cidade "moderna" a partir da existência desses empreendimentos. Afirmam:

> "As compras daqui são feitas no Rainha, apesar do preço ser um pouco mais caro, é tudo muito limpo, o ambiente é bom, no ar condicionado... de onde eu venho não existe um supermercado... acho isso importante pra quem mora aqui.. (Migrante – Feminino – 37 anos – Jerônimo Prado).

> "O dinheiro aqui é pouco, mas se for pra escolher, prefiro comprar em um dos supermercados. comprar coisa boa, tem mais opção. Eu sempre converso com meu marido, em Sobral a gente pode isso, trabalhar, ganhar dinheiro... viver melhor... (Migrante –Feminino- 31 anos – Jerônimo Prado).

Nesse sentido, a interpretação da cidade pelo migrante, a encarece valorativamente a partir da possibilidade de viver melhor, do conforto proporcionado, de se sentir participante, inserido. Esse aspecto é uma tônica na fala dos migrantes, principalmente aqueles que chegaram à cidade e foram absorvidos como mão-de-obra. Pouco falam de problemas ligados ao bairro, a exceção da segurança. Mas é comum citarem a insegurança, assaltos, porém, logo emendam: *"mas é em todo lugar né?"* Assinalam os pontos "positivos" como ter asfalto na rua, esgoto, entre outras políticas "mínimas" desenvolvidas pelo poder público.

Destacam a importância em estar na cidade, de estarem construindo referências com ela, a ponto de pouco mais de 60% dos migrantes inquiridos afirmarem que não pretendem voltar para o seu lugar de origem. Outros 23% dizem que regressarão a seus lugares, um dia. O restante compõe-se daqueles que dizem querer regressar assim que adquirirem uma melhor condição, ou daqueles que não sabem dizer a respeito de uma volta às origens. Como afirma ROCHA (2007) outro princípio a se compreender no processo de percepção da paisagem reside no fato de que esta é marcada e representada por processos de transformação cultural.

---

[37] A cidade de Sobral, dentro do contexto de expansão urbana recente, experimenta uma considerável descentralização e desconcentração de sua função comercial, com o surgimento dos supermercados, dentre eles o Supermercado Rainha, O Super Lagoa e Hipermercado Pinheiro. Sobre esses empreendimentos na cidade de Sobral, ASSIS, et al (2007, p. 129) esclarece que: Observa-se que esses supermercados tem "puxado" a localização de alguns serviços (como bancos, correios, cinema, posto de combustível, etc), para outros bairros da cidade. Eles inauguraram em Sobral uma das formas do "terciário moderno", apresentando uma estrutura de mini-shopping que tem no próprio supermercado a loja ancora e as demais lojas de apoio e de serviço. Com ambientes refrigerados que proporcionam o conforto dos clientes (especialmente numa cidade sertaneja), seguranças e estacionamentos particulares [...] O Pinheiro e o Super Lagoa também vem acirrando com as formas tradicionais de comercio da cidade (o mercado público, as bodegas, as mercearias, e, especialmente os mercantis) e influenciando no modo, nos hábitos de consumo dos habitantes e na organização espacial das atividades econômicas da cidade.

Numa última análise das inquirições, sugerimos aos habitantes pesquisados que descrevessem a cidade. As respostas trouxeram tenazmente a imagem "positiva" (ARRAIS, 2001) da cidade.

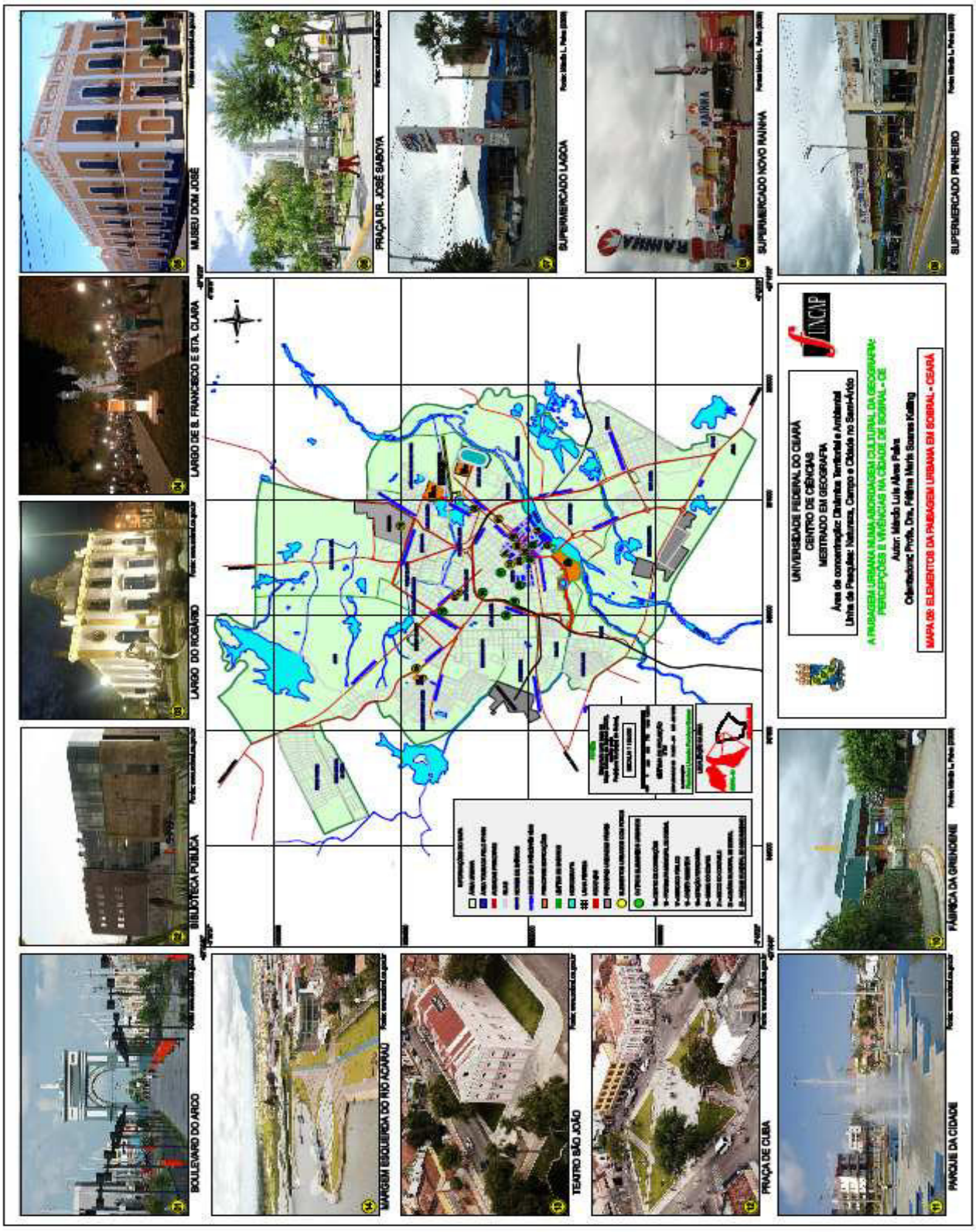
> É uma cidade culturalmente e intelectualmente desenvolvida, com muitas opções para as pessoas, que se localiza no centro da Zona Norte, ponto de partida e chegada para as outras cidades. (Migrante-Feminino-21 anos – Centro).
>
> Eu diria que Sobral é uma cidade boa; é uma cultura diferente, tem vários pontos turísticos e pontos de conhecimento, casa da cultura, escola de música... (Sobralense-Feminino-46 anos- Centro).
>
> Aqui é uma ótima cidade pra morar, precisa mais de emprego, mas ainda precisa melhorar o lazer, as pessoas ainda não sabem cuidar da cidade, mas ta muito boa...(Sobralense-Feminino-45 anos- Centro).
>
> Eu diria que a cidade ta muito evoluída, ta muito agradável de se morar, ta muito organizada. (Migrante-Feminino-29 anos- Centro).
>
> Que Sobral é a melhor terra para se morar, pra se viver e se divertir .... (Migrante-Feminino-19 anos- Centro).
>
> Sobral hoje pra mim é boa. Muitas partes melhorou o ambiente, melhorou muito a estrutura. Depois do Cid, a cidade melhorou, mas o que não gosto aqui é o clima à tarde. (Sobralense-Masculino-68 anos-Centro).
> Sobral do jeito que ta é a capital, o movimento dos carros, o gestual das pessoas, o jeito de se tratarem. Sobral é uma cidade grande, é praticamente a segunda cidade do Ceará. (Migrante-Masculino-21 anos-Centro).
>
> Eu diria que Sobral ta linda, ta urbanizada, cheia de lugares pra se ir e ta uma cidade boa de se viver, tem emprego, apesar da violência que ta um todo lugar. (Sobralense-Feminino-27 anos- Jerônimo Prado).
>
> Eu diria que Sobral é bonita, desenvolvida, possuidora de encantos, porém violenta, barulhenta (Sobralense-Feminino-25 anos- Jerônimo Prado).
>
> Sobral é uma cidade bastante acolhedora, oferece oportunidade de emprego, estudo, no lazer, mas alguns pontos são negativos como a violência. (Migrante-Feminino-49anos- Jerônimo Prado).
>
> Sobral é sinônimo de trabalho; Sobral não fica atrás em beleza em relação ao litoral, tem muitos locais bonitos pra ver, andar, mas também tem aqueles ruins. (Migrante-Masculino-53 anos- Jerônimo Prado).
>
> É uma cidade perigosa, e ao mesmo tempo encantadora, principalmente no centro, pois chegando nos bairros o encanto acaba. (Migrante-Feminino-56anos- Jerônimo Prado).
>
> Mudou muito. Sobral era triste. O lazer que tinha era ira à igreja ou a algum parque de diversões. Hoje é diferente. Mercantil era luxo. A cidade não tinha novidades, hoje tem. (Sobralense-Masculino-18 anos- Jerônimo Prado).

A cidade, nos relatos acima, pronunciados por habitantes de ambos os bairros estudados, é concebida mediante uma contemplação estética de suas paisagens, adjetivada

substancialmente como boa, agradável, lugar de oportunidades por ambas as parcelas inquiridas. Nota-se a percepção do "hoje", do imediato, sendo inevitáveis os contrapontos com o passado, percebido como "atrasado". Desta forma, como afirma David Harvey, a aparência de uma cidade e o modo como os seus espaços se organizam formam uma base material a partir da qual é possível pensar, avaliar e realizar uma gama de possíveis sensações e práticas sociais. (2004, p.45).

Nota-se, no entanto, que os migrantes, principalmente do bairro Jerônimo Prado, ao passo que celebram a cidade com o lugar que possibilita a realização de uma vida mais próspera, atentam para a violência como um fator que desqualifica a cidade, sendo esse aspecto menor pronunciado junto aos habitantes do Centro. Afora esse apontamento da insegurança, não foi comum dirigem-se aos problemas mais imediatos ao bairro, sua estrutura ou a falta dela, o mínimo de equipamentos instalados, por exemplo, parece ser satisfatório e articulado aos aspectos gerais da cidade.

Figura 27: Elementos da Paisagem Urbana de Sobral



Considerações Finais

Neste estudo, a tarefa de analisar a paisagem urbana da cidade de Sobral através de uma abordagem cultural na geografia impôs certamente um considerável esforço. O conceito de paisagem não é de fácil interpretação, principalmente se ancorado nas perspectivas que almejam sua significação cultural e, particularmente inscrita numa dimensão urbana, a complexidade se aferra.

Partindo de pressupostos que buscam evidenciar o caráter desempenhado pela paisagem como parte integrante na constituição cultural dos lugares, o intento dessa pesquisa exposto no capítulo dois, verificou-se em aferir a paisagem urbana de Sobral tomando-se como ponto inicial a recomposição analítica de sua gênese, buscando trazer à cena alguns aspectos olvidados nos estudos que posteriormente a objetivaram, dentre esses, a importância concedida ao quadro natural, em especial aos cursos fluviais, na sistematização dessa porção urbana do norte semi-árido cearense.

Nesse sentido, dentre outros aspectos concernentes à paisagem "primária", buscou-se observar a relevância do rio Acaraú para a consolidação do espaço urbano sobralense, espaço esse que, desde suas manifestações iniciais, encareceu-se de "singularidades" que o inscreveram como um "aparte" no processo de surgimento de cidades no Ceará. Os aspectos, ou de outra forma, os produtos desta "singularidade" atribuída à cidade, fundada em padrões culturais que suplantavam os limites geográficos nacionais, refletiram-se em sua paisagem, no sentido de pô-la como meio de materializar um modelo dominante de relações sociais e culturais (MITCHELL apud GANDY, 2004).

No intuito de acrescentar um "além" às formas de análise da cidade em voga, instituídas na maioria das fontes históricas disponíveis para consulta, que quase de modo unânime, assumem a dimensão econômica como "mola-mestre" para demonstrar os caminhos trilhados pela cidade ao longo de três séculos, preocupamo-nos em lançar mão da perspectiva geo-histórica com vistas a realizar uma "espacialização das temporalidades" (BARROS, 2006) vividas pela paisagem urbanas ao longo do tempo. Com as possibilidades expostas por essa perspectiva, foi possível refletir acerca do espaço natural, elucidando suas representações no processo de construção da cidade e de seu modo urbano, distinto do restante do sertão e do Ceará. Noutras palavras, evidenciou-se que os aspectos geográficos encerraram um conjunto de aspectos contributos e antagônicos no desenvolvimento desse processo.

Ao percorrermos analiticamente a trajetória da sistematização de Sobral, inicialmente como fazenda, vila e cidade, é estarmos diante de representações que diferem o

lugar como espaço social, historicamente permeado de práticas que o diferem do contexto espacial que o circunda. Nesse sentido, foi viável a reflexão acerca da paisagem sobralense como continente de um expressivo caráter simbólico, de relê-la como constituição e expressão do desenvolvimento sócio-cultural da cidade ao longo dos séculos.

Durante a produção do espaço urbano de Sobral, a cidade tornou-se um lugar privilegiado para a construção de imagens que ultrapassam seus limites geográficos. Assim, discorremos no terceiro capítulo sobre algumas dessas, entendendo sua paisagem não apenas como um tipo específico de expressão cultural da realidade, mas como um meio de reforço ideológico dominante na sociedade em estudo.

Dentre essas construções imaginárias, refletimos sobre a imagem que situa o lugar pela "diferença", pelo "estrangeirismo", pela opulência e glórias vividas pela cidade através de mecanismos econômicos que geriram um modo de vida ascendido de suas classes mais abastadas. Nesse sentido, alguns segmentos que desempenharam papéis de relevância na produção espacial da cidade, dentre eles, a Igreja referendada na figura de D. José Tupinambá da Frota, se mostraram como elementos fundantes da imagem de Sobral vivida no século passado com rebatimentos na época atual.

Nesse entendimento, a paisagem urbana de Sobral se mostrou impregnada de formas pretéritas disseminadas por esses segmentos, pondo-se nessa parte do trabalho como um campo simbólico continente de memórias que adquire, dentre outros aspectos, o papel ativo na perpetuação do "mito" do Bispo-Conde Dom José, principalmente a partir da iniciativa de tombamento de parte do seu bairro central da cidade pelo IPHAN.

A partir do impulso econômico vivido na cidade a partir da segunda metade da década de 1990, construído dentro de uma conjuntura política que sem precedentes promoveu mudanças radicais na paisagem urbana, deu-se a construção de uma imagem de cidade "moderna", costurada a partir de um caleidoscópio de relações, nas quais o papel midiático tem papel preponderante na "massificação" de uma idéia de "modernidade". Passamos a considerar a partir desse capítulo, a paisagem como meio de reforçar a ideologia dominante junto à sociedade. Significativamente, ela adquire a condição de reflexo simbólico dessas construções imaginárias, reforçando a reprodução das mesmas.

Nesses "novos momentos" da cidade, propiciados, entre outros aspectos, pela atração de investimentos, a cidade tornou-se centro captador de populações migrantes. Sobral passou atraiu contingentes significativos de populações migrantes, que passam a compor uma significativa parcela de seus habitantes, num cenário de forte crescimento de sua taxa de urbanização apontadas pelo IBGE. Nesse contexto, o último capítulo visou aprofundar a

discussão da paisagem numa abordagem cultural, acrescentamos a perspectiva humanista na em sua análise. Passamos a investigar como a paisagem urbana é percebida e vivida pelos seus habitantes. A possibilidade de se trabalhar com um universo composto por dois bairros, o bairro central e um periférico, inquirindo sobre as inter-relações entre duas "tipologias" de moradores, naturais da cidade e migrantes com a paisagem urbana da cidade, viabilizou-se a possibilidade de uma análise da cotidianidade, experiências e vivências desses grupos na cidade em estudo.

A análise da vivência dos habitantes inquiridos permitiu avistar e decodificar elementos importantes da paisagem urbana sobralense, bem como reconhecer elementos físicos e humanos que a constituem. Esses elementos vistos como signos ou marcas impressas na paisagem, ao serem analisados nos permitiram desvendar os afetos ou desafetos daqueles que os experienciam.

Ao se abordar a paisagem urbana da cidade de Sobral como fenômeno vivido, deparamo-nos com um mundo de significado, vivências e desejos daqueles que foram abordados pela pesquisa, e a partir dessas percepções nos foi possível tecer as considerações constantes nesse trabalho. A análise promovida, à luz da compreensão deste pesquisador, adquiriu uma conotação especial, quando da referência da paisagem enquanto espaço vivido pelo migrante, pelo fato de esboçarem em seus relatos à contemplação do lugar, reconhecido a partir do encontro com as possibilidades de uma vida melhor, através de sua inserção no mundo do trabalho.

Por fim, acreditamos que, por termos escolhido um bairro periférico situado próximo às unidades fabris da Grendene, as de maior expressão na cidade, sendo, em partes um bairro dotado de infra-estrutura mínima para de se viver: sistema de abastecimento d'água, pavimentação em alguns trechos, calçamento em outros, os inquiridos potencialmente ocupados em alguma atividade profissional, não tenham tecido comentários relevantes acerca de problemas típicos da periferia, preferindo celebrar em muitos depoimentos à cidade.

Não intentamos aqui, forjar elementos que conduzam ao entendimento de uma cidade completamente uniforme, salubre, ou como nossos inquiridos citam muitas vezes: bonita, "moderna", onde todos os seus habitantes desfrutem de uma situação homogênea. Há bairros que denotam as mazelas comuns a todos os centros urbanos, principalmente aqueles cooptadores de migrantes, como é o caso de Sobral nas últimas duas décadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU. Maurício de A. **Sobre a Memória das Cidades**. Revista da Faculdade de Letras – Geografia I. Vol. XIV, Porto,1998. pp. 77-97.

ALMEIDA, Alcionir Pazatto. **A percepção da paisagem urbana de Santa Maria/RS e o sentimento de Topofilia e Topofobia de seus moradores**. (Dissertação de Mestrado). UFSM, 2007.

ANDRADE, Elenilda S. B. **De Fazenda Nova à Nova Jerusalém: Um olhar geográfico (re)fazendo a paisagem**. (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, 2004.

AMORA, Zenilde Baima; COSTA, Clélia, L. C. **Transformações nas Cidades Médias do Ceará.** Disponível em: egal2009.easyplanners.info/.../5788_Costa_Maria_Clelia_Lustosa.doc Acesso em 12 mar 2009.

ARRAIS, Tadeu Pereira A. **Goiânia: As Imagens da Cidade e a Produção do Urbano**. In: CAVALCANTI, Lana de S. (org.) Geografia da Cidade. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

ASSIS, Lenilton F.; et al. **A terceirização na cidade média de Sobral e suas influências no comércio das cidades pequenas de Cariré e Varjota** - Ce. Revista da casa Geografia. Sobral: Edições UVA, 2007.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARAÚNA. A. **A percepção da variável ambiental de algumas agroindústrias de Santa Catarina.** 1999. (Dissertação de Mestrado) UFSC.Florianópolis. Disponível em <http://teses.eps.ufsc.br/Resumo.asp?821> Acesso em 10 de jul de 2009.

BARBOSA, Marta Emisia et al. (orgs.). **Sobral Patrimônio Nacional**. Sobral: Prefeitura Municipal, 2000.

BARROS, José D'Assunção. **História, espaço e tempo: interações necessárias**. *Varia hist.* [online]. 2006, vol.22, n.36, pp. 460-475. ISSN 0104-8775.

CARACRISTI. Isorlanda. **A indústria Chapeleira de Sobral**. Revista da Casa da Geografia. Sobral: Edições UVA, 1999.

CARRANO, Paulo César R. **Jovens na Cidade.** Revista Trabalho e Sociedade. Vol.I. Rio de Janeiro: IETS, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **O espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: Contexto, 1996.

CASTELLS. Manuel. **A Questão Urbana**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CASTRO, Iná Elias de. **Imaginário Político e território: natureza, Regionalismo e Representação**. In: CASTRO. Iná Elias . et al. (orgs). Explorações Geograficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CAVALCANTI, Helenilda. **O desencontro do ser e do lugar: a migração nordestina para São Paulo**. In: Anais do VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. São Paulo: 2000.

CLAVAL, Paul. **Campo e Perspectivas da Geografia Cultural**. In: CORRÊA, Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

_____. **Uma, ou algumas, abordagem(ns) cultural(is) na Geografia Humana?** In: SERPA, Angelo (org.) Espaços Culturais: Vivências, Imaginações e Representações. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. **A Geografia Cultural: O estado da arte**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org). Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

COELHO, M, S. **Sobral, Ceará, Brazil**. In: SILVA, J.B.da. et al. (Org.). **Ceará**: um novo olhar geográfico. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005, p.301 – 337

CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia Cultural: Passado e Futuro- Uma Introdução**. In: In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org). Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

CORRÊA, R. Lobato. **Espaço: Um conceito-chave da geografia**. In: CASTRO, Iná E. et al. (orgs). Geografia: Conceitos e Temas, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **A Geografia Cultural e o Urbano.** In: In: CORRÊA, R. Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Monumentos, Política e Espaço.** In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org). Geografia: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.

_____. **Uma Sistematização da Análise de Monumentos na Geografia**. Revista Terr@plural, Ponta Grossa: 2007. 9-22p

CORIOLANO, Luzia Neide M. T. A Análise do discurso na geografia do turismo. Disponível em: www.joaquimtur.com/colunistas/luzia06.html. Acesso em 20 mai 2009.

COSTA, Otávio. Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos Lugares. Espaço e Cultura – Ed. Comemorativa, Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, Dez 2008.

CRUZ, Walter do C. **Intinerários Teóricos sobre a Relação entre Território e Identidade**. In: BEZERRA et al. (orgs). Intinerários Geográficos. Programa de Pós –Graduação em Geografia – UFF.Niterói: EDUFF, 2007.

DANTAS, Eustógio W. C. **Rede Urbana Colonial Cearense: Uma Crítica à Noção de Rede Dendrítica**. Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará, 2006.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1991.

DUARTE, Matusalém de Brito; MATIAS, Vandeir R. S. **Reflexões sobre o espaço geográfico a partir da fenomenologia**. Revista Caminhos da Geografia, 17. UFU, 2005. 190-196p.

FERRARA, Lucrécia. D'Alessio. Cidade: Imagem e Imaginário. In: SOUZA, Célia F; PESAVENTO, Sandra, J. (orgs). **Imagens Urbanas: Os diversos olhares na formação do imahginário urbano**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

_____. Olhar Periférico. São Paulo: EDUSP, 1993.

_____. A Estratégia dos Signos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.

FREITAS, Nilson A. **Sobral: Opulência e Tradição**. Sobral: Edições UVA, 2000.

_____. **O Sabor de uma cidade: práticas cotidianas dos habitantes de Sobral**. (tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia.Universidade Federal do Ceará, 2005.

FROTA, D. José Tupinambá da. **História de Sobral**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1953.

GANDY, Matthew. Paisagem, Estética e ideologias. In: CORRÊA, Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagens, Textos e Identidade. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

GUIMARÃES, S. T. L. **Reflexões a respeito d paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental**. GEOSUL, Florianopolis, 2002.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo, 2004.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras**: inserções da geografia da modernidade. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

HOLANDA, Virginia C. C. **Modernizações e Espaços Seletivos no Nordeste Brasileiro: Sobral: Conexão Lugar/Mundo**. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 2007.

HOLZER, W. **Paisagem, Imaginário, Identidade: Alternativas para o Estudo Geográfico**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org). Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

IWATA. Nara. **O Rio e o mar. A influência da orla marítima na formação do imaginário da cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp069.asp. Acesso em 04 dez 2008.**

KELTING, Fátima Maria Soares. **Evolução das paisagens naturais do Estado do Ceará-Brasil**.Goiânia:Goiás; Boletim Goiano de Geografia, v. 28, n.1, p.63-80, jan/jun, 2008.

LE BOSSÉ, Mathias. **As questões de Identidade em Geografia Cultural. Algumas Concepções contemporâneas**. In: CORRÊA, Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagens, Textos e Identidade. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

LIRA, Pe. João Mendes. **De Caiçara a Sobral.** Centro de Pesquisas Históricas e Geográficas de Sobral. Sobral: Departamento de Imprensa Oficial, 1971.

_____. **Sobral: Sua História Documental e a Personalidade de Dom José**. Centro de Pesquisas Históricas e Geográficas de Sobral. Sobral: Departamento de Imprensa Oficial, 1975.

_____. **Sobral na História do Ceará e a Personalidade do Padre Ibiapina**. Centro de Pesquisas Históricas e Geográficas de Sobral. Sobral: Departamento de Imprensa Oficial, 1976.

LINHARES, Pe. Fortunato Alves. **Notas Históricas da Cidade de Sobral**. Revista do Instituto do Ceara: Fortaleza, 1922.

LYNCH. Kevin. **A Imagem da Cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACIEL, Caio A. A. **Morfologia da paisagem e Imaginário Geográfico**: Uma encruzilhada Onto-Gnoseológica.2001. Disponível em: http://www.uff.br/geographia/rev06/caio6.pdf. Acesso em 12 nov 2008.

MARQUES DOS SANTOS, Afonso Carlos. Entre a Destruição e a Preservação: Notas para o Debate. In: SCHIAVO, Cléia, ZETTEL, Jayme (Coords.). Memória, Cidade e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ / IPHAN, 1997. p. 15-27.

MARIA JR, Martha. **Cidades Médias: Uma abordagem da Urbanização Cearense**. (Dissertação de Mestrado), Fortaleza: UECE, 2004.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **Geografia Humanística: A perspectiva da experiência vivida e uma critica radical ao positivismo**. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

MELO, Vera M. **Paisagem e Simbolismo.** In: CORRÊA, Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, Imaginário e espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MOREIRA, R. **O racional e o simbólico na geografia**. In: SOUSA M.A.A. (org.). O novo mapa do mundo: natureza e sociedade de hoje, uma leitura geográfica. São Paulo: HUCITEC, 1993.

NOGUEIRA, Amélia R. B. Uma Interpretação fenomenológica da Geografia. In: GALENO, Alex; et al. (orgs). **Geografia: Ciência dos Complexus**: Ensaios Transdisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PANTALEÃO, Sandra. Permanências e Dinâmicas urbanas: perceber a cidade através de suas transformações. Disponível: egal2009.easyplanners.info/area07/7318_Pantaleao_Sandra.pdf. Acesso em 12 dez 2008.

PESAVENTO, Sandra J. **A cidade Maldita**. In: In: SOUZA, Célia F; PESAVENTO, Sandra, J. (orgs). **Imagens Urbanas: Os diversos olhares na formação do imahginário urbano**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

PINTAUDI, Silvana Maria. **Cidade, cotidiano e Imaginário**. In: SILVA, J. Borzacchiello da; COSTA, M. Clélia Lustosa & DANTAS, Eustógio W.C. (Orgs.).*A Cidade e o Urbano:* Temas para Debates. Fortaleza: EUFC, 1997.

ROCHA, Paulo A. **A Cidade e o Rio: Produção do Espaço Urbano em Sobral – Ceará**. (Dissertação de mestrado). Fortaleza: Prodema-UFC, 2005.

ROCHA, Samir A. **Geografia Humanista: História, Conceitos e uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo.** R. RA'EGA, Curitiba: Editora da UFPR, 2007. 19-27p.

ROCHA, Hebert. **O Lado esquerdo do Rio**. São Paulo, Hucitec, 2003.

RODRIGUES, Cristiane Moreira. **Cidade, Monumentalidade e Poder**. Disponível em: www.uff.br/geographia/rev_06/cristiane6.pdf. Acesso em 21 fev 2009.

SAUER, Carl. **Geografia Cultural**. In: CORRÊA, R. Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técinica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Clezio. **O desenho da paisagem feito por alunos do ensino fundamental** (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas. 2000.

SANTOS, Ana Maria Pessoa dos. **Cartas do Sobrado.** Rio de Janeiro: Ed. Casa de Rui Barbosa, 2008.

SILVA, J. Borzacchiello da & CAVALCANTE, Tércia C. ***Atlas Escola Ceará:*** Espaço Geohistórico e Cultural. João Pesoa: Grafset, 2002.

SILVA, J. Borzacchiello da. **A Cidade Contemporânea no Ceará**. In: SOUZA, SIMONE (Cord.). Uma Nova *História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2004.

_____. **Espaço e Contradições**. In: DAMIANI, A. L.; CARLOS, A. F.A.; SEABRA, O.C.L. (Org.). *O Espaço no Fim do Século* – A Nova Raridade. São Paulo: Ed.Contexto, 1999.

_____. **A região metropolitana de Fortaleza**. In: SILVA, J.B.da. et al. (Org.). **Ceará**: um novo olhar geográfico. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005, p.101 - 124.

SILVA, José A. da. **A expansão urbana de Sobral:** Agentes Sociais, Processos e Formas Espaciais da Cidade (1960-1996), Monografia de Graduação. Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2001.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia:** contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. Tradução por Lívia de Oliveira. São Paulo. Difel, 1980.
_____. **Espaço e Lugar. A perspectiva da Experiência**. Tradução por Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VASCONCELOS, Pedro de A. **A Aplicação do Conceito de Segregação Residencial no Contexto Brasileiro de Longa Duração**. In: Revista Cidades, v.1. n. 2, 2004. ISSN 1679-3625.

ZANATTA, Beatriz A. **A Abordagem Cultural na Geografi**a. Disponível em: www.nee.ueg.br/seer/index.php/temporisacao/article/view/28/45. Acesso em: 03 abr 2007.

APENDICES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

Questionário

NOME: _____ IDADE_____ NATURALIDADE _____

PROFISSÃO: _____ Em qual atividade? _____ É próximo ao bairro? _____

Há Quanto tempo reside na cidade? _____ E no Bairro? _____

1. Você gosta de morar em Sobral? _____
2. O que o faz gostar de Sobral?

_____
_____
_____
_____

3. Que sentimento você tem pela cidade?

_____
_____
_____
_____

4. O que mudou na cidade?

_____
_____
_____
_____

5. Você conhece a história da cidade de Sobral? O que lembra de mais importante? De mais curioso na história?

_____
_____
_____
_____

Como era a cidade quando você chegou? (ou como era a cidade no passado?) (Para o Migrante).

_____
_____
_____
_____
_

5. Você conhece a história da cidade de Sobral? O que lembra de mais importante? De mais curioso na história?

_____
_____
_____
_____

6. É importante para você conhecer a história da formação de Sobral?
_____Por que? _____

_____
_____
_____

7. Você se sente importante como cidadão de Sobral? O que o faz sentir importante?

_____
_____
_____
_____

08. Quanto aos lugares da cidade, quais melhor representam Sobral, que identificam a cidade?

_____
_____
_____
_____

09. As mudanças na cidade em relação aos novos equipamentos, às novas áreas de lazer, entre outros, trouxeram algo de importante para você?

_____
_____
_____
_____

10. Em que local você costuma fazer compras?
Vestuário_____ Supermercado _____
11. a)Quais as atividades de lazer que você costuma realizar?
_____
b) Você sai do bairro para realizar estas atividades? _____

12. A cidade de Sobral é sua referência?

_____
_____
_____
_____

13. Para finalizar, como você descreve Sobral?

_____
_____
_____
_____

PARA O MIGRANTE:

1. Você se sente mais sobralense?

_____
_____
_____
_____

2. Que motivos o trouxeram a residir na cidade?

_____
_____
_____

3. Se não fossem esses motivos, você espontaneamente se transferiria para residir aqui? Por que?

_____
_____
_____

4. Espera voltar um dia para o lugar de onde veio? Por que?

_____
_____
_____
_____

5. Você costuma viajar ao seu local de origem costumeiramente?

_____
_____
_____
_____
_____

APOIO:

UFC

Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico